Rudolf Steiner

O CONHECIMENTO DOS MUNDOS SUPERIORES

(A INICIAÇÃO)

3ª EDIÇÃO REVISTA

TRADUÇÃO DE
ERIKA REIMANN

Título original:

WIE ERLANGT MAN ERKENNTNISSE DER HÖHEREN WELTEN?
© 1961 Rudolf Steiner Verlag Dornach, Suíça
GA-Nr. 10 – ISBN 5-7274-0100-1

Direitos desta tradução reservados à

EDITORA ANTROPOSÓFICA
(Associação Pedagógica Rudolf Steiner)
R. São Benedito, 1525 – c/45 - 04735 São Paulo – SP
Tel. (011) 247-9714

1ª edição: 1985
2ª edição: 1987
3ª edição – 1991
ISBN 85-7122-029-8

SUMÁRIO

Prefácio à terceira edição alemã
Prefácio à quinta edição alemã
Prefácio à última edição do Autor

O conhecimento dos mundos superiores
    Condições
    Calma interior
Os graus da iniciação
    A preparação
    A iluminação
    Controle dos pensamentos e sentimentos
A iniciação
Considerações de ordem prática
As condições para a disciplina oculta
Sobre alguns efeitos da iniciação
Modificações na vida onírica do discípulo
A aquisição da continuidade da consciência
A cisão da personalidade durante a disciplina espiritual
O guardião do limiar
Vida e morte – O grande guardião do limiar

Posfácio à última edição do Autor

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO ALEMÃ

Com o presente volume aparecem, sob forma de livro, explanações originalmente publicadas em artigos avulsos sob o titulo: *Como se adquirem conhecimentos dos mundos superiores?* Por ora este tomo apresentará a primeira parte; um segundo conterá a continuação. Não se poderá apresentar, sob sua nova forma, este trabalho sobre o desenvolvimento do indivíduo para a compreensão dos mundos supra-sensoriais sem prefaciá-lo com algumas palavras. As informações relativas ao desenvolvimento anímico do indivíduo, nele contidas, visam a satisfazer diversos objectivos. Em primeiro lugar, destinam-se àqueles que se sentem atraídos pelos resultados das investigações espirituais e que forçosamente farão a seguinte pergunta: ora, de onde extraem seus conhecimentos as pessoas que afirmam poder falar sobre as elevadas questões enigmáticas da vida? A Ciência Espiritual diz algo acerca desses enigmas. Quem desejar observar os factos que conduzem a essas afirmações terá de elevar-se aos conhecimentos supra-sensoriais e percorrer o caminho que se procurou descrever neste livro. Seria, porém, um erro considerar as afirmações da ciência oculta sem valor para aqueles que não tenham a inclinação ou a possibilidade de seguir por si esse caminho. Para *investigar* os factos é preciso ter a faculdade de penetrar nos mundos supra-sensoriais; sendo estes, porém, pesquisados e relatados, pode convencer-se da verdade dos relatos mesmo quem não percebe por si mesmo. Uma grande parte dos mesmos pode ser provada facilmente, desde que se aplique o juízo sadio de maneira realmente imparcial. Apenas a pessoa não deveria, nesta imparcialidade, deixar-se perturbar por quaisquer possíveis preconceitos, tão numerosos na vida humana. Encontrar-se-á facilmente, por exemplo, a opinião de que isso ou aquilo é incompatível com certos resultados alcançados pela ciência atual. Na verdade, não há resultado científico algum que contrarie a pesquisa espiritual. Realmente, se os resultados científicos não forem encarados de maneira imparcial sob todos os ângulos, chegar-se-á facilmente a *crer* que este ou aquele parecer cientifico discorda das informações sobre os mundos superiores. Concluir-se-á que, quanto mais se relacionar sem prevenções a Ciência Espiritual com as conquistas científicas positivas, mais se perceberá sua total concordância.

Contudo, uma outra parte das informações da Ciência Espiritual escapa, de certa forma, a critérios meramente intelectuais. Isto se torna de fácil compreensão, no entanto, quando se verifica que não apenas o raciocínio pode ser um juiz da verdade, mas também o sentimento *sadio.* E quando esse sentimento não se deixa arrastar pela simpatia ou antipatia por esta ou aquela opinião, mas permite que os conhecimentos dos mundos supra-sensoriais atuem de maneira realmente imparcial, surgirá também um adequado critério de sentimento. Há ainda outros meios para confirmação desses conhecimentos, para as pessoas que não podem ou não querem trilhar o caminho que conduz aos mundos supra-sensoriais. Tais pessoas podem, porém, sentir o valor que esses conhecimentos têm para a vida, mesmo quando apenas obtidos das informações do pesquisador espiritual. Nem todos podem tornar-se logo clarividentes, mas os conhecimentos de um clarividente são um salutar alimento para a vida de qualquer pessoa. Pois cada um pode empregá-los na vida. E quem o faz logo verificará o quanto a vida se enriquece com eles em todos os domínios, devido aos novos conhecimentos, e o quanto se empobrece ao exclui-los. Os conhecimentos dos mundos supra-sensoriais, correctamente aplicados à vida, demonstram ter um carácter eminentemente prático.

Mesmo quem não pretende trilhar o caminho superior do conhecimento pode sentir-se atraído para os factos observados no mesmo e perguntar de que modo o clarividente chega a esses factos. Para as pessoas interessadas nessa pergunta, este livro quer dar uma imagem do que é necessário empreender para realmente conhecer os mundos supra-sensoriais. Deseja descrever o caminho de tal maneira que mesmo quem não o siga confie nas narrações de quem já o percorreu. Pode-se estudar a natureza da actividade do investigador espiritual e, aprovando-a, concluir que a impressão causada pela descrição do caminho para os mundos superiores torna compreensível a plausibilidade dos factos comunicados. Assim, esta obra servirá a todos os que desejarem dar maior firmeza e segurança ao seu sentido e sentimento da verdade relativamente aos mundos superiores. Outrossim, quer ser útil aos que estão à procura, por si mesmos, do caminho dos conhecimentos supra-sensorìais. Experimentarão melhor a verdade do que aqui é apresentado as pessoas que o realizarem em si mesmas. Quem tiver tal propósito fará bem em repetir para si mesmo que, na descrição do desenvolvimento da alma, é necessário esforçar-se por conseguir mais que a familiarização com o conteúdo, como é o caso em outras explanações. É necessária uma íntima comunhão com a descrição; impõe-se o pressuposto de não se poder compreender *uma* coisa apenas pelo que se ouviu falar dela, mas através de informações sobre assuntos inteiramente diferentes. Verificar-se-á assim que o essencial *não* reside em *uma só* verdade, mas na univocidade de todas. Quem quiser exercitar-se precisará considerar isto muito seriamente. Um exercício bem compreendido e correctamente executado poderá, mesmo assim, actuar incorrectamente se o executante deixar de acrescentar outro, que compelirá a unilateralidade do primeiro a uma harmonia da alma. Quem ler este livro com profunda atenção, de modo que a leitura se torne uma vivência interior, não só se familiarizará com o conteúdo, mas chegará a sentir diferentes sentimentos, segundo as diversas passagens; reconhecerá, assim, que *peso* um ou outro representa para a evolução da alma. Descobrirá, ainda, o modo mais apropriado, em especial à sua individualidade, de executar este ou aquele exercício. Quando se trata, como nesta obra, de descrições de processos que devem ser *vivenciados,* é mister recorrer repetidamente ao conteúdo do livro; pois nos convenceremos de que existem muitas coisas que não podemos compreender satisfatoriamente sem pesquisá-las para, depois da pesquisa, perceber certas subtilezas que nos escapavam anteriormente.

Também os leitores que não tencionam seguir o caminho indicado hão de encontrar no texto muita regra útil para a vida interior, sejam máximas de vida, sejam indicações de como esclarecer este ou aquele problema aparentemente enigmático, etc.

E muitos que já passaram por muitas experiências no decorrer da existência, tendo assim experimentado de certo modo uma iniciação pela vida, hão de sentir certo contentamento ao encontrar aqui esclarecimentos para muita coisa que já pressentiam, que já sabiam sem ter talvez consciência nítida desse conhecimento.

Berlim, 12 de outubro de 1909

Rudolf Steiner

PREFÁCIO À QUINTA EDIÇÃO ALEMÃ

A nova edição desta obra exigiu uma revisão minuciosa do texto, escrito há mais de dez anos, o que é natural quando se trata de informações tais como as descritas neste livro, sobre vivências e caminhos anímicos. Não há parte alguma destas informações que não esteja intimamente ligada à alma do autor e não contenha algo que nela trabalhe de maneira continua. Tampouco poderia deixar de unir-se a esse trabalho anímico o anseio de dar maior clareza e nitidez à explanação dada anos atrás. Esse anseio brotou naquilo que procurei fazer pelo livro nesta nova edição. Embora em todos os elementos *essenciais* das explicações todos os factos principais tenham permanecido, foram, no entanto, efectuadas algumas *modificações importantes*. Muito pude fazer, em várias passagens, por *uma mais exacta caracterização em detalhes*. Isto me pareceu importante. Se alguém quiser empregar na própria vida espiritual as informações deste livro, é importante que focalize do modo mais exacto possível os caminhos anímicos aqui referidos, pois os fenómenos espirituais interiores facilitam os mal-entendidos em escala muito maior que a descrição dos factos do mundo físico. A mobilidade da vida anímica, a necessidade de nunca perder da consciência, ao abordá-la, o quanto ela é diferente de toda a existência no mundo físico e muitos outros factores contribuem para a possibilidade de tais mal-entendidos. Cuidei, nesta nova edição, de descobrir as passagens do livro onde poderiam surgir, e esforcei-me por evitá-los no texto.

Quando escrevi os artigos de que o livro se compõe, foi necessário explicar certas coisas de modo diferente do atual. Naquela época eu não podia fazer alusão a muita coisa contida em minhas publicações dos últimos dez anos sobre factos do processo de conhecimento dos mundos espirituais. Em *A ciência oculta *, A direcção espiritual do homem e da Humanidade **, Ein Weg zur Selbster-kenntnis des Menchen **** (Um caminho para o autoconhecimento do homem) e, sobretudo, em *O limiar do mundo espiritual***** e também em outros de meus livros, descrevi fenómenos espirituais a cuja existência o livro, há mais de dez anos, já devia fazer alusão, porém em termos diferentes daqueles que agora me parecem apropriados. Naquela ocasião tive de dizer, a respeito de muitas coisas ainda não descritas no livro, que poderiam vir a ser conhecidas por "informações verbais". Actualmente, *muito* do que se subentendia com tais indicações já está publicado. Com essas indicações, no entanto, talvez não fossem totalmente evitadas as concepções erróneas pelos leitores. Poder-se-ia atribuir demasiada importância ao intercurso *pessoal* do discípulo do espiritual com este ou aquele instrutor. Espero ter conseguido acentuar mais nitidamente, nesta nova edição, pela forma de apresentação de certos pormenores, que importa muito mais, conforme as condições espirituais de nossos tempos, ter o discípulo relações *directas* com o mundo espiritual do que tê-las com a personalidade de um instrutor. Este ocupará, cada vez mais, no sentido espiritual, a posição de apenas auxiliar – tal como, de acordo com as ideias modernas, acontece com os professores de qualquer outro ramo da ciência. Creio ter insistido suficientemente no facto de que, no ensino espiritual, não se deverá atribuir maior importância à autoridade do instrutor e à fé em sua pessoa do que em qualquer outro domínio do saber ou da vida. Parece-me de grande importância o julgamento cada vez mais correcto que se deve fazer justamente a respeito das relações do investigador espiritual com pessoas que se interessam pelos resultados de suas pesquisas. Assim,

creio ter melhorado o livro nas passagens nas quais, depois de dez anos, pude achar necessidade de correcção.

A esta primeira parte deve ser acrescentada uma segunda, com exposições sobre a condição anímica que levará o homem à vivência dos mundos superiores.

Ao se ultimar a preparação da nova edição deste livro, teve inicio a grande conflagração que a Humanidade vivência actualmente.***** Escrevo este prefácio com a alma profundamente comovida pelos pressagos acontecimentos.

Berlim, 7 de setembro de 1914

Rudolf Steiner

_____

* S. Paulo, Ed. Antroposófica, 3'. ed. 1991.
** S. Paulo, Ed. Antroposófica, 2'. ed. 1991.
*** Rudolf Steiner Verlag Dornach, GA-Nr. 16.
**** S. Paulo, Assoc. Ped. Rudolf Steiner, 1980 (apostilha).
***** Primeira Guerra Mundial. (N.T.)

PREFÁCIO À ÚLTIMA EDIÇÃO DO AUTOR

Para o conteúdo da nova edição do presente livro, pareceu-me necessário, na revisão, fazer apenas pequenas modificações. Em compensação, acrescentei a esta edição um epilogo, no qual me esforcei para exprimir-me de modo mais claro do que anteriormente sobre vários assuntos referentes aos fundamentos anímicos em que devem basear-se as informações dadas neste livro, a fim de serem recebidos sem equívocos. Creio que o conteúdo desse epílogo servirá também para elucidar, a muitos adversários da Ciência Espiritual Antroposófica, que eles só podem sustentar seu juízo por conceberem como ciência espiritual algo completamente diferente do que esta representa e que foge ao seu alcance.

Maio de 1918

Rudolf Steiner

O CONHECIMENTO DOS MUNDOS SUPERIORES

Condições

Em cada ser humano há faculdades latentes através das quais ele pode adquirir conhecimentos dos mundos superiores. O místico, o gnóstico, o teósofo, sempre falaram de um mundo das almas e de um mundo dos espíritos, para eles existentes com a mesma realidade daquilo que nossa vista física pode ver ou nossa mão física pode apalpar. Quem ouvir isto, pode pensar a qualquer momento: "Aquilo a que eles se referem posso também experimentar, caso desenvolva certas forças ainda adormecidas dentro de mim." A questão trata-se apenas de saber por onde começar para desenvolver em si tais faculdades. Somente aqueles que já possuem em si tais forças ou poderes, podem instruir. Desde que a humanidade existe, existiu sempre uma disciplina através da qual os dotados de faculdades superiores instruíam outros que aspiravam a possuí-las. Essa disciplina é chamada disciplina do oculto, e o ensino aí recebido chama-se ensino científico-espiritual ou oculto; tal denominação pode provocar mal-entendidos, levando facilmente a crer que os que se dedicam a tal disciplina nessas escolas queiram parecer seres privilegiados, recusando-se voluntariamente a comunicar a sua ciência a seus semelhantes. Somos tentados a crer que talvez nada exista de relevante por trás de tal saber, pois caso se tratasse de um verdadeiro saber não seria necessário fazer mistério poder-se-ia comunicá-lo abertamente, tornando suas vantagens acessíveis a todas as pessoas.

Os iniciados na natureza da ciência esotérica não se admiram, de modo algum, que os leigos raciocinem assim. Só quem experimentou por si mesmo, até certo grau, essa iniciação nos mistérios superiores da existência pode compreender em que consiste o segredo da iniciação. Pode-se perguntar: em tais circunstâncias, como pode um não-iniciado chegar a ter qualquer interesse humano no assim chamado saber oculto? Como e por que procurar algo cuja natureza não pode imaginar? Tais perguntas baseiam-se numa ideia inteiramente errónea a respeito da essência do saber oculto. Em verdade, procede-se com o saber oculto da mesma forma que com todo o restante saber ou capacidade do ser humano. Esse saber oculto não oferece maior mistério ao indivíduo comum do que o escrever a quem não o aprendeu. E como todos podem aprender a escrever, bastando escolher os caminhos certos, todos podem tornar-se discípulos e até mestres de ocultismo, desde que procurem o caminho adequado. Apenas num ponto de

vista as condições diferem aqui do saber e do "ser capaz" exteriores. Alguém pode estar impossibilitado de aprender a arte de escrever, em razão de sua pobreza ou das condições culturais em que nasceu; para o alcance do saber e do "ser capaz" nos mundos superiores não há obstáculos aos que seriamente o procuram.

Muitas pessoas acreditam que seria preciso procurar, em determinados lugares, os mestres do saber superior para deles se obterem esclarecimentos. Dois pontos são correctos: em primeiro lugar, quem aspirar seriamente a esse saber superior não temerá esforço ou obstáculo algum na busca de um iniciado capaz de introduzi-lo nos mistérios superiores do mundo. Mas, por outro lado, cada um pode também estar certo de que a iniciação o encontrará infalivelmente, desde que haja uma séria e digna aspiração ao conhecimento - pois existe uma lei natural que leva todos os iniciados a jamais recusar a aspirante algum o saber a que este tem direito. Há, entretanto, outra lei igualmente natural, rezando que nada do saber oculto pode ser entregue a quem não esteja em condições de recebê-lo. E um iniciado é tanto mais perfeito quanto mais severamente observa estas duas leis. O laço espiritual que abrange todos os iniciados não é exterior, mas ambas as leis citadas formam elos fortes que asseguram a firmeza dessa ligação. Você pode viver em íntima amizade com um iniciado; mas estará separado de sua essência até que você mesmo se torne um iniciado. Pode desfrutar todo o seu coração, toda a sua afeição; ele só lhe confiará seu segredo quando você estiver maduro para recebê-lo. Nem a lisonja, nem a tortura, nada poderá obrigá-lo a uma revelação que não lhe deva fazer, pois o grau de sua evolução ainda não permite a você preparar o correcto acolhimento do mistério em sua alma.

Os caminhos que amadurecem o indivíduo para o acolhimento de um mistério são precisamente determinados. Suas direcções estão traçadas com letras indeléveis e eternas nos mundos espirituais, onde os iniciados preservam os augustos mistérios. Em tempos remotos, situados antes da nossa "História", os templos do espírito eram visíveis também exteriormente. Hoje, quando nossa vida se tornou tão desespiritualizada, esses templos não existem mais no plano acessível aos olhos materiais. Mas existem espiritualmente por toda parte; e quem os procurar poderá encontrá-los.

Só em sua própria alma é que o ser humano achará os meios para abrir os lábios dos iniciados. Ele deve desenvolver em si certas qualidades até um certo grau elevado; então os supremos tesouros espirituais poderão ser-lhe concedidos.

Certa disposição fundamental da alma deve constituir o início. O investigador do oculto denomina-a a trilha da veneração, da devoção diante da verdade e do conhecimento. Só quem possui esta disposição fundamental pode tornar-se discípulo do oculto. Quem possui experiências nesse domínio sabe quais são as disposições, perceptíveis já na infância, nas pessoas que mais tarde serão discípulos do oculto. Há crianças que erguem os olhos com sagrada timidez para certas pessoas por elas veneradas. Têm-lhe uma veneração que as proíbe, no mais profundo do coração, de deixar surgir qualquer ideia de crítica ou oposição. Ao crescer, tais crianças tornam-se rapazes e moças que se sentem bem ao erguer os olhos para algo digno de veneração. Das fileiras desses seres humanos é que resultam muitos discípulos do oculto. Já não lhe ocorreu alguma vez parar diante da porta de uma pessoa venerada e, nessa sua primeira visita, sentir um sagrado acanhamento em pressionar a maçaneta para entrar num aposento que lhe parecia um santuário? Assim, manifestou-se em você um sentimento que pode ser o germe para o seu posterior aprendizado do oculto. É uma ventura para todo ser humano em desenvolvimento ter tais sentimentos latentes. Só não se deve imaginar que essa disposição seja o germe para formar a submissão e a escravidão. A veneração infantil diante do homem tornar-se-á mais tarde veneração diante da verdade

e do conhecimento. A experiência nos ensina que as pessoas mais capacitadas a andar de cabeça erguida são as que aprenderam a venerar onde cabe a veneração. E ela é sempre cabível quando brota das profundezas do coração.

Se não desenvolvermos em nós o profundo sentimento de que existe algo superior ao que somos, não acharemos forças para atingir um grau mais elevado. O iniciado só conquistou a força para alçar sua cabeça às alturas do conhecimento por ter conduzido seu coração às profundezas da veneração e da devoção. A elevação do espírito só pode ser alcançada quando se atravessa o portão da humildade. Você só poderá alcançar um correcto saber quando houver aprendido a respeitá-lo. O homem tem indubitavelmente o direito de defrontar a luz com seu olhar; porém, deve conquistar esse direito. Há leis, na vida espiritual, como as há na vida material. Friccionando-se um bastão de vidro com um material adequado, ele se torna eléctrico, ou seja, adquire a força para atrair pequenos corpos. Isto corresponde a uma lei da Natureza, como sabe quem aprendeu um pouco de física. Sabe-se igualmente, quando se conhecem os princípios da ciência oculta, que cada sentimento de verdadeira devoção desenvolvido na alma promove uma força que conduzirá - cedo ou tarde - ao conhecimento.

Quem possuir em suas disposições os sentimentos devocionais, ou tiver a ventura de tê-los implantados através de uma educação adequada, levará muito consigo quando, na vida posterior, procurar o acesso aos conhecimentos superiores. Quem não trouxer tal preparação encontrará dificuldades já no primeiro grau da senda do conhecimento, a não ser que trate de desenvolver energicamente em si próprio, por meio de auto-educação, a disposição devocional. Em nossa época é particularmente importante voltar toda a atenção para esse ponto. Nossa civilização tende mais à crítica, a julgamentos e condenações, e pouco à devoção e à veneração abnegada. Já nossos filhos preferem muito mais a crítica à veneração abnegada. Mas cada crítica, cada julgamento reprovável expulsa da alma as forças para o conhecimento superior tanto quanto as devolve cada veneração abnegada. Com isto não se pretende atacar nossa civilização. Não se trata, de forma alguma, de aqui manifestar crítica a esta nossa civilização, já que devemos, justamente à crítica, ao autoconsciente julgamento humano, ao "examine tudo e guarde o melhor", a grandeza de nossa cultura. Jamais o ser humano teria alcançado a ciência, a indústria, as comunicações, as condições jurídicas de nossa época se não houvesse aplicado crítica a tudo, se não houvesse submetido tudo ao critério de seu julgamento. Mas o que assim conquistamos em cultura exterior, tivemos de pagá-lo através de correspondentes perdas de conhecimento superior, de vida espiritual. Convém frisar não tratar-se, na cognição superior, de veneração a pessoas, mas sim daquela veneração diante da verdade e da cognição.

Uma coisa, porém, todos devem ter em mente: para o indivíduo integralmente submerso na civilização alheada de nossa época será bastante difícil avançar ao conhecimento dos mundos superiores. Ele só o conseguirá se energicamente se autodisciplinar. Numa época em que as condições da vida material eram simples, alcançava-se também mais facilmente uma elevação espiritual. Aquilo que merecia veneração, que era digno de manter-se sagrado, sobressaía-se mais das restantes condições mundiais. Os ideais são degradados numa época crítica. Outros sentimentos tomam lugar da devoção, do respeito, da adoração e da admiração. Nossa época faz recuar cada vez mais esses sentimentos, de modo que na vida quotidiana eles são levados ao ser humano apenas em níveis muito baixos. Quem procura o conhecimento superior terá de desenvolvê-lo em si. Ele mesmo deverá infundi-lo em sua alma. Isto não é possível através de estudos: só a vida poderá fazê-lo. Quem quiser tornar-se discípulo do oculto terá de educar-se energicamente, para desenvolver em si a

disposição devocional. Terá de procurar, em seu ambiente e em suas vivências, o que lhe possa causar admiração e respeito. Se, ao encontrar uma pessoa, eu censurar suas fraquezas, privar-me-ei de força cognitiva superior; se tentar, com carinho, aprofundar-me em suas boas qualidades, estarei acumulando tal força. O discípulo terá de ponderar constantemente e seguir essa instrução. Os ocultistas experimentados sabem qual força devem à circunstância de, frente a todas as coisas, considerar sempre o lado bom, reprimindo o julgamento condenável. Mas isto não deve permanecer como regra exterior de vida e, sim, terá de apossar-se do mais íntimo de nossa alma. Está nas mãos do ser humano aperfeiçoar-se, transformar-se inteiramente no decorrer do tempo. Mas essa transformação terá de realizar-se em seu mais íntimo, em sua vida mental. Não basta eu mostrar exteriormente, em meu comportamento, respeito perante um ser. Devo ter esse respeito em meus pensamentos. O discípulo deverá começar a assimilar a devoção em sua vida mental. Ele deverá atentar para os pensamentos de desprezo e de crítica negativa em sua consciência. E deverá procurar cultivar pensamentos de devoção.

Cada momento em que nos sentamos para observar em nossa consciência o quanto existe em nós de crítica desdenhosa, desfavorável e negativa sobre o mundo e a vida, cada tal momento nos aproxima mais do conhecimento superior. E nos elevaremos rapidamente se em tais momentos preenchermos nossa consciência só com pensamentos que nos encham de admiração, respeito e devoção para com o mundo e a vida. Quem possui experiência nesse particular sabe que cada um de tais momentos faz despertar, no ser humano, forças que de outra forma permaneceriam adormecidas. É desse modo que ao ser humano são abertos os olhos espirituais. Ele começa, assim, a ver à sua volta objectos que antes não era capaz de ver. Ele começa a compreender que antes só via parte do mundo ao seu redor. A pessoa que se lhe defronta mostra agora uma figura totalmente diferente da anterior. É verdade que esta disciplina ainda não o habilitará a ver aquilo que, por exemplo, se pode descrever como a aura humana, já que para tanto é necessária uma disciplina ainda mais elevada. No entanto, ele poderá elevar-se a essa disciplina superior desde que, antes, se tenha exercitado numa enérgica disciplina da devoção. [1]

A entrada do discípulo no "caminho da cognição" ocorre sem ruído e desapercebida pelo mundo exterior. Ninguém precisa notar nele uma mudança. Ele cumpre seus deveres como antes; ocupa-se de seus negócios como outrora. A transformação ocorre meramente no lado interior da alma, a salvo da vista exterior. Primeiramente, toda a vida anímica do indivíduo é alcançada por aquela disposição devocional para com tudo que é verdadeiramente digno de veneração. Neste sentimento fundamental toda a sua vida anímica encontra o ponto central. Como o Sol vivifica com seus raios tudo que tem vida, assim a veneração vivifica todas as sensações da alma no caso do discípulo.

No início, não é fácil ao indivíduo crer que sentimentos tais como respeito, estima, etc. tenham algo a ver com seu conhecimento. Isto provém do hábito de considerar o conhecimento como uma faculdade em si, que não apresenta ligação alguma com o que ademais ocorre na alma. Com isso não se leva em conta, porém, que é precisamente a alma que conhece. E para a alma, sentimentos são o que para o corpo são as substâncias, constituindo seu alimento. Se, em lugar do pão, dermos pedras ao corpo, sua actividade se extinguirá. Algo semelhante acontece com a alma. Para ela, veneração, respeito e devoção são substâncias nutritivas que a tornam sadia e vigorosa - sobretudo vigorosa para a actividade do conhecimento. Desprezo, antipatia, depreciação dos valores que merecem conhecimento produzem paralisia e fenecimento da actividade cognitiva. Para o ocultista, tal facto é visível na aura. Uma alma que assimila

sentimentos de veneração e devoção altera sua aura. Certos matizes espirituais de vermelho-amarelado, vermelho pardacento desaparecem, sendo substituídos por vermelho-azulado. Desse modo, porém, abre-se a faculdade cognitiva; ela passa a receber conhecimento de factos de seu ambiente, de cuja existência não tinha antes noção alguma. A veneração desperta uma força simpática na alma e através dela são, por nós, atraídas qualidades de seres que nos rodeiam, as quais, de outro modo, permanecem ocultas.

Mais eficaz ainda se torna o que podemos conseguir através da devoção, quando se lhe acrescenta uma outra espécie de sentimentos. Consiste no facto de o indivíduo aprender a abandonar-se cada vez menos às impressões do mundo exterior, desenvolvendo, em compensação, uma vida interior activa. Uma pessoa que corre de uma impressão do mundo exterior a outra, constantemente em busca de "distracção", não encontrará o caminho da ciência oculta. O discípulo não deve desinteressar-se do mundo exterior, mas sua rica vida interior terá de indicar-lhe a direcção em que ele poderá entregar-se às suas impressões. Uma pessoa cuja alma esteja plena de sentimentos profundos terá, ao passar por uma bela paisagem montanhosa, vivências diferentes daquelas de uma pessoa apática. Só o que vivenciamos interiormente nos dá a chave para as belezas do mundo exterior. Um homem viaja pelo mar, mas apenas poucas vivências interiores lhe perpassam a alma; o outro percebe, nas mesmas circunstâncias, a linguagem eterna do Espírito Cósmico - se lhe desvendam enigmas secretos da Criação. Devemos ter aprendido a lidar com os próprios sentimentos e representações mentais se quisermos estabelecer uma relação substancial com o mundo exterior. O mundo exterior, em todos os seus fenómenos, transborda magnificência divina; no entanto, temos de primeiramente vivenciar o divino em nossa própria alma se quisermos encontrá-lo no meio ambiente. O discípulo é convidado a criar em sua vida momentos nos quais, silenciosa e solitariamente, se aprofunde em si próprio. Mas não deverá abandonar-se, em tais momentos, a questões de seu próprio "eu", pois isso resultaria no contrário daquilo que intenta. Ele deve, isso sim, deixar ressoar, no silêncio, o eco daquilo que tem vivenciado, que o mundo exterior lhe tem dito. Cada flor, cada animal, cada acção desvendar-lhe-á, em tais momentos silenciosos, segredos jamais imaginados. E desse modo ele é preparado para colher novas impressões do mundo exterior com uma visão totalmente diferente da anterior. Quem apenas pretende saborear uma impressão após outra verá embotar-se sua capacidade cognitiva. Quem, após o prazer, se permitir revelar algo desse prazer, cultivará e educará sua capacidade cognitiva. Apenas terá de acostumar-se a não somente deixar ressoar o eco do prazer, mas sim, por meio da renúncia a um novo prazer, elaborar a satisfação obtida mediante actividade interior. O "recife", representando perigo, aqui é muito grande. Ao invés de trabalhar em si própria, facilmente a pessoa poderá incorrer no contrário ao querer, posteriormente, esgotar o prazer na íntegra. Não se subestime a possibilidade de aqui se abrirem incalculáveis fontes de erros para o discípulo, uma vez que ele terá de passar pelo meio de um grupo de tentadores de sua alma. Todos eles querem endurecer seu "eu", encerrá-lo em si mesmo. Mas ele deve abrir-se ao mundo. Eis que deve procurar o prazer, já que somente através dele o mundo exterior se lhe aproxima. Tornando-se insensível ao prazer, virá a ser como uma planta incapaz de tirar de seu meio ambiente qualquer substância alimentar. Permanecendo, porém, no prazer, encerrar-se-á em si mesmo, vindo a ser algo para si mas nada significando para o mundo. Por mais intensamente que viva em si e por mais que cultive seu "eu", o mundo o eliminará; para este, ele está morto. O discípulo do oculto considera o prazer apenas como um meio de enobrecer-se para o mundo. O prazer é, para ele, um explorador que o ensina sobre o

mundo. Mas após o ensino mediante o prazer ele caminha em direcção ao trabalho. Não aprende a fim de acumular o aprendido como seu tesouro de sabedoria, mas sim para colocar o aprendido a serviço do mundo.

Em toda ciência oculta reside um princípio que não se deve infringir quando se quer alcançar um fim almejado. Toda disciplina oculta terá de imprimi-lo em seus discípulos. Ele diz: Toda cognição que procuras com o único fito de enriquecer teu saber, somente para acumular tesouros em ti, desviar-te-á de teu caminho; toda cognição, porém, que procuras para tornar-te mais maduro no caminho no enobrecimento humano e da evolução cósmica far-te-á avançar um passo. Essa lei deve ser inexoravelmente observada. Ninguém é discípulo antes de haver feito dessa lei a norma de vida. Pode-se resumir esta verdade da disciplina espiritual na curta frase seguinte: Toda ideia que, em ti, não se torna um ideal mata uma força em tua alma; toda ideia, porém, que se torna um ideal gera forças vitais em ti.

Calma interior

No início de sua disciplina, o discípulo do oculto é apresentado à senda da veneração e ao desenvolvimento da vida interior. Ora, a Ciência Espiritual também fornece regras práticas; mediante sua observância, pode-se entrar no caminho, pode-se desenvolver a vida interior. Essas regras práticas não descendem de nada arbitrário. Baseiam-se em antiquíssimas experiências e remotíssima sabedoria. Por toda parte onde se apontem os caminhos ao conhecimento, elas são dadas da mesma maneira. Todos os legítimos mestres da vida espiritual são unânimes quanto ao conteúdo dessas regras, mesmo que nem sempre as revistam com as mesmas palavras. A disparidade secundária e, no fundo, somente aparente provém de factos que não cabe abordar aqui.

Nenhum mestre da vida espiritual tenciona, através de tais regras, exercer um domínio sobre outras pessoas. Não pretende limitar ninguém em sua independência. Ora, não há ninguém que saiba melhor estimar e proteger a independência humana que os pesquisadores do oculto. Na primeira parte deste texto foi dito que um laço espiritual abrange todos os iniciados, e que duas leis naturais representam os elos que asseguram a firmeza dessa ligação. Ora, se o iniciado sai de seu ambiente espiritual circunscrito para diante do público, tem de considerar imediatamente uma terceira lei. Ei-la: Governa cada um de teus actos, cada uma de tuas palavras de tal forma que através de ti não seja atingido o Livre arbítrio de ser humano algum.

Quem compreendeu que um verdadeiro mestre da vida espiritual é totalmente compenetrado por essa maneira de pensar pode também saber que nada perderá de sua independência ao seguir as regras práticas que lhe são recomendadas.

Uma das primeiras dentre essas regras pode ser revestida das seguintes palavras da nossa linguagem: "Reserva-te momentos de calma interior e aprende, em tais momentos, a discernir o essencial do não-essencial". Cite-se aqui que esta regra prática soa assim ao ser "expressa nas palavras de nossa linguagem". Originalmente, todas as regras e ensinamentos da Ciência Espiritual são dados numa linguagem simbólica de signos. E quem quiser conhecer todo o seu significado e alcance precisa, antes de mais nada, entender essa linguagem simbólica. Este entender pressupõe que a referida pessoa já tenha dado os primeiros passos na ciência do oculto. Ela poderá executar esses passos através da exacta observação das regras que aqui são dadas. O caminho está aberto a qualquer um, desde que compenetrado por uma vontade séria.

Simples é a regra acima quanto aos momentos de calma interior. E igualmente simples é sua observância. Contudo, ela não conduz ao fim almejado senão quando

praticada tão séria e rigorosamente quanto é simples. Sem rodeios deve, pois, ser exposto aqui como essa regra deve ser observada.

O discípulo do oculto terá de recolher-se, por um certo espaço de tempo, de sua vida quotidiana para dedicar-se a algo inteiramente diferente dos objectos de sua ocupação diária. E também a natureza de sua ocupação terá de ser totalmente diferente daquela com que ele preenche o resto do dia. Isso, porém, não deverá ser entendido como se aquilo a que ele se dedica, nesse tempo de recolhimento, nada tenha a ver com o conteúdo de seu trabalho quotidiano. Pelo contrário: a pessoa que procura correctamente tais momentos de recolhimento logo perceberá que, justamente através deles, obterá toda a força para sua tarefa diária. Tampouco se deve imaginar que a observância desta regra possa, realmente, subtrair de alguém tempo do cumprimento de suas obrigações. Caso realmente alguém não disponha de mais tempo, cinco minutos diários serão suficientes. Tudo dependerá de como esses cinco minutos serão empregados.

Nesse espaço de tempo, a pessoa terá de desprender-se completamente de sua vida quotidiana. Sua vida dos pensamentos, dos sentimentos deverá então receber matizes diferentes dos costumeiros. Ela deverá fazer com que suas alegrias, seus sofrimentos, suas preocupações, suas experiências, seus actos sejam passados em revista por sua alma. E deverá tomar, então, uma posição tal que tudo o que geralmente vivencia seja encarado de um ponto de vista superior. Pense-se apenas como, na vida comum, se encara de forma inteiramente diferente algo que um outro fez ou vivenciou, comparado com as próprias vivências e acções. Isto não pode ser diferente, pois no que a pessoa vivencia ou faz por si própria ela está entretecida; a experiência ou a acção de um outro ela apenas observa. O que devemos aspirar nos momentos de recolhimento é, pois, contemplar e julgar nossas próprias vivências e acções como se essas não houvessem sido vivenciadas ou feitas por nós próprios, mas por uma outra pessoa. Imagine-se que alguém tenha experimentado um grave golpe do destino. Quão diferentemente ele se coloca diante do facto do que diante de um idêntico golpe de destino sofrido por uma pessoa próxima! Ninguém deve considerar isto injusto, uma vez que está encerrado na natureza humana. E semelhantemente a tais casos extraordinários acontece nos assuntos quotidianos da vida. O discípulo terá de buscar a força para, em certos momentos, considerar-se a si próprio como um estranho. Com a calma interior do juiz, terá de defrontar-se consigo próprio. Se isto for alcançado, as próprias vivências apresentar-se-ão sob uma nova luz. Enquanto a pessoa está entretecida nelas, enquanto está dentro delas, está em relação tanto com o essencial quanto com o acessório.

Ao se alcançar a calma interior da visão panorâmica, o essencial se separa do acessório. Desgosto e alegria, cada pensamento, cada decisão apresentam-se diferentes quando se está, desse modo, em autoconfronto. É como se houvéssemos permanecido o dia inteiro num povoado, vendo de perto as coisas grandes e os menores detalhes; e depois, ao entardecer, subíssemos a uma colina vizinha e observássemos o povoado todo num só golpe de vista. Então todas as partes desse povoado se apresentariam em proporções recíprocas diferentes de quando se está no meio delas. Com relação a golpes do destino vivenciados na mesma oportunidade, isto não será e nem precisa ser alcançado; com relação àqueles ocorridos há mais tempo, isto terá de ser almejado pelo discípulo. O valor de tal introspecção tranquila depende muito menos daquilo que se contempla e muito mais do facto de encontrarmos, em nós próprios, a força que tal calma interior desenvolve.

Todo ser humano traz em seu interior, ao lado de seu - podemos denominá-lo assim - "homem quotidiano", ainda um homem superior. Este homem superior

permanecerá oculto até ser despertado. E somente por si mesmo cada um poderá despertar esse homem superior dentro de si. Todavia, enquanto esse homem superior não for despertado, também permanecerão adormecidas as faculdades superiores latentes em cada um e que levam ao conhecimento supra-sensorial.

Enquanto alguém não experimentar o fruto da calma interior, terá de dizer a si mesmo que deve perseverar na observação séria e rigorosa das citadas regras. Para todos os que assim procederem, chegará o dia em que, ao seu redor, haverá uma luz espiritual onde um mundo novo se descortinará a uma visão até então desconhecida.

E nada precisa mudar na vida exterior do discípulo pelo facto de ele ter começado a observar essa regra. Ele se ocupa de suas obrigações como antes: suporta os mesmos sofrimentos e vivencia as mesmas alegrias de outrora. De forma alguma poderá tornar-se, por isso, alheio à "vida". Será, isso sim, capaz de ocupar-se mais intensamente dessa "vida" no resto do dia por haver adquirido, em seus momentos de recolhimento, uma "vida superior". E, pouco a pouco, essa "vida superior" exercerá uma influência sobre a vida comum. A calma dos momentos de seu recolhimento terá seu efeito também na vida quotidiana. O indivíduo tornar-se-á mais calmo, ganhará firmeza em todos os seus actos, não mais se deixando perturbar por quaisquer incidentes. Paulatinamente, tal aspirante do oculto guiar-se-á cada vez mais, por assim dizer, a si mesmo e cada vez menos pelas circunstâncias e influências exteriores. Tal indivíduo logo perceberá a fonte de energia que tais espaços de tempo significam para ele. Começará por não mais irritar-se com factos que antes o irritavam. Inúmeras coisas que antes o atemorizavam deixam de lhe causar medo. Ele adquire uma concepção de vida inteiramente nova. Antes ele abordava, talvez, uma ou outra tarefa hesitando. Dizia a si mesmo: "Oh! Minhas forças não são suficientes para executá-la como eu gostaria." Agora não mais lhe ocorre esse pensamento, e sim um completamente diferente. Eis que agora ele diz a si mesmo: "Concentrarei toda a força a fim de elaborar minha tarefa da melhor forma que me for possível." E reprime o pensamento que o possa tornar hesitante, uma vez cônscio de que justamente a hesitação poderá levá-lo a um mal desempenho e, em todo caso, essa hesitação não contribuirá para o que lhe cabe fazer. E, dessa forma, pensamento após pensamento tomarão conta da concepção de vida do discípulo, sendo fecundos e profícuos para sua vida e substituindo aqueles impeditivos e enfraquecedores. Ele começa a conduzir seu barco de vida num rumo seguro e firme em meio às ondas da vida, ao passo que antes era jogado por essas ondas de um lado para o outro.

Tal calma e firmeza actuam retrospectivamente sobre todo o ser humano. O homem interior cresce, graças a isso. E com ele crescem as faculdades internas que conduzem aos conhecimentos superiores. Pois com os passos que dá nesse sentido o discípulo consegue pouco a pouco determinar, por si mesmo, como as impressões do mundo exterior podem influir sobre ele. Ele ouve, por exemplo, uma palavra com a qual um outro quer feri-lo ou irritá-lo. Antes de tornar-se discípulo, ter-se-ia magoado ou irritado. Desde que iniciou a senda do aprendizado do oculto, é capaz de tirar dessa palavra o ferrão ofensivo ou irritante antes de ela encontrar o caminho para o seu íntimo. Ou um outro exemplo: um homem impacienta-se facilmente quando obrigado a esperar. Ele entra na senda do discípulo ocultista. Compenetra-se tanto, em seus momentos de recolhimento, com o sentimento da futilidade de muitas situações de impaciência que, daí em diante, esse sentimento se apresentará imediatamente ao experimentar ele cada nova impaciência. A impaciência prestes a manifestar-se desaparece, e o tempo que de outra forma teria sido desperdiçado com a representação da impaciência talvez seja preenchido por observações úteis, que poderão ser feitas durante o tempo de espera.

Conscientizemo-nos apenas do alcance de tudo isso, levando em consideração que o "homem superior", no indivíduo, está em constante evolução. Contudo, somente por meio da calma e da firmeza descritas lhe é permitida uma evolução regular. As ondas da vida exterior pressionam o homem interior de todos os lados, quando o indivíduo não domina essa vida mas é dominado por ela. Tal homem é como uma planta que tem de desenvolver-se na fenda de um rochedo: definha até que se lhe abra mais espaço. Ao homem interior, nenhuma força exterior pode abrir espaço. Isto somente a calma interior é capaz de fazer, calma essa que ele cria para sua alma. Circunstâncias exteriores somente podem mudar sua situação exterior, sendo que jamais serão capazes de despertar o "homem espiritual" dentro dele. O discípulo terá de gerar, dentro de si próprio, um novo homem, mais elevado.

Esse "homem superior" tornar-se-á então o "soberano interior" que, com mão firme, dirigirá as condições do homem exterior. Enquanto o homem exterior tiver autoridade e direcção, esse "interior" será seu escravo e não poderá, portanto, desenvolver suas forças. Se depende de outra coisa que não de mim o facto de eu me irritar ou não, então não sou meu próprio senhor - ou, melhor dito: ainda não encontrei o "soberano em mim". Terei de desenvolver, em mim, a faculdade de fazer com que as impressões do mundo exterior só me cheguem de uma forma por mim determinada; somente então poderei tornar-me discípulo. E somente na medida em que procurar de forma séria por essa força é que o discípulo poderá atingir o objectivo. Não importa o quanto ele tenha progredido num determinado espaço de tempo; importa apenas o facto de ele se empenhar seriamente na busca. Já houve muitos que, anos a fio, esforçaram-se sem notar em si progresso sensível; no entanto, muitos dentre os que não se afligiram com isso, perseverando inabaláveis, subitamente alcançaram a "vitória interior".

Em muitas situações da vida será, sem dúvida, necessário um grande esforço para criar momentos de calma interior. Mas quanto maior for o esforço necessário, mais significativo também será o que se alcança. No aprendizado do oculto, tudo depende de alguém poder confrontar-se energicamente consigo mesmo, com veracidade interior e irrestrita sinceridade, com todos os seus actos e acções, qual alguém totalmente estranho.

Mas apenas um lado da actividade interior do discípulo é assinalado por esse nascimento do homem superior próprio. É preciso ser acrescentado algo mais. Ainda que se confronte consigo mesmo como se fora um estranho, o indivíduo não deixa de contemplar somente a si mesmo; ele voltará os olhos para aquelas vivências e actos com os quais está emaranhado por sua particular situação de vida. Ele deve ir além disso: deve elevar-se ao puramente humano, que nada mais tem a ver com sua particular situação. Terá de partir para uma consideração daquelas coisas que o interessam como ser humano, ainda que vivesse sob condições totalmente diferentes, numa situação inteiramente outra. Isto faz com que nele surja algo que transcende o pessoal. Ele dirige, com isto, seu olhar a mundos mais elevados que aqueles com os quais o dia-a-dia o reúne. E com isto o ser humano começa a sentir, a perceber que faz parte de tais mundos mais elevados. São mundos sobre os quais seus sentimentos, suas ocupações quotidianas nada lhe podem dizer. É somente aí que ele transfere o ponto central de seu ser para o seu interior. Ele escuta em seu interior as vozes que lhe falam nos momentos da calma interna, cultivando no íntimo um relacionamento com o mundo espiritual. Está libertado do dia-a-dia. O ruído desse dia-a-dia para ele cessou; fez-se silêncio à sua volta. Ele rejeita tudo o que lhe recorda tais impressões de fora. A tranquila contemplação no interior, o colóquio com o mundo puramente espiritual, preenchem toda a sua alma. Tal tranquila contemplação deve tornar-se uma necessidade natural

para o discípulo. Primeiramente ele está de todo submerso num mundo de pensamentos. Terá de desenvolver um vivo sentimento para com essa tranquila actividade de pensamentos. Deve aprender a amar o que aí o espírito lhe faz afluir. Logo deixará de sentir esse mundo dos pensamentos como algo menos real do que as coisas do dia-a-dia que o circundam. Começa a lidar com seus pensamentos tal qual com os objectos no espaço. E então aproxima-se também o momento em que começará a vivenciar aquilo que se lhe revela na tranquilidade do trabalho mental interior como sendo muito mais elevado, mais real do que os objectos no espaço. Ele experimenta o facto de expressar-se vida nesse mundo de pensamentos. Reconhece que nos pensamentos não apenas vivem meras imagens sombrias, mas que através deles lhe falam entidades ocultas. Algo começa, a partir do silêncio, a falar-lhe. Antes, só lhe ressoava através de seus ouvidos; agora, ressoa através de sua alma. Descortina-se uma língua interior - um verbo interior. O discípulo sente-se enlevado ao máximo quando, pela primeira vez, vivencia esse momento. Sobre todo o seu mundo exterior derrama-se uma luz interior. Uma segunda existência começa para ele. A corrente de um mundo divino, divinamente sublime, derrama-se através dele.

Tal vida da alma em pensamentos, que cada vez mais se amplia para uma vida em essência espiritual, denomina-se na gnose, na ciência do oculto, meditação (reflexão contemplativa). Essa meditação é o meio para a cognição supra-sensorial. Mas o discípulo não deve, em tais momentos, entregar-se a um enlevo sentimental. Não deve ter sentimentos indefinidos em sua alma. Isto somente o impediria de alcançar o verdadeiro conhecimento espiritual. Claros, nítidos, precisos terão de formar-se seus pensamentos. Para tanto ele encontrará um esteio não se entregando cegamente aos pensamentos que lhe surgem. Ele deve, muito mais, permear-se com os pensamentos elevados que pessoas mais avançadas, já compenetradas pelo espírito, pensaram em tais momentos. O discípulo deve tomar como ponto de partida os textos que por si brotaram de tal revelação na meditação. Na literatura mística, na gnóstica, na científico-espiritual, encontrará tais textos. Aí se lhe apresentam os assuntos para sua meditação. Os próprios pesquisadores espirituais registraram pensamentos da ciência divina em tais textos; o Espírito, através de seus mensageiros, fê-los anunciar ao mundo.

Tal meditação produz uma transformação completa no discípulo. Ele começa a formar ideias inteiramente novas sobre a realidade. Todas as coisas ganham um outro valor para ele. É preciso sempre repetir: tal transformação não fará com que o discípulo se torne alheio ao mundo. De forma alguma ele ficará alheio às suas responsabilidades quotidianas, pois aprenderá a verificar que a mais insignificante acção que tenha de executar, a mais insignificante experiência que se lhe apresente está em conexão com as grandes entidades do Cosmo e os acontecimentos do Universo. Uma vez que essa relação se lhe torne clara por seus momentos contemplativos, ele se entregará a seu campo de acção quotidiano com uma nova força mais poderosa. Pois agora sabe: seu trabalho, seu sofrimento cabem-lhe por motivos que tocam as grandes leis espirituais do Universo. Vigor para a vida - e não desleixo - brota da meditação.

O discípulo atravessa a vida com passos mais firmes. Haja o que houver, manter-se-á íntegro. Antes não sabia por que trabalhava, por que sofria; agora o sabe. Deve-se reconhecer que tal actividade de meditação conduz melhor ao objectivo quando executada sob a orientação de pessoas competentes, de pessoas que saibam, por si, como proceder em tudo da melhor maneira. Consideremos, portanto, o conselho, a orientação de tais pessoas. Com isto não se perde a liberdade. O que, de outra forma, só pode ser um andar inseguro, às apalpadelas, tornar-se-á, sob tal orientação, um trabalho preciso. Quem se preocupa por aqueles que possuem o saber e a experiência nesse rumo

jamais baterá debalde às portas. Conscientiza-se, porém, de que buscará nada mais senão o conselho de um amigo, e não a prepotência de alguém que queira dominar. Sempre veremos que os que realmente sabem são os homens mais modestos, e que nada lhes é mais desinteressante do que o que as pessoas chamam de ânsia de poder.

Quem se eleva, pela meditação, àquilo que une o ser humano ao espírito começa a vivificar em si o que nele é eterno, o que não é delimitado pelo nascimento e pela morte. Só podem duvidar de tal eterno os que não o vivenciaram por si próprios. Assim, a meditação é o caminho que conduzirá o ser humano também à cognição, à contemplação do eterno, do indestrutível cerne de seu ser. E somente através dela o ser humano poderá chegar a tal contemplação. A gnose, a ciência do oculto falam da eternidade desse cerne do ser, de sua reencarnação. Muitas vezes se pergunta por que o ser humano nada sabe de suas vivências situadas além do nascimento e da morte. Mas não é assim que se deveria formular a pergunta; esta deveria ser, muito mais: como se chega a tal conhecimento? Na meditação correcta se abre o caminho. Por ele é reactivada a recordação de vivências que se situam além do nascimento e da morte. Cada um pode adquirir esse conhecimento; em cada um jazem as faculdades para conhecer e ver, por si, o que ensinam a mística, a ciência espiritual, a Antroposofia e a gnose autênticas. Basta escolher os meios correctos. Somente um ser dotado de ouvidos e de olhos pode perceber sons e cores. Tampouco o olho poderá perceber coisa alguma na falta de luz que torne visíveis os objectos. Na ciência do oculto são fornecidos os meios para desenvolver os ouvidos e olhos espirituais e acender a luz espiritual. Pode-se designar como sendo de três graus os meios da disciplina espiritual: 1. A preparação. Desenvolve os sentidos espirituais. 2. A iluminação. Acende a luz espiritual. 3. A iniciação. Inaugura o relacionamento com entidades superiores do espírito.

---

[1] No último capítulo de meu livro Teosofia [S. Paulo, Editora Antroposófica, 5ª edição 1988], encontra-se claramente descrita a "senda do conhecimento". Ali são dados pontos de vista práticos em pormenores.

OS GRAUS DA INICIAÇÃO

As informações seguintes são elementos de uma disciplina espiritual cujo nome e natureza se evidenciarão a todo aquele que os empregar correctamente. Eles se referem aos três graus através dos quais a disciplina da vida espiritual conduz a certo nível da iniciação. Mas desse conteúdo se encontrará aqui somente o quanto pode ser dito publicamente. São alusões extraídas de uma doutrina ainda muito mais profunda e íntima. Na própria disciplina do oculto segue-se um roteiro bem determinado. Certos exercícios visam a levar a alma do ser humano a um relacionamento consciente com o mundo espiritual. Esses exercícios relacionam-se com o que será exposto mais adiante, mais ou menos como o ensino ministrado numa escola superior de regulamento severo, comparado com a instrução proporcionada numa escola preparatória. Mas a observação séria e perseverante daquilo que aqui se encontra indicado pode conduzir à verdadeira disciplina do oculto. É óbvio que um experimentar impaciente, sem sinceridade e perseverança, não poderá senão levar a absolutamente nada. O estudo do oculto só será coroado de êxito se primeiramente for observado o que já foi dito e se forem feitos avanços sobre essa base.

Os graus indicados pela referida tradição são os três seguintes: 1. A preparação. 2. A iluminação. 3. A iniciação. Não é absolutamente necessário que essas três etapas

sejam sucessivas no sentido de se ter passado completamente pela primeira antes de passar para a segunda e por esta antes de iniciar a terceira. Pode-se, relativamente a certas coisas, já estar partilhando da iluminação e até mesmo da iniciação, enquanto relativamente a outras ainda se está em fase de preparação. Todavia, ter-se-ia de despender um certo espaço de tempo na preparação antes de se poder iniciar uma iluminação. E, pelo menos com relação a alguns pontos, dever-se-á estar iluminado ao se fazer o começo da iniciação. Na descrição, porém, as três etapas terão de ser abordadas sequencialmente, por questão de simplicidade.

A preparação

A preparação consiste no cultivo bem determinado da vida dos sentimentos e dos pensamentos. Por meio desse cultivo, os corpos anímico e espiritual serão dotados de instrumentos sensoriais e órgãos de actividade mais elevados, tal como, a partir de indeterminada matéria viva, as forças da Natureza dotaram de órgãos o corpo físico.

O início deve consistir em se dirigir a atenção da alma para certos fenómenos no mundo em nosso derredor. Tais fenómenos são, de um lado, o germinar, o crescer e o vicejar da vida e, de outro lado, todos os fenómenos relacionados com o murchar, o declinar e o perecer. Em toda parte para onde quer que o ser humano dirija seu olhar, tais fenómenos existem simultaneamente. E em toda parte também provocam, de forma natural, sentimentos e pensamentos no ser humano. Mas o ser humano, sob condições normais, não se entrega o suficiente a esses sentimentos e pensamentos, já que corre rápido demais de uma impressão a outra. Trata-se de ele, intensamente e de forma bem consciente, dirigir a atenção a esses factos. Ao perceber o florescer e o vicejar de uma certa espécie, terá de banir todo o demais de sua alma e abandonar-se, por curto tempo, somente a essa impressão única. E logo se convencerá de que um sentimento, que outrora, em tal caso, apenas passava rapidamente por sua alma, cresce e reveste-se de uma forma vigorosa e enérgica. Esta forma de sentimento ele terá de deixar ressoar calmamente dentro de si. Neste caso terá de acalmar-se por completo em seu íntimo. Terá de fechar-se ao restante do inundo exterior e só seguir aquilo que sua alma diz do florescer e vicejar.

Neste caso não se deve, de forma alguma, acreditar que se possa ir muito longe fazendo embotar os sentidos em relação ao mundo. Deve-se, primeiro, observar os objectos tão intensa e exactamente quanto possível, para só então entregar-se aos sentimentos que revivem e aos pensamentos que emergem na alma. Trata-se de dirigir a atenção para ambos, com perfeito equilíbrio interior. Ao encontrar a necessária calma e se abandonar àquilo que revive na alma, a pessoa vivenciará, ao cabo de algum tempo, o seguinte: verá emergirem, no intimo, novas espécies de sentimentos e pensamentos até então desconhecidos. Quanto mais frequentemente se dirigir a atenção dessa maneira a algo em processo de crescer, florescer e vicejar e, alternadamente, a algo em processo de murchar, perecer, tanto mais vivos se tornarão esses sentimentos. E a partir dos sentimentos e pensamentos que assim surgem, formar-se-ão os órgãos de clarividência tal qual se formam olhos e ouvidos do corpo físico, a partir de matéria vivificada, sob a acção de forças da Natureza. Uma forma bem definida de sentimentos é ligada ao crescer e ao vir-a-ser; uma outra, bem definida, ao murchar e perecer. Mas somente quando o cultivo desses sentimentos for almejado da maneira descrita. É possível descrever, de forma aproximadamente exacta, como são esses sentimentos. Ao atravessar essas vivências interiores, cada qual é capaz de proporcionar a si mesmo uma representação mental completa. Quem frequentemente dirigiu a atenção aos processos

de germinar, vicejar e florescer sentirá algo que se assemelha, remotamente, às impressões ao raiar do Sol. E, a partir do processo do murchar e perecer, surgir-lhe-á uma vivência que da mesma forma poderá ser comparada à lenta ascensão da Lua no horizonte. Esses dois sentimentos são duas forças que, por meio do devido cultivo, ao cabo do desenvolvimento cada vez mais vivo levam a efeitos espirituais dos mais significantes. A quem sempre de novo, sistemática e premeditadamente se entregar a tais sentimentos, descortinar-se-á um novo mundo. O mundo anímico, o assim chamado plano astral, começará a raiar diante dele. Crescer e perecer não mais constituirão factos que outrora deixavam impressões vagas; virão a formar, isto sim, linhas e figuras espirituais de que ele antigamente nada suspeitava. E essas linhas e figuras possuem diversas formas, de acordo com as diversas aparições. Uma flor desabrochada traça uma linha toda especial diante de sua alma, da mesma forma como o faz um animal em crescimento ou uma árvore em vias de morrer. O mundo anímico (o plano astral) desfraldar-se-á paulatinamente diante dele. Nada há de arbitrário nessas linhas e figuras. Dois discípulos do oculto, encontrando-se no mesmo grau de disciplina, sempre visualizarão, face a idêntico fenómeno, as mesmas linhas e figuras. Tão indubitavelmente como dois indivíduos de vista normal enxergam redonda uma mesa redonda - e não redonda um e quadrada o outro -, tão indubitavelmente surgirá, diante de duas almas, a mesma configuração espiritual ao contemplarem uma flor desabrochada. Assim como as configurações de plantas e animais são descritas na História Natural comum, da mesma maneira o conhecedor da Ciência Espiritual descreve ou desenha as configurações espirituais dos processos de crescimento e perecimento segundo classes e espécies.

Quando o discípulo estiver suficientemente adiantado para ver tais configurações em fenómenos que também se lhe apresentam fisicamente ao olho, também não estará longe daquele grau de ver coisas que não possuem existência física e que, portanto, têm de permanecer ocultas àquele carente de qualquer ensinamento da doutrina esotérica.

É necessário enfatizar que o pesquisador do oculto não se deverá perder em reflexões sobre o significado de uma ou outra coisa. Tal trabalho racional só o levará a afastar-se do caminho certo. Ele terá de olhar o mundo sensorial sem prevenções, com um senso sadio, com senso agudo de observação e, em seguida, entregar-se a seus sentimentos. Não deve querer tirar conclusões sobre o significado das coisas, especulando por meio da razão, mas, sim, deve deixar que as próprias coisas se lhe revelem. [1]

Outro ponto importante é o que a ciência oculta chama de orientação nos mundos superiores. A pessoa chega a isso ao compenetrar-se por completo com a consciência de que sentimentos e pensamentos são factos reais, exactamente como o são mesas e cadeiras no mundo físico-sensorial. No mundo anímico e no mental, sentimentos e pensamentos actuam uns sobre os outros tal qual no físico as coisas sensoriais. Enquanto alguém não estiver vivamente compenetrado por essa consciência, não acreditará que um pensamento errado que esteja nutrindo possa actuar sobre outros pensamentos que vivificam o espaço mental, de maneira tão devastadora quanto um projéctil disparado às cegas para objectos físicos, ao atingi-los. Tal indivíduo talvez jamais venha a permitir-se cometer uma acção física visível que considere absurda. Ele não recuará, porém, de nutrir pensamentos ou sentimentos desarrazoados, pois estes lhe parecem inofensivos para o restante do mundo. Todavia, na ciência do oculto só se progredirá atentando-se tanto aos próprios pensamentos e sentimentos quanto se atenta aos passos no mundo físico. Quando alguém depara com uma parede, certamente não tenta passar através dela; dirige seus passos de forma a contorná-la. Orienta-se, pois,

pelas leis do mundo físico. Tais leis também existem para o mundo dos sentimentos e dos pensamentos. Só que não podem impor-se de fora ao ser humano. Terão de fluir a partir da vida de sua própria alma. Isto se consegue ao proibir, a toda hora, a si mesmo de fomentar sentimentos e pensamentos impróprios. É preciso proibir a si próprio, durante esse espaço de tempo, tudo que sejam divagações arbitrárias e pretensiosas, toda fantasia indisciplinada, todo fortuito fluir e reflectir de sentimentos. Longe de se perder com isso a sensibilidade, constatar-se-á, dentro em breve, que só se vem a ser rico em sentimentos e criador de autêntica fantasia quando se ordena, dessa forma, o próprio íntimo. No lugar do sentimentalismo mesquinho e associações pueris de ideias, surgirão sentimentos significativos e pensamentos fecundos. E esses sentimentos e pensamentos levam o ser humano a orientar-se no mundo espiritual e a estabelecer relações correctas com as coisas desse mundo. Um efeito todo especial lhe ocorre. Assim como ele, na qualidade de homem físico, encontra seu caminho entre coisas físicas, assim sua trilha agora o leva através do crescimento e do perecimento, que ele conheceu no caminho acima descrito. Ele acompanhará, então, tudo quanto cresce e viceja, como também, por outro lado, tudo quanto murcha e perece, tal como é indispensável ao seu vicejar e ao Universo.

O discípulo terá de dedicar um outro cuidado ao mundo dos sons. Aí terá de distinguir entre o som produzido pelo assim chamado inanimado (um corpo que cai, um sino ou um instrumento musical) e aquele proveniente de seres animados (animal ou homem). Quem ouve um sino perceberá o som associando-lhe um sentimento agradável; quem escuta um grito de um animal sentirá, além desse sentimento do som, ainda a revelação de uma vivência interior do animal: prazer ou dor. O discípulo do oculto terá de dedicar-se a esta última espécie de sons. Deverá concentrar toda a sua atenção no facto de que o som lhe anuncia algo situado fora da própria alma. E deverá submergir nesse elemento estranho. Deverá ligar intimamente seu sentimento com a dor ou com o prazer que lhe são anunciados através do som. Terá de colocar-se acima do que o som lhe significa - se lhe é agradável ou desagradável, afável ou reprovável; só lhe poderá preencher a alma aquilo que se passa no ser do qual provém o som. Quem praticar sistemática e premeditadamente tais exercícios adquirirá, por esse meio, a faculdade de confluir, por assim dizer, com o ser do qual provém o som. Um indivíduo com sensibilidade musical experimentará tal cultivo de sua vida emotiva com mais facilidade que um outro sem pendores musicais. Todavia, ninguém deverá acreditar que o dom musical por si só já possa substituir esse cultivo. Na qualidade de discípulo do oculto, o indivíduo tem de aprender a sentir-se dessa forma perante toda a Natureza. E, por meio disso, descerá para seu mundo anímico e mental uma nova disposição. Toda a Natureza começará a sussurrar segredos ao indivíduo através de seu ressoar. O que outrora parecia ressonância incompreensível à sua alma torna-se, graças a isso, uma coerente linguagem da Natureza. E onde outrora ouvia apenas som, ao ressoar o assim chamado inanimado, ele ouve agora uma nova linguagem da alma. Progredindo em tal cultivo de seus sentimentos, dentro em breve descobrirá ser capaz de ouvir aquilo de que antes nada suspeitava. Ele começará a ouvir com a alma.

Para se alcançar o mais alto ponto acessível nesse campo, algo mais terá de ser acrescentado. De especial importância para a formação do discípulo é a maneira como ele escuta outras pessoas enquanto falam. Ele deverá acostumar-se a fazê-lo de tal forma que seu próprio íntimo fique absolutamente calado. Quando alguém manifesta uma opinião enquanto um outro escuta, geralmente se faz sentir no íntimo deste último uma concordância ou um desacordo. Muitas pessoas também se vêem certamente impelidas a, de imediato, manifestar sua opinião de concordância e, sobretudo, suas ideias

discordantes. O discípulo terá de levar ao emudecimento toda essa concordância e todo esse desacordo. Não se trata de ele repentinamente mudar sua maneira de viver para procurar alcançar continuamente tal silêncio interior. Ele deverá começar a exercitar-se nisso ao praticá-lo em casos isolados, por ele premeditadamente escolhidos. Então, muito lenta e paulatinamente, como que por si, essa maneira totalmente nova de escutar insinuar-se-á em seus hábitos. Na pesquisa espiritual costuma-se treinar tais exercícios metodicamente. Os discípulos, a título de exercitar-se, sentem-se obrigados a escutar, por um espaço de tempo, os pensamentos mais adversos, ao mesmo tempo levando ao silêncio absoluto todas as concordâncias e, principalmente, todos os julgamentos desfavoráveis. Trata-se, graças a isso, de não apenas abster-se de qualquer julgamento intelectual, mas também de qualquer sentimento de desagrado, de desaprovação ou ainda de consentimento. O discípulo terá especialmente de observar em si mesmo, sempre e cuidadosamente, se tais sentimentos existem, não só na superfície, mas ainda no mais íntimo de sua alma. Ele terá, por exemplo, de escutar as palavras de pessoas que de alguma forma lhe são muito inferiores e, nessa ocasião, reprimir cada sentimento de melhor conhecimento ou de superioridade. É proveitoso para cada um escutar crianças de tal maneira. Até mesmo o mais sábio poderá aprender imensamente de crianças. Assim, o indivíduo conseguirá escutar as palavras de outro de forma inteiramente altruísta, fazendo abstracção absoluta de sua própria pessoa, de sua opinião e maneira de sentir. Se ele se exercitar dessa forma a ouvir sem espírito crítico, mesmo face a opiniões completamente opostas, quando o "mais absurdo" se desenrola diante dele, aprenderá pouco a pouco a amalgamar-se por completo à essência do outro, a nela integrar-se. Escutará então, de permeio às palavras, o interior da alma do outro. Só por meio de constantes exercícios desse tipo é que o som se torna o meio correcto para a percepção da alma e do espírito. Sobretudo, isso pressupõe a mais severa autodisciplina. Esta, porém, conduzirá a um elevado fim. Ora, se esses exercícios forem efectuados em conjunto com os outros indicados, relativos ao soar na Natureza, surgirá uma nova faculdade auditiva na alma, capacitando-a a captar manifestações do mundo espiritual não expressas em sons exteriores, perceptíveis ao ouvido físico. Despertará a percepção do "verbo interior". Ao discípulo desvendam-se, gradualmente, verdades do mundo espiritual. Ele escuta uma linguagem espiritual.[2] Todas as verdades superiores são alcançadas através de tal "fala interior". E o que se pode ouvir pela boca de um autêntico pesquisador do oculto, ele o aprende dessa forma. Isso não quer dizer, em absoluto, que seja desnecessário dedicar-se a textos científico-espirituais antes de, dessa maneira, conseguir perceber a "fala interior". Pelo contrário: o estudo de tais textos, a escuta dos ensinamentos de pesquisadores do oculto também são, por si, meios capazes de proporcionar o autoconhecimento. Cada frase que o indivíduo ouve da ciência oculta é capaz de levar o sentido aonde este tem de chegar, se a alma tiver de experimentar verdadeiro progresso. A tudo que foi exposto deverá ser acrescentado muito mais estudo zeloso daquilo que os pesquisadores do oculto vêm comunicando ao mundo. Tal estudo faz parte da preparação de toda disciplina oculta. E quem quisesse aplicar todos os demais meios não alcançaria fim algum se não assimilasse os ensinamentos dos pesquisadores do oculto. Ora, uma vez que emanaram do "verbo interior" vivo, da "fala interior viva", esses ensinamentos possuem, por si, vida espiritual. Não são meras palavras. São forças vivas. E enquanto você acompanha as palavras de um experimentado ocultista, enquanto lê um livro proveniente de uma verdadeira vivência interior, em sua alma actuam forças que o tornam igualmente clarividente, tal qual as forças da Natureza plasmaram seus olhos e ouvidos a partir de matéria viva.

A iluminação

A iluminação parte de processos muito simples. Também aqui se trata de desenvolver certos sentimentos e pensamentos latentes em cada ser humano e que precisam despertar. Estes só poderão conduzir à percepção das aparências luminosas interiores quem executar com toda a paciência, rigor e continuidade os processos simples. O início se fará com a contemplação, de uma determinada maneira, de diversos seres da Natureza - por exemplo, uma transparente e bem-formada pedra (cristal), uma planta e um animal. Procure-se inicialmente dirigir toda a atenção à comparação da pedra com o animal, da seguinte forma: os pensamentos que para aí são dirigidos terão de atravessar a alma acompanhados de sentimentos vivos. E nenhum outro pensamento, nenhum outro sentimento poderão intrometer-se e perturbar a contemplação intensiva e compenetrada. Diga o discípulo a si mesmo: "A pedra possui uma figura; o animal também possui uma figura. A pedra permanece quieta em seu lugar. O animal muda seu lugar. É o instinto (o apetite) que faz o animal mudar de lugar. E é também aos apetites que serve a figura do animal. Seus órgãos, seus instrumentos são plasmados de conformidade com esses instintos. A figura da pedra não é formada de acordo com apetites, mas sim por uma força livre de apetites." [3] Se nos aprofundarmos intensamente nesses pensamentos e, ao cabo disso, observarmos pedra e animal com compenetrada atenção, viverão então na alma duas espécies de sentimentos inteiramente distintos. Da pedra fluirá uma espécie de sentimento e do animal outra espécie, dentro de nossa alma. De início a coisa provavelmente não terá êxito, mas pouco a pouco, mediante exercícios verdadeiramente pacientes, esses sentimentos aparecerão. Basta apenas exercitar continuamente. Primeiro, os sentimentos existirão apenas enquanto durar a contemplação; mais tarde, terão efeito prolongado. E finalmente virão a ser algo que permanecerá vivo na alma. Bastará o indivíduo recordar-se, e ambos os sentimentos emergirão, mesmo sem contemplação de um objecto exterior. A partir desses sentimentos e dos pensamentos a eles ligados, formam-se órgãos de clarividência. Se depois se acrescentar à contemplação ainda a planta, notar-se-á que o sentimento emanado dela situa-se no meio dos que fluem da pedra e do animal, tanto no que se refere à sua natureza como também ao seu grau. Os órgãos que de tal maneira se plasmam são olhos espirituais. Aprende-se a enxergar paulatinamente, através deles, algo como cores anímicas e espirituais. Enquanto se aprendeu somente o que foi descrito como "preparação", o mundo espiritual, com suas linhas e figuras, permanece escuro; através da iluminação se torna claro. Também aqui é de se frisar que as palavras "escuro" e "claro", assim como as outras expressões usadas, exprimem apenas aproximadamente o que se pretende dizer. Se quisermos servir-nos dos recursos da linguagem comum, não haverá outra alternativa. Essa linguagem foi criada somente para as condições físicas.

A ciência oculta denomina o que para o órgão de clarividência flui da pedra por "azul" ou "vermelho-azulado". Aquilo que é percebido do animal, por "vermelho" ou "amarelo-avermelhado". De facto, são cores de "ordem espiritual" que aí são visualizadas. A cor que emana da planta é "verde" que, pouco a pouco, tende para o rosa claro etérico. Dentre os seres da Natureza, é a planta que, nos mundos superiores, de certa forma tem qualidades semelhantes às que possui no mundo físico. Não é o mesmo, no entanto, o caso da pedra ou do animal. É preciso ter em mente que, com as cores acima citadas, apenas se indicaram os matizes principais dos reinos mineral, vegetal e animal. Na realidade, existem todos os matizes intermediários possíveis. Cada mineral, cada planta, cada animal possui sua nuança particular de cor. Ademais, há ainda as

entidades dos mundos superiores que jamais se incorporam fisicamente, com suas cores muitas vezes encantadoras, mas muitas vezes também horripilantes. De facto, a riqueza cromática nesses mundos superiores é infinitamente maior que no mundo físico.

Uma vez havendo adquirido a faculdade de enxergar com "olhos espirituais", o indivíduo deparará também, dentro de um prazo curto ou longo, com os mencionados seres superiores e, em parte, também inferiores a ele, os quais jamais penetram na realidade física.

Uma vez que o indivíduo tenha progredido até o ponto aqui descrito, muitos caminhos lhe estarão abertos. Mas não se aconselha a ninguém prosseguir ainda mais sem a cuidadosa observação do já dito ou comunicado pelo pesquisador do oculto. E, ainda com relação ao já dito, a melhor coisa será a observância de tal competente direcção. Aliás, se o indivíduo encontrar em si a força e a perseverança para alcançar o correspondente aos referidos graus elementares da iluminação, certamente procurará e encontrará a direcção correcta.

Uma preocupação, no entanto, se fará necessária em quaisquer circunstâncias, e quem não quiser assumi-la fará melhor abstendo-se de todos os passos na ciência do oculto. É preciso que quem se torna discípulo nada perca de suas qualidades de nobreza, bondade e sensibilidade de pessoa acessível a toda realidade física. No decorrer do aprendizado, ele terá, pelo contrário, de aumentar constantemente sua força moral, sua integridade interior, sua capacidade de observação. Para citar um detalhe: durante os exercícios elementares de iluminação, o discípulo terá de cuidar para que sua compaixão para com os mundos humano e animal, seu sentido para com a beleza da Natureza, sejam continuamente aumentados. Caso ele não se preocupe com isso, aquele sentimento e este sentido embotar-se-ão em função de tais exercícios. O coração tornar-se-á endurecido e o sentido, apático. E isto levará a resultados perigosos.

Nos próximos capítulos se abordará, dentro do possível, como a iluminação se configura quando, no sentido dos exercícios acima, relativos a pedra, planta e animal, se ascende ao ser humano, e como, após a iluminação, a fusão da alma com o mundo espiritual sucederá algum dia sob quaisquer circunstâncias e conduzirá à iniciação.

Em nossa época, o caminho à ciência oculta vem sendo procurado por muitas pessoas. De várias maneiras isso está sendo feito, experimentando-se muitos procedimentos perigosos e até condenáveis. Por isso, aqueles que acreditam saber algo verdadeiro dessas coisas devem proporcionar a outros a possibilidade de conhecer um pouco da disciplina do oculto. Aqui, nada foi comunicado além daquilo que corresponde a tal possibilidade. É necessário que algo de verdadeiro se torne público, a fim de que o erróneo não cause grandes danos. Através dos caminhos aqui traçados ninguém poderá sofrer danos, desde que nada seja forçado. Ter-se-á apenas de considerar isto: ninguém deverá dedicar a tais exercícios mais tempo e força do que sua situação de vida e suas obrigações lhe permitem. Ninguém deverá, através da trilha do oculto, mudar de repente algo em suas condições de vida exterior. Se a pessoa almejar resultados verdadeiros, deverá munir-se de paciência; deverá ser capaz de, após poucos minutos de exercício, cessá-los para retomar calmamente o trabalho diário. E nada dos pensamentos relativos aos exercícios deverá misturar-se às actividades quotidianas. Quem não aprendeu a saber esperar, no mais elevado e melhor sentido, não serve para discípulo nem jamais alcançará resultados de valor relevante.

Controle dos pensamentos e sentimentos

Quando alguém procura os caminhos para a ciência do oculto pela forma descrita no capítulo precedente não pode deixar, no decurso de todo o trabalho, de fortalecer-se pela acção contínua de um pensamento. Deverá ter sempre em mente que após algum tempo pode ter realizado consideráveis progressos, sem que estes se lhe evidenciem sob a forma que talvez tenha imaginado. Quem não levar isso em conta facilmente perderá a perseverança e, depois de pouco tempo, renunciará a todas tentativas. As forças e as faculdades que terão de desenvolver para esse fim são, inicialmente, de espécie muito delicada. E sua essência é algo totalmente diverso daquilo que o indivíduo imaginou anteriormente. É que ele apenas estava acostumado a ocupar-se com o mundo físico. O espiritual e o anímico subtraíam-se ao seu olhar e também à sua concepção. Portanto, ele não deve admirar-se quando agora, ao se desenvolverem nele forças espirituais e anímicas, não as percebe de imediato. Reside aí a possibilidade de incorrer num equívoco quem se dirige à trilha do oculto sem orientar-se pelos resultados coletados por experimentados pesquisadores. O pesquisador do oculto conhece os progressos alcançados pelo discípulo muito antes de este próprio ter consciência disso. Ele sabe como os delicados olhos espirituais se formam, antes que o discípulo saiba algo a respeito. E uma grande parte das instruções desse pesquisador do oculto consiste justamente em expressar aquilo que faz com que o discípulo não perca a confiança, a paciência e a perseverança antes de chegar ao próprio conhecimento de seu progresso. É que o perito não pode dar a seu discípulo nada senão o que neste já exista em estado latente. Ele só pode conduzir ao desenvolvimento das faculdades adormecidas. Mas o que comunica a partir de suas experiências torna-se um esteio para quem quer atravessar as trevas rumo à luz.

Muitos abandonam a trilha para a ciência oculta logo depois de nela haverem entrado, porque seus progressos não se lhes tornam perceptíveis de imediato. E mesmo quando as primeiras experiências superiores se apresentam ao discípulo, muitas vezes este as julgará ilusórias porque formava ideias completamente diferentes daquilo que terá de vivenciar. Ele perde a coragem, seja porque julga as primeiras experiências destituídas de valor ou porque as considera tão modestas que não crê serem capazes de, dentro de um prazo previsível, conduzi-lo a algo relevante. Coragem e autoconfiança são, porém, duas luzes que, no caminho para a ciência do oculto, não se devem apagar. Quem não for capaz de sempre recomeçar pacientemente um exercício em que aparentemente malogrou inúmeras vezes não poderá ir longe.

Bem antes de uma nítida percepção dos progressos, surge um vago sentimento de que se está no caminho correcto. E este sentimento terá de ser nutrido e cultivado, pois poderá tornar-se um guia seguro. Antes de tudo, deve-se extirpar a crença de que teria de ser por actividades totalmente estranhas e misteriosas que se alcançariam conhecimentos superiores. É preciso ter em mente que se terá de partir de sentimentos e pensamentos com os quais se convive continuamente, tendo-se apenas de dar a esses sentimentos e pensamentos uma direcção diferente da costumeira. De início, cada um diga a si mesmo: “Em meu próprio mundo de sentimentos e pensamentos acham-se latentes os mais elevados mistérios; só que eu não os percebi até agora.” Tudo repousa, por fim, no facto de o ser humano trazer constantemente consigo corpo, alma e espírito e, no entanto, ter *consciência* precisa só de seu corpo, e não de sua alma e de seu espírito. E o discípulo do oculto conscientiza-se da alma e do espírito tal qual o indivíduo comum tem consciência de seu corpo.

Daí decorre a importância de dar aos sentimentos e pensamentos a direcção correcta. Desenvolvem-se, então, as percepções daquilo que para a vida comum é invisível. Pretende-se aqui indicar um dos caminhos pelos quais isto é feito. Trata-se,

novamente, de uma coisa simples, como quase tudo até aqui exposto. Mas ela produzirá os maiores efeitos se for realizada com perseverança, se o indivíduo for capaz de dedicar-se a ela com a necessária disposição íntima.

Observemos uma pequena semente de uma planta. Convém, diante dessa coisa insignificante, intensificar os pensamentos correctos e, através desses pensamentos, desenvolver determinados sentimentos. Em primeiro lugar, conscientizemos o que se vê realmente. Descrevamos a nós mesmos forma, cor, todos os demais atributos da semente. Depois, reflictamos sobre o seguinte: dessa semente nascerá uma planta multiforme se for plantada na terra. Conscientizemos essa planta, estruturando-a a seguir na fantasia. E, então, imaginemos: "O que agora represento em minha fantasia as forças da terra e da luz mais tarde farão realmente sair da semente. Se eu tivesse à minha frente uma coisa artificial, imitando de forma ilusória essa semente a ponto de meus olhos não poderem discerni-la de uma autêntica, não haveria força nem da terra nem da luz que dela pudesse fazer sair uma planta. Quem conceber esse pensamento com nitidez, quem o vivenciar interiormente, será capaz de formular também o seguinte, com o *sentimento correcto,* dizendo a si mesmo: "Na semente jaz, de forma latente – como *força* da planta toda –, aquilo que mais tarde brotará dela. Na imitação artificial, essa força não existe. E ainda assim ambas são iguais *aos meus olhos."* Na verdadeira semente está, pois, contido algo *invisível,* que não existe na imitação. Dirijamos, então, sentimentos e pensamentos a esse invisível. [4] Imaginemos: "Esse invisível transformar-se-á, mais tarde, na planta visível que terei diante de mim em forma e cor." Abandonemo-nos ao seguinte pensamento: "O *invisível tornar-se-á visível.* Se eu não fosse capaz de *pensar,* não se me poderia anunciar, desde já, o que só mais tarde virá a ser visível."

Deixe-se especialmente claro: o que então se pensa deverá também ser *sentido* intensamente. Deve-se, com *calma,* sem interferência de outros pensamentos, *vivenciar,* em si mesmo, o que foi indicado acima. E é preciso dar tempo para que o pensamento e o sentimento ligados a isso cheguem a encravar-se, por assim dizer, na alma. Se isto for alcançado da maneira correcta, perceber-se-á após algum tempo – talvez após muitas tentativas – uma força interior. E essa força gerará uma nova visão. A semente aparecerá como que envolta em uma pequena nuvem luminosa. Será experimentada, de forma sensorial-espiritual, como uma espécie de *chama.* O centro dessa chama, causar-nos-á uma sensação semelhante à impressão da cor *lilás;* e as bordas, uma sensação semelhante à cor *azulada.* Agora surge o que não se via antes e o que a força dos pensamentos e dos sentimentos criou, força essa que se suscitou interiormente. O que sensorialmente era invisível – a planta que virá a tornar-se visível mais tarde – revela-se aí de forma espiritual-visível.

É compreensível que algumas pessoas considerem isso ilusão. Muitas dirão: "De que me servem tais visões, tais quimeras?" E alguns desistirão e deixarão de prosseguir na trilha. Mas trata-se, justamente nesses difíceis pontos da evolução humana, de evitar que fantasia e realidade espiritual sejam confundidas. E, além do mais, de ter a coragem de avançar e não tornar-se medroso e desalentado. Por outro lado, é preciso sublinhar que o *bom-senso* que distingue a verdade da ilusão deve ser cultivado continuamente. Durante todos esses exercícios, o indivíduo nunca poderá perder o pleno e *consciente* domínio de si mesmo. Tão seguramente como pensa sobre coisas e processos da vida quotidiana, também terá de pensar aqui. Seria grave entregar-se a quimeras. A cada momento ele terá de manter-se com juízo claro, para não dizer sóbrio. E cometeria o maior erro se, através de tais exercícios, perdesse seu equilíbrio, se fosse impedido de julgar tão sadia e claramente sobre coisas da vida quotidiana como o fazia

anteriormente. O discípulo deve, portanto, verificar sempre de novo se acaso saiu de seu equilíbrio ou se continua o *mesmo* dentro das condições em que vive. Apoio firme em si próprio, bom-senso para tudo, eis o que precisa guardar para si. Contudo, cumpre atentar rigorosamente para o facto de que não deve entregar-se a quimeras de qualquer maneira, não deve abandonar-se a toda sorte de exercícios. As direcções de pensamento aqui indicadas têm sido experimentadas e praticadas desde tempos remotos nas escolas do oculto. E unicamente essas são indicadas aqui. Quem quisesse praticar algumas de outra natureza, inventadas por si próprio ou das quais tivesse ouvido falar ou lido aqui ou ali, cairia em erro e dentro em breve encontrar-se-ia numa trilha de ilimitadas fantasmagorias.

Um outro exercício que deverá seguir o já descrito é o seguinte:

Coloquemo-nos frente a uma planta em estado de pleno desenvolvimento. Aí compenetremo-nos do pensamento de que virá o tempo de essa planta perecer. Nada mais existirá daquilo que agora vejo diante de mim. Mas essa planta terá então produzido, a partir de si, grãos de sementes que virão a ser novas plantas. Outra vez perceberei que naquilo que enxergo jaz algo oculto não visto por mim. Compenetro-me inteiramente do seguinte pensamento: esta forma de planta, com suas cores, futuramente não mais existirá. Mas a ideia de que produz sementes ensina-me que não desaparecerá no nada. O que a livra do desaparecimento é algo que agora posso ver tão pouco com os olhos quanto, anteriormente, pude visualizar a planta no grão de semente. *Nela existe algo que não posso enxergar com os olhos.* Se deixo esse pensamento viver *em mim,* e o respectivo *sentimento* em mim liga-se a ele, desenvolver-se-á depois de algum tempo uma força em minha alma que virá a ser uma *nova visão.* Da planta novamente emanará uma espécie de formação espiritual flamejante. Esta, naturalmente, é proporcionalmente maior que a anteriormente descrita. A chama, em sua parte central, poderá ser percebida aproximadamente como sendo azul-esverdeada e, em suas bordas exteriores, vermelho-amarelada.

Acentuemos expressamente: o que aqui é denominado "cores" *não* se vê da mesma forma como olhos físicos vêem as cores, mas a percepção *espiritual* experimenta algo parecido, como ao se obter uma impressão colorida. Perceber espiritualmente o "azul" equivale a vivenciar ou experimentar algo parecido com o que se sente quando o olhar físico pousa na cor "azul". Isso terá de levar em consideração quem, paulatina e realmente, quiser ascender a percepções espirituais. Se, do contrário, espera encontrar no plano espiritual apenas uma repetição do físico, isso lhe causaria as mais amargas desilusões.

Quem consegue visualizar espiritualmente tais fenómenos ganhou muito, pois as coisas se lhe desvendam não apenas na presente *existência,* mas também em seu surgimento e em seu perecimento. Ele começa a ver em toda parte o espírito, do qual os olhos físicos nada podem saber. E, com isto, deu os primeiros passos para, paulatinamente e por concepção própria, desvendar o mistério de *nascimento e morte.* Para os sentidos exteriores, um ser surge pelo nascimento e perece na morte. Mas isto somente porque os sentidos não percebem o espírito oculto do ser. Para o espírito, nascimento e morte são apenas uma transformação, tal qual o desabrochar da flor a partir do botão é uma transformação que se desenrola diante dos olhos físicos. Mas ao se querer conhecê-lo por meio da própria visão, ter-se-á primeiro de despertar, pela maneira indicada, os sentidos espirituais para tal.

Para antecipar desde já mais uma objecção que poderiam fazer pessoas com alguma experiência anímica (psíquica), seja dito o seguinte: não se pretende contestar a existência de caminhos mais curtos e mais simples, nem o facto de um ou outro, a partir

de visão própria, ter chegado a conhecer os fenómenos de nascimento e morte sem, primeiro, percorrer tudo o que aqui está descrito.
Com efeito, há pessoas, dotadas de importantes disposições psíquicas, que apenas carecem de um pequeno impulso para desenvolver-se. Mas essas pessoas são excepções. O caminho aqui indicado, no entanto, é convencional e seguro. Ora, é possível adquirir alguns conhecimentos químicos por um caminho excepcional; mas ao se pretender ser um químico, ter-se-á de trilhar o caminho convencional e seguro.

Surgiria um grave equívoco se alguém acreditasse poder alcançar de forma mais cómoda o fim almejado contentando-se com a mera representação do referido grão de semente ou da planta e *simplesmente* representando-os na fantasia. Quem faz isso poderá, eventualmente, atingir também o fim – não tão seguramente, porém, como pela maneira descrita. A visão à qual se chegará será, na maioria das vezes, uma fantasmagoria. Nesse caso ter-se-ia de aguardar primeiro a transformação em visão espiritual. Pois trata-se de eu não criar arbitrariamente visões *em mim,* mas sim de a realidade criá-las em mim. Das profundezas de minha própria alma a verdade terá de brotar; mas não é meu eu comum que, por si, pode ser o mágico querendo atrair a verdade; devem sê-lo aqueles seres cuja verdade espiritual pretendo contemplar.

Quando o indivíduo, por meio de tais exercícios, tiver encontrado em si os primeiros rudimentos da percepção espiritual, poderá então ascender à contemplação do próprio ser humano. Por ora, ter-se-ão de escolher manifestações simples da vida humana. Antes de ser passar a isso, é necessário que se trabalhe especialmente a sério na íntegra purificação do carácter moral. Ter-se-á de banir todos os pensamentos no sentido de que o conhecimento alcançável dessa maneira possa ser aplicado na satisfação dos interesses pessoais. A pessoa terá de entrar num acordo consigo mesma para *jamais* utilizar no mau sentido, sobre os semelhantes, um poder que porventura venha a adquirir. Portanto, cada um que procura os mistérios da natureza humana através da própria visão terá de obedecer à regra de *ouro* das autênticas ciências espirituais. E esta regra é a seguinte: se você tenta avançar *um* passo na cognição de verdades ocultas, faça, então, ao mesmo tempo, três para diante no aperfeiçoamento de seu carácter rumo ao bem. Quem observar esta regra estará em condições de executar exercícios tais como o que passa a ser descrito:

Evoque-se a imagem de uma pessoa da qual se observou, em alguma ocasião, o modo como *desejou* qualquer coisa. A atenção terá de ser focalizada no apetite. O melhor seria fazer recordar, na memória, aquele momento em que o apetite alcançou maior intensidade, mas quando ainda não se podia julgar se a pessoa obteria ou não o que desejava. E, agora, entregue-se o exercitante inteiramente à representação daquilo que observa na recordação. Estabeleça na própria alma a maior calma interior imaginável. Esforce-se, tanto quanto possível, para tornar-se cego e surdo a tudo o mais que se passa ao seu redor. E atente especialmente para o facto de que, por meio da representação estimulada, desperta um *sentimento* na alma. Deixe esse sentimento ascender em si qual uma nuvem elevando-se no horizonte inteiramente vazio. É, natural que, via de regra, a observação seja interrompida pelo facto de não se ter observado a pessoa em questão o tempo suficiente no referido estado de alma. Provavelmente será preciso fazer cem, até centenas de tentativas inúteis. Não se pode, pois, perder a paciência. Após muitas tentativas, chegar-se-á a vivenciar, na própria alma um sentimento correspondente ao estado de alma da pessoa observada. Então se notará também, após algum tempo, que por meio desse sentimento surgirá uma força que na própria alma se converterá em *visão espiritual* do estado anímico do outro. No campo da visão apresenta-se uma imagem que se experimentará como algo luminoso. E essa

luminosa imagem espiritual é a assim chamada incorporação astral do observado estado anímico do apetite. Pode-se novamente descrever essa imagem como semelhante a uma chama. Ela será percebida, no centro, como vermelho-amarelado e nas bordas como azul-avermelhado ou lilás. Muito depende de que se aja com delicadeza em relação a tais visões espirituais. O melhor será, de início, não comentá-las com ninguém, a não ser com o guia, caso a pessoa o tenha. Pois ao tentar descrever tal aparência por meio de palavras inadequadas poderá tornar-se, muitas vezes, vitima de graves ilusões. Empregam-se palavras triviais que, no entanto, não se destinam a tais coisas, sendo por isso grosseiras e pesadas demais para elas. A consequência disso é o indivíduo ver-se tentado, por meio do próprio esforço em expressar o fenómeno em palavras, a entremear à verdadeira visão toda espécie de quimeras. Novamente, eis uma importante regra para o discípulo: *Sabe guardar silêncio acerca de tuas visões espirituais. Sim – cala-te* até *ante ti mesmo. Não tentes expressar em palavras ou meditar pelo raciocínio desajeitado o que vês no espírito. Abandona-te despreconcebidamente à tua contemplação espiritual e não a perturbes por meio de muita reflexão a respeito. Pois terás de levar em consideração que inicialmente tuas reflexões em absoluto estarão à altura de tuas visões. Esse reflectir, tu o adquiriste em tua vida, até aqui limitada apenas ao mundo físico-sensorial; o que agora adquires ultrapassa tais limites. Não procures, portanto, aplicar ao novo elemento superior o critério antigo. Somente quem já dispõe de alguma segurança na observação das experiências interiores pode falar delas a fim de, por meio de tal testemunho, incen*tivar seus semelhantes. [5]

Ao exercício descrito pode ser adicionado outro complementar: observe-se, da mesma forma, como uma pessoa teve a satisfação de ver um desejo, uma esperança realizar-se. Ao se aplicarem as mesmas regras e cuidados, como indicado para o caso precedente, chegar-se-á, também aí, a uma visão espiritual. Notar-se-á a imagem de uma chama espiritual que no centro é vivenciada como sendo amarela com bordas esverdeadas.

Por meio de tais observações de seus semelhantes, o indivíduo facilmente poderá incorrer num erro moral. Ele pode tornar-se desamoroso. Que isto não suceda terá de ser almejado por todos os meios imagináveis. Para se observar de tal forma será necessário haver alcançado integralmente o nível de possuir a inabalável certeza de que *pensamentos* são coisas reais. Não mais se poderá permitir, acerca dos semelhantes, *pensamentos* inconciliáveis com o mais profundo respeito à dignidade humana e à liberdade do ser humano. O pensamento de que um ser humano pudesse ser, para nós, somente um objecto de observação não nos deveria ocorrer nem por um instante. Cada observação oculta a respeito da natureza humana terá de caminhar de mãos dadas com a auto-educação, estimando ilimitadamente todo o valor intrínseco de cada indivíduo e considerando como algo sagrado e por nós intocável – também em pensamentos e sentimentos – o que reside no interior do ser humano. Terá de permear-nos um sentimento de sagrado respeito diante de tudo o que é humano, mesmo quando apenas pensado em recordação.

Com base apenas nesses dois exemplos pretendeu-se mostrar, preliminarmente, como se penetra até à iluminação acerca da natureza humana. Ao menos pôde-se mostrar, através dos mesmos, o caminho a ser trilhado. A alma de quem encontrar o necessário silêncio e calma interiores que fazem parte de tal observação sofrerá, graças a isso, uma grande transformação. Dentro de pouco tempo, chegará ao ponto em que o enriquecimento interior experimentado por seu ser lhe dará segurança e calma também em sua conduta exterior. E essa conduta exterior transformada retroagirá sobre sua alma. E dessa maneira ele conseguirá prosseguir. Encontrará meios e caminhos para descobrir

cada vez mais aquilo que, da natureza humana, está oculto aos sentidos exteriores. E então se tornará também maduro para perscrutar as misteriosas relações entre a natureza humana e tudo o que existe no Cosmo. Seguindo esse caminho, o indivíduo aproximar-se-á cada vez mais do momento em que poderá executar os primeiros passos da *iniciação.* Porém, antes que este possam ser feitos, ainda é necessário algo. Trata-se de algo de cuja necessidade o discípulo talvez menos se dará conta. Mais tarde, porém, ele o fará.

O que, em verdade, o aspirante à iniciação deve trazer consigo são as virtudes da *coragem* e da *intrepidez,* de certa forma desenvolvidas. Cabe ao discípulo procurar francamente por oportunidades pelas quais essas virtudes possam ser aperfeiçoadas. Na disciplina do oculto elas deveriam ser sistematicamente criadas. Mas também a própria vida é, em verdade, uma boa escola de mistérios nesse sentido; talvez a melhor. Encarar calmamente um perigo, querer superar dificuldades sem hesitar – eis de que o discípulo terá de ser capaz. Ele deverá, por exemplo, face a um perigo, imediatamente despertar o seguinte sentimento: "Meu medo não é de proveito algum – não o devo ter; terei de pensar somente no que é preciso fazer." E terá de chegar ao ponto de lhe ser impossível "ter medo" ou "desanimar-se", pelo menos em seu foro íntimo, diante de situações que antes lhe causavam receio. Através. dl auto-educação nesse sentido, o indivíduo desenvolve em si forças bem determinadas, de que necessita se tiver de ser iniciado em mistérios superiores. Assim como o homem físico precisa de energia nervosa para utilizar seus sentidos físicos, da mesma forma o homem espiritual precisa daquela força que se desenvolve somente em seres de natureza intrépida e corajosa. Quem penetra nos mundos superiores vê, pois, coisas que, pelas ilusões dos sentidos, permanecem escondidas à vista do ser humano comum. Pois ao impedir-nos de olhar também a verdade superior, os sentidos físicos são benfeitores do ser humano. Graças a eles ocultam-se ao homem coisas que, vistas sem preparação, causar-lhe-iam uma imensa consternação, pois ele não poderia suportar sua visão. O discípulo deve ser capaz de suportar essa visão. Ele perderá certos apoios, no mundo exterior, que ele devia justamente a seu emaranhamento na ilusão. É real e literalmente como se chamássemos a atenção de alguém para um perigo ao qual ele há muito estivesse exposto sem, no entanto, ter tido conhecimento do mesmo. Antes ele não tinha medo; mas agora, sabendo a respeito, este lhe sobrevem, embora o perigo não tenha aumentado pelo facto de se tornar conhecido.

As forças do Cosmo são destrutivas e construtivas: o destino das entidades exteriores consiste em nascer e perecer. O conhecedor deverá observar a actuação dessas forças no curso desse destino. O véu que na vida comum cobre a vista espiritual deverá ser afastado. Mas o próprio indivíduo está entretecido a essas forças, a esse destino. Em sua própria natureza jazem forças destrutivas e construtivas. Tão desvendadas as outras coisas se apresentam ao olhar do conhecedor quanto a própria alma se mostra a si mesma. Diante de tal autoconhecimento, o discípulo não pode perder a força. E esta só não lhe faltará se ele vier munido de um bom excedente dela. Para que este seja o caso, ele terá de aprender a conservar a calma e segurança interiores em situações difíceis da vida. Terá de criar, em si, uma forte confiança nos bons poderes da existência. Terá de estar preparado para o facto de que alguns motivos que até então o haviam dirigido deixarão de dirigi-lo. Terá de reconhecer que até então fez e pensou muita coisa só por ter vivido emaranhado na ignorância. Motivos como os que havia possuído até então serão eliminados. Ele agia muitas vezes por vaidade; constatará quão indizivelmente inútil qualquer vaidade é para o conhecedor. Fazia muitas coisas por ganância;

descobrirá quão destrutiva toda ganância é. Terá de desenvolver impulsos inteiramente novos para o agir e o pensar. E justamente para isso é preciso ter coragem e intrepidez.

Sobretudo, trata-se de cultivar essa coragem e intrepidez no mais intimo da própria vida de pensamentos. O discípulo terá de aprender a não desanimar face a um insucesso. Deverá ser capaz do seguinte pensamento: "Quero esquecer que esse assunto malogrou outra vez para mim; tentarei novamente, como se nada houvesse acontecido." Desta forma, ele lutará conquistando a convicção de que os mananciais de forças do Universo, de onde ele pode haurir, são inesgotáveis. Ele se esforçará, sempre de novo, por alcançar o espiritual que o elevará e sustentará, não obstante quantas vezes seu elemento terreno se tenha demonstrado impotente e fraco. Deverá ser capaz de enfrentar o futuro, de não se deixar perturbar, nessa aspiração, por nenhuma experiência do passado. Tendo o indivíduo adquirido até certo grau as qualidades descritas, estará amadurecido para vivenciar os *verdadeiros nomes* das coisas que representam a chave do saber superior. Pois a *iniciação* consiste em se aprender a designar as coisas do Universo pelo nome que têm no espírito de seus divinos Autores. Nesses seus nomes jazem os mistérios das coisas. Eis por que os iniciados falam uma linguagem diferente dos não-iniciados, já que os primeiros dizem as denominações pelas quais os próprios seres foram criados. No próximo capítulo será abordada a iniciação em si, na medida em que dela seja possível falar.

---

[1] Deve-se ter presente que o sentimento *artístico,* a par com uma natureza tranquila e mergulhada em si, é o melhor pressuposto para o desenvolvimento das faculdades espirituais. Esse sentimento penetra através da superfície das coisas e alcança assim seus mistérios.

[2] Somente com quem, por meio da escuta altruísta, chega ao ponto de realmente captar interiormente, em tranquilidade, em silêncio, sem imposição alguma de uma opinião pessoal ou de um sentimento próprio, podem comunicar-se as entidades superiores das quais fala a ciência oculta. Enquanto ainda se emitir qualquer opinião, qualquer sentimento em relação ao que tiver de ser escutado, silenciarão as entidades do mundo espiritual.

[3] O facto aqui aludido, conquanto se refira à observação do cristal, foi deturpado em vários aspectos por aqueles que dele souberam de forma apenas superficial (exotérica), tendo originado, daí, processos tais como "clarividência por meio do cristal" etc. Tais manipulações repousam em mal-entendidos. Foram descritas em muitos livros. Mas jamais serão objecto do verdadeiro (esotérico) ensino do oculto.

[4] Quem pretendesse que com uma precisa averiguação microscópica pudesse distinguir a imitação da semente real mostraria apenas não ter compreendido de que se trata. Não se trata de saber o que realmente se tem à frente de forma sensorial, mas do facto de nisto se desenvolverem forças anímico-espirituais.

[5] Itálicos da presente edição brasileira. (N.E.)

A INICIAÇÃO

A *iniciação* é o mais alto dos graus de uma disciplina do oculto sobre o qual ainda é possível, num texto, fazer *alusões* compreensíveis a todos. Tudo que o ultrapassa é de comunicação difícil de compreender. Mas também a isso encontrará acesso cada um que, através da preparação, iluminação e iniciação, haja avançado até os mistérios inferiores.

O saber e a capacidade proporcionados a um indivíduo por meio da iniciação ele só poderia adquirir, sem esta, num futuro muito remoto – após muitas encarnações – através de um caminho e também de forma completamente diferentes. Quem hoje é

iniciado vivencia algo que de outra forma experimentaria muito mais tarde, sob condições inteiramente diversas.

Um indivíduo só consegue realmente experimentar, dos mistérios da existência, tanto quanto corresponde ao grau de seu amadurecimento. Só por isso existem obstáculos aos graus superiores do saber e do ser capaz. O homem não deve usar uma arma de fogo antes que disponha de suficiente experiência a fim de, através de seu uso, não causar desgraça. Se hoje alguém se tornasse, sem mais nem menos, iniciado, faltar-lhe-ia a experiência a ser ainda obtida através das encarnações no futuro, até que lhe fossem dados a conhecer os correspondentes mistérios no decurso normal de sua evolução. Por isso essas experiências, diante do portal da iniciação, precisam ser substituídas por algo diferente. Sendo assim, os primeiros ensinamentos do candidato à iniciação constituem um substituto de futuras experiências. São as assim chamadas "provas" pelas quais ele terá de passar e que constituem uma sequência regular da vida anímica, se os exercícios, como descri-tos nos capítulos precedentes, forem correctamente prosseguidos.

Dessas "provas" fala-se muito em livros. Contudo, é mais do que natural que tais comentários, via de regra, suscitem representações completamente erróneas quanto à natureza das mesmas. Pois quem não passou pela preparação e iluminação jamais vivenciou algo dessas provas. Por conseguinte, tal pessoa será incapaz de descrevê-las apropriadamente.

Ao candidato à iniciação terão de revelar-se certas coisas e factos pertencentes aos mundos superiores. No entanto, ele só as poderá ver e ouvir se for capaz de sentir as percepções espirituais, como figuras, cores, sons, etc., a cujo respeito foi relatado nos comentários sobre "preparação" e "iluminação".

A primeira "prova" consiste em que ele adquira uma visão mais verdadeira das qualidades dos corpos inanimados e, depois, das plantas, dos animais e do ser humano, tal como a pessoa comum as possui. Com isto, contudo, não nos referimos ao que se denomina hoje em dia conhecimento científico. Pois não se trata de ciência, mas de *visão.* Via de regra, o processo é tal que o candidato à iniciação aprende a reconhecer como as coisas da Natureza e os seres vivos se manifestam ao ouvido e ao olho espirituais. De certa forma, essas coisas apresentam-se desvendadas – nuas – diante do observador. Ao olho sensorial e ao ouvido sensorial ocultam-se as qualidades que aí se ouvem e vêem. Para a percepção sensorial estas se encontram como que envoltas por um véu. O facto de esse véu cair, para o candidato à iniciação, repousa sobre um processo que se denomina "processo de combustão espiritual". Por isto, esta primeira prova é chamada de *"prova do fogo"*.

Para muitas pessoas, a vida comum já constitui por si um processo iniciático, mais ou menos inconsciente, por meio da prova do fogo. São aquelas que passam por ricas experiências desse tipo, cuja autoconfiança, coragem e perseverança crescem de maneira sadia; elas aprendem a suportar dor, decepção, fracasso de empreendimentos com grandeza de alma e, notadamente, com calma e força inabaláveis. Quem passou por experiências desse tipo já é muitas vezes um iniciado, sem que o saiba nitidamente; falta, então, apenas pouco para que se lhe abram os ouvidos e olhos espirituais, vindo ele a tornar-se um clarividente. Pois é preciso notar o seguinte: numa verdadeira "prova do fogo", não se trata de satisfazer a curiosidade do candidato. Sem dúvida ele chega a conhecer factos extraordinários, dos quais outras pessoas não têm a mínima ideia. Contudo esse conhecer não é o objectivo, mas apenas o meio conduzindo ao objectivo. No entanto, o objectivo consiste em que o candidato, através do conhecimento dos mundos superiores e de verdadeira autoconfiança, adquira maior coragem, além de uma

grandeza de alma e perseverança totalmente diferentes do que, via de regra, podem ser adquiridas no âmbito do mundo inferior.

Depois da "prova do fogo", cada candidato ainda pode regressar. Em tal caso, fortalecido física e anímicamente, ele dará continuação à sua vida e, por certo, prosseguirá na iniciação somente numa encarnação ulterior. Na presente, no entanto, será na sociedade humana um membro mais útil do que era antes. Seja qual for a situação em que se encontre, sua firmeza, sua prudência, sua benéfica influência sobre seus semelhantes e sua determinação terão aumentado.

Se o candidato, depois de consumada a "prova do fogo", quiser prosseguir na disciplina do oculto, deve ser-lhe desvendado um determinado sistema de escrita, habitual nas disciplinas do ocultismo. Nesses sistemas de escrita se revelam os ensinamentos do oculto propriamente ditos. Ora, aquilo que está verdadeiramente oculto nas coisas não pode ser expresso directamente pelas palavras da linguagem comum, como tampouco pode ser anotado pelos sistemas comuns de escrita. Aqueles que aprenderam de iniciados *traduzem* os ensinamentos da ciência oculta para a linguagem comum do melhor modo possível. A escrita oculta se revela à alma quando esta alcançou a percepção espiritual, pois essa escrita sempre se encontra grafada no mundo do espirito. Não se pode aprendê-la como se aprende a ler uma escrita artificial. Trata-se muito mais de crescer de maneira apropriada ao encontro do conhecimento clarividente; e no decurso desse crescer desenvolve-se, qual uma faculdade anímica, a força que se sente impelida a decifrar os acontecimentos e entidades do mundo espiritual como caracteres de uma escrita. Poderia ser que essa força e, juntamente com ela, a vivência da respectiva "prova", despertassem como que espontaneamente com o progresso evolutivo da alma. Mas alcança-se mais seguramente o fim quando se obedece às instruções dos experimentados pesquisadores do oculto, que dispõem de habilidade na decifração da escrita oculta.

Os signos da escrita oculta não foram arbitrariamente imaginados, mas correspondem às forças que actuam no Universo. Aprende-se, por meio de tais signos, a linguagem das coisas. Ao candidato revela-se logo que os signos que vai conhecendo correspondem às figuras, cores, sons, etc. que ele aprendeu a perceber durante a preparação e a iluminação. Ele constata que todo o precedente foi apenas uma espécie de soletrar. Só agora começa a ler nos mundos superiores. Tudo o que antes era apenas figura, som e cor isolados se lhe apresenta numa grande conexão. Só agora ele ganha a verdadeira segurança na observação dos mundos superiores. Antes nunca podia saber com certeza se as coisas que havia visualizado haviam sido vistas correctamente. E só agora pode haver um entendimento regular entre o candidato e o iniciado nas áreas do saber superior. Ora, qualquer que seja a forma de convivência de um iniciado com outra pessoa na vida comum, ele só
poderá comunicar algo do saber superior de *forma imediata* pela referida linguagem de signos.

Por meio dessa linguagem o discípulo também chega a conhecer certas regras de conduta para a vida. Ele conhece certos deveres, dos quais anteriormente nada sabia. E uma vez conhecendo essas regras de conduta, será capaz de realizar actos com uma significação que actos de um não-iniciado jamais poderiam ter. Ele atua a partir dos mundos superiores. As directrizes para tais actos só podem ser entendidas na referida escrita.

É necessário acentuar, no entanto, que existem pessoas capazes de executar tais actos *inconscientemente,* embora nunca tenham passado por uma disciplina do oculto. Tais "benfeitores do Universo e da Humanidade" passam pela vida abençoando e

fazendo o bem. Por motivos que não cabe abordar aqui, foram-lhes conferidos dons que parecem sobrenaturais. O que os distingue do discípulo é unicamente o facto de que este último age com *consciência,* com pleno discernimento de toda a relação. Ele conquista, por meio da disciplina, aquilo com que os outros foram agraciados pelos poderes superiores, para o bem do mundo. Pode-se venerar francamente tais "abençoados por Deus", mas nem por isso se deve considerar supérfluo o trabalho da disciplina.

Depois do aprendizado da mencionada escrita de signos, começará para o discípulo mais uma "prova". Por meio desta será demonstrado se ele é capaz de mover-se livre e seguramente no mundo superior. Na vida comum, o indivíduo se vê movido a seus actos por impulsos exteriores. Ele se dedica a uma coisa ou outra porque as condições impõem estes ou aqueles deveres. Certamente não será necessário mencionar que o discípulo não poderá descuidar de nenhum de seus deveres na vida comum, *sob o pretexto* de viver em mundos superiores. *Nenhum* dever num mundo superior pode obrigar alguém a descuidar de um só dever no mundo comum. O pai de família continua, da mesma maneira, a ser um bom pai de família; a mãe, da mesma maneira, boa mãe; o funcionário público não será impedido por nada, tampouco o soldado ou outros quaisquer, quando se tornam discípulos. Pelo contrário: todas as qualidades que fazem com que o indivíduo se torne competente na vida intensificar-se-ão no discípulo, num grau do qual um não-iniciado não pode fazer ideia. E mesmo que ao não-iniciado isso não pareça assim – o que nem sempre, até raramente é o caso –, isso advém do facto de ele nem sempre ser capaz de julgar o iniciado correctamente. O que o último faz às vezes não é, de imediato, compreensível ao outro. Mas também isto, como foi mencionado, apenas se notará em casos excepcionais.

Para quem alcançou o citado grau de iniciação existem, pois, deveres não determinados por nenhum impulso *exterior.* Ele não é impelido a essas coisas por condições exteriores, mas pelas medidas que lhe são reveladas na linguagem "oculta". Agora terá de mostrar, por meio da segunda "prova", ser capaz de agir – guiado por tal medida – tão segura e firmemente quanto um funcionário executa os deveres a que está obrigado. Para este fim, o candidato, por meio da disciplina oculta, sentir-se-á colocado frente a uma determinada tarefa. Deverá executar uma acção de acordo com percepções baseadas no que aprendeu nos graus da preparação e da iluminação. E o que terá de executar ele deverá reconhecer através da escrita caracterizada que assimilou. Se reconhecer sua tarefa e agir correctamente, terá passado pela prova. Reconhece-se o êxito na mudança produzida pela acção nas percepções vivenciadas qual figuras, cores e sons dos ouvidos e olhos espirituais. Nos progressos da disciplina do oculto indica-se nitidamente como essas figuras, etc. se parecerão e serão vivenciadas após a acção. E o candidato deverá saber de que forma produziu tal mudança. Denomina-se essa prova a "prova d'água" porque, ao actuar nesses planos superiores, falta ao indivíduo o apoio das condições externas, tal como lhe falta apoio ao mover-se na água cujo fundo ele não alcança. O processo terá de ser repetido tantas vezes quantas forem necessárias, até que o candidato adquira plena segurança.

Também nessa prova trata-se da aquisição de uma qualidade; e, por meio das experiências no mundo superior, dentro de pouco tempo o indivíduo desenvolve essa qualidade num grau tão elevado que, no decurso normal da evolução, certamente teria de passar por muitas encarnações para atingi-lo. O que importa, em verdade, é o seguinte: a fim de causar a referida mudança no plano superior da existência, o candidato poderá meramente seguir aquilo que resulta da sua percepção superior e da leitura da escrita oculta. Se à sua acção ele entremeasse algo de seus anseios, opiniões, etc. ,se por um só instante deixasse de seguir as leis que reconheceu como sendo

verdadeiras e seguisse seus impulsos, aconteceria algo totalmente diferente do que deve suceder. Neste caso, o candidato perderia imediatamente a direcção do alvo da acção, sobrevindo confusão. Por isso se oferece sobremaneira ao indivíduo a oportunidade de, através desta prova, desenvolver seu autodomínio. E é isto que importa. Novamente, esta prova será mais facilmente vencida por aqueles que, antes da iniciação, levaram uma vida que lhes tenha proporcionado a aquisição de autodomínio. Quem adquiriu a faculdade de seguir os elevados princípios e ideais com prejuízo dos caprichos e arbitrariedades pessoais, quem soube corresponder sempre ao dever, mesmo quando as inclinações e simpatias pretenderam desviá-lo desse dever, já é, inconscientemente, um iniciado em plena vida comum. E será preciso apenas algo insignificante para que ele vença a prova descrita. Convém até mesmo dizer que, via de regra, será inteiramente necessário ele já haver alcançado inconscientemente na vida um certo grau de iniciação, para vencer a segunda prova. Pois assim como para muitas pessoas que na juventude não aprenderam correctamente a escrever fica difícil recuperá-lo ao alcançarem a plena maturidade da vida, também será difícil desenvolver o necessário grau de *autodomínio* nas incursões aos mundos superiores se, anteriormente, não se houver adquirido, nesse particular, um certo grau na vida quotidiana. As coisas do mundo físico não se modificam, seja lá o que se deseje ou cobice e sejam quais forem nossas inclinações. Nos mundos superiores, no entanto, nossos desejos, cobiças e inclinações *actuam* sobre as coisas. Se aí quisermos actuar sobre as coisas de forma adequada, deveremos saber dominar-nos plenamente; teremos de unicamente obedecer às regras certas e não nos subjugar a arbitrariedade alguma.

Uma qualidade do indivíduo, de especial consideração neste grau da iniciação, é um *juízo* absolutamente sadio e *seguro.* Ao desenvolvimento de tal faculdade já se deve atentar em todos os graus precedentes; e no grau actual deverá evidenciar-se se o candidato sabe manejá-la de modo a estar apto para a autêntica trilha do conhecimento. Ele só poderá avançar se souber distinguir ilusão, fantasmagoria ilusória, superstições e toda espécie de quimera da verdadeira realidade. E nos graus superiores da existência isto é mais difícil que nos inferiores. Aí cada preconceito, cada opinião pessoal se desvanecem em relação a coisas que importam; e unicamente a *verdade* terá de ser o fio de prumo. Deve reinar uma integral disposição para renunciar imediatamente a um pensamento, a uma opinião, a uma inclinação, se o pensar lógico tal reclamar. Certeza nos mundos superiores somente será alcançada se a própria opinião jamais for poupada.

Pessoas com um modo de pensar inclinado a fantasmagorias, a superstições, não podem fazer progresso algum na trilha do oculto. O discípulo terá de conquistar um precioso bem. Todas as *dúvidas* sobre os mundos superiores lhe serão tiradas, e estes se lhe desvendam em suas leis perante seu olhar. Mas ele não poderá conquistar esse bem enquanto se deixar enganar por quimeras e ilusões. Seria mau para ele se sua fantasia, seus preconceitos passassem com seu intelecto. Sonhadores e fantasistas são tão pouco aptos para o caminho do oculto quanto o são pessoas supersticiosas. Nunca é demais sublinhar tudo isso. Ora, nos sonhos, fantasmagorias e superstições estão à espreita os piores inimigos no caminho para a cognição dos mundos superiores. Não se deve imaginar que o discípulo fique privado da poesia da vida, da capacidade de entusiasmo por causa das palavras inscritas sobre o portal que conduz à segunda prova da iniciação: "Terás de deixar para trás todos os preconceitos", e porque no portal de entrada à primeira prova ele já teve de ler: "Sem bom-senso, todos os teus passos serão em vão".

Se dessa maneira o candidato tiver progredido o suficiente, aguardá-lo-á, então, a terceira "prova": agora, nenhum objectivo lhe será perceptível. Tudo está colocado em suas próprias mãos. Ele se encontra numa situação em que nada o impele a agir. Terá de

encontrar, inteiramente por si, seu caminho. Coisas e pessoas que possam induzi-lo a algo não existem. Não há nada e ninguém que lhe possa dar, agora, a força de que necessita, a não ser ele próprio. Se não encontrasse essa força em si próprio, dentro de pouco tempo estaria onde anteriormente estivera. No entanto, temos de dizer que apenas poucos, dentre os que venceram as provas precedentes, não encontrarão essa força. Ou se fica para trás já antes, ou se vence também aqui. Tudo o que é necessário consiste em rapidamente entender-se consigo mesmo. Pois trata-se de encontrar aqui seu "Eu Superior" no sentido mais verdadeiro da palavra. É preciso rapidamente decidir-se a ouvir a inspiração do espírito em todas as coisas. Aqui não há mais tempo para reflexões, dúvidas e assim por diante. Cada minuto de vacilação somente provaria que a pessoa ainda não está amadurecida. O que impede de ouvir o espírito terá de ser corajosamente superado. É preciso demonstrar presença de espírito nessa situação. E é essa também a qualidade cujo desenvolvimento completo é almejado neste grau da evolução. Todas as seduções para o agir, até mesmo para o pensar, às quais um indivíduo estava acostumado até então, deixam de existir. A fim de não permanecer inactivo, o indivíduo *não pode perder-se a si próprio.* Pois só em si próprio poderá encontrar o único ponto firme em que será capaz de manter-se. Ninguém que leia isto sem estar mais familiarizado com as coisas deveria sentir uma antipatia face a essa auto-referência, posto que significa a maior bem-aventurança para o indivíduo o facto de vencer a prova descrita.

E, não menos que nos outros casos, a vida comum também é quanto a este ponto, para muitas pessoas, uma disciplina do oculto. Para pessoas capazes de, sem vacilações, sem muitas reflexões, tomar uma decisão rápida frente a tarefas da vida com que repentinamente se defrontem, a vida é uma tal disciplina. As situações adequadas são aquelas em que uma acção eficaz se torna de imediato impossível se o indivíduo não intervier rapidamente. Quem intervém com prontidão à vista de uma desgraça, ao passo que durante alguns momentos de vacilação a desgraça já teria ocorrido, e que fez de tal capacidade de decisão rápida uma permanente qualidade sua, adquiriu inconscientemente o amadurecimento para a terceira "prova". Ora, nela se trata do desenvolvimento da absoluta *presença de espírito.* Na disciplina do oculto esta é denominada "prova do ar", pois nela o candidato não pode apoiar-se nem no chão firme das causas exteriores nem naquilo que resulta das cores, formas, etc., que chegou a conhecer por meio da "preparação" e da "iluminação", mas exclusivamente em si próprio.

Se houver vencido esta prova, o discípulo tem permissão de penetrar no "templo dos conhecimentos superiores". O que a esse respeito se tem a acrescentar só pode ser expresso pela mais escassa alusão. O que agora terá de ser cumprido é frequentemente expresso da seguinte forma: o discípulo teria de prestar um "juramento" no sentido de não "trair" em nada os ensinamentos do oculto. No entanto, as expressões "juramento" e "trair" não são de forma alguma apropriadas e, de imediato, são até mesmo enganosas. Não se trata de "juramento" algum no sentido comum da palavra. Neste grau da evolução passa-se, muito mais, por uma *experiência.* Aprende-se como pôr em prática o ensino do oculto e como colocá-lo a serviço da Humanidade. Começa-se verdadeiramente a entender o Universo. Não se trata de "calar" acerca das verdades superiores, mas muito mais de representá-las da maneira certa e com o tacto adequado. Sobre o quê se aprende a "silenciar", é algo completamente diferente. Adquire-se essa maravilhosa qualidade com respeito a muito do que anteriormente se comentou, em especial em relação à maneira como se comentou. Seria um péssimo iniciado aquele que não colocasse os mistérios vivenciados a serviço do mundo, tanto quanto possível. Não

há nenhum outro obstáculo para a comunicação neste campo, além da falta de entendimento por parte daquele que a deve receber. Aliás, os mistérios superiores não se prestam a qualquer conversa a respeito. Mas ninguém está "proibido" de dizer se alcançou o grau de evolução descrito. Nenhum outro homem e nenhum ser lhe exige "juramento" nesse sentido. Tudo está encerrado dentro de sua própria responsabilidade. O que ele aprende consiste em encontrar, em qualquer situação, a partir de si mesmo, o que precisa fazer. E o "juramento" nada mais significa senão que o indivíduo se tornou maduro para poder arcar com tal responsabilidade.

Se o candidato se tornou maduro quanto ao descrito, recebe então aquilo que simbolicamente se denomina "trago do esquecimento". Ele será iniciado principalmente no mistério referente a como se pode actuar sem deixar-se perturbar constantemente pela memória inferior. Para o iniciado, isto é necessário. Pois ele terá de manter, continuamente, integral confiança na imediata actualidade. Terá de ser capaz de aniquilar os véus da memória, que se estendem ao redor do ser humano em cada momento da vida. Ao julgar algo que se me apresenta hoje pelo que vivenciei ontem, estou sujeito a múltiplos enganos. Obviamente não se quer dizer com isto que se deva renegar a experiência obtida na vida. Deve-se, sempre, mantê-la presente, tanto quanto possível. Mas, como iniciado, o indivíduo deve ter a faculdade de julgar cada nova vivência a partir de si, de deixá-la actuar sobre si, livre de todo passado. A todo instante terei de estar preparado para que cada coisa ou ser me possa trazer uma revelação inteiramente nova. Se julgo o novo em função do velho, estarei à mercê do equívoco. É precisamente por capacitar-me a ver o novo que a memória de experiências velhas se me torna mais útil. Se não possuísse uma determinada experiência, eu talvez nem *percebesse* a qualidade de uma coisa ou de um ser que se me defronta. Mas é precisamente para *perceber* o novo, não para julgar o novo em função do velho, que deve servir a experiência. Com respeito a isso, o iniciado adquire faculdades bem determinadas. Por esse meio se lhe desvendam muitas coisas que permanecem ocultas ao não-iniciado.

O segundo "trago" oferecido ao iniciado é o "trago da memória". Por seu intermédio ele adquire a faculdade de ter permanentemente presentes no espírito mistérios superiores. Para isso a memória comum não seria suficiente. É preciso tornar-se inteiramente uno com as verdades superiores. Não basta apenas sabê-las, mas ser capaz de aplicá-las nas actividades vitais tão *naturalmente* como a pessoa comum come e bebe. Elas terão de tornar-se exercício, hábito, inclinação. Não se deve ter de reflectir sobre elas no sentido comum; elas terão de expressar-se por meio do próprio indivíduo, fluir através dele tal como as funções vitais do seu organismo. Assim ele virá a ser, em sentido espiritual, cada vez mais aquilo para o que, no físico, a Natureza o fez.

CONSIDERAÇÕES DE ORDEM PRÁTICA

Quando o indivíduo perfaz seu desenvolvimento em relação a sentimentos, pensamentos e disposições da forma como descrito nos capítulos referentes à "preparação", "iluminação" e "iniciação", efectua em sua alma e em seu espírito uma estruturação semelhante àquela que a Natureza efectuou em seu corpo físico. Antes desse desenvolvimento, alma e espírito são massas indefinidas. O clarividente os percebe qual redemoinhos de névoa espiralados e entremeados, de preferência

percebidos numa coloração debilmente luzente de matizes avermelhados e marrom-avermelhados, ou também amarelo-avermelhados; após o desenvolvimento, eles começam a brilhar espiritualmente qual cores verde-amareladas, azul-esverdeadas, e apresentam uma estrutura regular. O indivíduo chega a tal regularidade e, com isso, a conhecimentos mais elevados quando introduz em seus sentimentos, pensamentos e disposições ordem tal como a Natureza introduziu em suas funções corporais de forma a capacitá-lo a ver, ouvir, digerir, respirar, falar, etc. Com a alma respirar, ver, etc. ; com o espírito ouvir, falar, etc. – eis o que o discípulo aprende sucessivamente.

Pretende-se ainda expor aqui, detalhadamente, algumas considerações *práticas* que fazem parte da educação superior da alma e do espírito. São elas tais que, no fundo, cada um as pode seguir sem ter de levar em consideração outras regras e, através das mesmas, avançar um bom trecho na ciência do oculto.

Deve-se aspirar, quanto à *paciência,* a um especial desenvolvimento. Cada impulso de impaciência tem um efeito paralisante, até mesmo mortificante, sobre as faculdades superiores adormecidas no ser humano. Não se deve exigir que, de um momento para o outro, se descortinem desmesuradas visões nos mundos superiores. Pois neste caso, via de regra, elas certamente não surgirão; satisfação com o mais insignificante passo dado, calma e serenidade deverão cada vez mais apossar-se da alma. É bem compreensível o discípulo ansiar impacientemente pelos resultados. Contudo, ele nada obterá enquanto não dominar essa impaciência. Tampouco em nada adianta combater essa impaciência meramente no sentido comum da palavra – pois ela só se tornará mais forte ainda. Neste caso a pessoa somente se engana a seu respeito, enquanto ela se assenta tanto mais fortemente nas profundezas da alma. Só dedicando-se reiteradamente a um pensamento bem determinado, assimilando-o inteiramente, é que conseguirá algo. Este pensamento é o seguinte: "Se bem que deva fazer tudo em prol de meu desenvolvimento anímico e espiritual, *aguardarei* calmamente até ser considerado digno, por poderes superiores, de uma determinada iluminação." Se esse pensamento se tornar tão vigoroso, vindo a constituir um perfil de carácter, o discípulo estará trilhando o caminho certo. Esse perfil de carácter cunhará até mesmo a aparência exterior. O olhar torna-se calmo, os movimentos seguros, as decisões determinadas, e tudo o que se entende por nervosidade desvanece-se paulatinamente no indivíduo. Nisto, pequenas regras aparentemente insignificantes são levadas em consideração. Por exemplo: alguém nos causa uma ofensa. Anteriormente à nossa educação oculta, voltávamos nosso sentimento contra o ofensor. A irritação efervescia em nosso interior. No discípulo, no entanto, em tais ocasiões assoma imediatamente o seguinte pensamento: "Tal ofensa nada muda de meu valor"; então ele fará o que cabe fazer contra a ofensa, com calma e serenidade, e não a partir da irritação. Naturalmente não se trata de simplesmente engolir cada ofensa, e sim de manter-se tão calmo e seguro na reprovação de uma ofensa contra a própria pessoa quanto alguém se manteria se a ofensa houvesse sido causada a outro, em cujo caso se tivesse o direito de reprová-la. Sempre se terá de levar em conta que a disciplina do oculto não se realiza em processos grosseiros exteriores, mas em subtis e silenciosas transformações da vida anímica e mental.

A *paciência* exerce um efeito atractivo sobre os tesouros do saber superior. A impaciência tem efeito repulsivo. Por meio de pressa e agitação nada poder ser alcançado nos planos superiores da existência. Em especial terão de silenciar *desejos e apetites.* Estas são qualidades da alma diante das quais todo saber superior se retrai receosamente. Por valioso que seja todo conhecimento superior, não se deve cobiçá-lo querendo-se que ele sobrevenha. Quem o cobiça em causa própria jamais o alcançará. E isto requer, antes de tudo, o indivíduo ser *verdadeiro* perante si mesmo nas maiores

profundezas da alma. Ele não deve enganar-se em nada, relativamente a si próprio. Terá de examinar face a face os próprios defeitos, fraquezas e insuficiências, com veracidade interior. No momento em que você desculpa qualquer uma de suas fraquezas perante si mesmo, estará colocando uma pedra no caminho que o deve conduzir ao alto. Você somente poderá remover tais pedras através de uma auto-análise. Existe *um* só caminho para se despojar de seus erros e fraquezas: realmente reconhecê-los. Tudo se encontra adormecido na alma humana e pode ser despertado. Também seu raciocínio e seu juízo o indivíduo pode aprimorar quando, com calma e serenidade, dedica-se a examinar por que é fraco a esse respeito. Naturalmente tal autoconhecimento é difícil, uma vez que a tentação da ilusão sobre si mesmo é infinitamente grande. Quem se acostuma à veracidade perante si próprio abre para si o portal do discernimento superior.

No discípulo terá de desvanecer-se toda e qualquer curiosidade. Ele precisa desacostumar-se, tanto quanto possível, de fazer perguntas relativas a coisas visando apenas à satisfação da própria ânsia do saber. Só deverá perguntar aquilo que serve ao aperfeiçoamento de sua entidade a serviço da evolução. Com isto, porém, a alegria e a dedicação ao saber não deverão, de forma alguma, ser tolhidas. Ele terá de escutar devocionalmente tudo o que sirva a tal finalidade e terá de procurar cada oportunidade para tal devoção.

Para a formação no oculto é particularmente necessária uma educação da vida dos *desejos.* Não se trata de, porventura, tornar-se livre de desejos, pois tudo o que devemos alcançar devemos também desejar. E um desejo sempre se realizará, desde que atrás dele se encontre uma força toda especial. Essa força provém da verdadeira *cognição.* "Não desejar de forma alguma enquanto não se houver reconhecido o verdadeiro domínio" – eis uma das regras de ouro para o discípulo. O sábio aprende primeiro a conhecer as leis do Universo; seus desejos, então, vêm a ser forças que se realizam. Um exemplo nítido será abordado aqui. Certamente muitos desejam conhecer, a partir da própria percepção, algo relativo à sua vida antes do nascimento. Tal desejo será totalmente inútil e destituído de resultado enquanto essa pessoa não houver adquirido o *conhecimento* das leis, através do estudo científico-espiritual – em seu subtil e mais íntimo carácter – da essência do Eterno. Entretanto, havendo realmente adquirido esse conhecimento e querendo então progredir, ele o fará por meio de seu desejo enobrecido e purificado.

Tampouco de nada adianta dizer: "Sim, desejo justamente observar minha vida precedente, e para essa finalidade pretendo estudar." É preciso, muito mais, ser capaz de renunciar a esse desejo por completo, de eliminá-lo e, de imediato, estudar totalmente sem essa intenção. Será preciso desenvolver a alegria e a dedicação ao que se aprende, sem nutrir a referida intenção. Pois só dessa maneira se aprende ao mesmo tempo a cultivar o desejo adequado, de modo a acarretar sua realização.

Se fico *colérico* ou me *irrito,* levanto uma barreira no mundo anímico ao meu redor, e as forças que deveriam desenvolver meus olhos anímicos não podem aproximar-se de mim. Se, por exemplo, alguma pessoa me irrita, envia uma corrente anímica para o mundo anímico. Não conseguirei ver essa corrente enquanto ainda for capaz de me irritar. Minha irritação me encobre. Também não devo acreditar que terei imediatamente uma manifestação anímica (astral) se não mais me irritar. Ora, para isso é necessário que primeiro se desenvolva em mim um olho anímico. Todavia, a disposição para tal olho está latente em cada ser humano, permanecendo porém inerte enquanto o indivíduo é capaz de se irritar. Também não surge imediatamente depois de se haver combatido um pouco o aborrecimento. Será, muito mais, preciso continuar combatendo a cólera e prosseguir com paciência; algum dia então se perceberá que esse

olho anímico se desenvolveu. Aliás, não é somente a irritação que se deve combater com tal finalidade. Muitos ficarão impacientes e com dúvidas por haverem combatido, anos a fio, algumas particularidades da alma sem que sobreviesse a clarividência. Certamente desenvolveram algumas características e deixaram que outras tantas se alastrassem mais. O dom da clarividência só se apresenta quando estão reprimidas todas as características que impedem as respectivas faculdades latentes de virem à luz. Com efeito, rudimentos da visão (ou da audição) já aparecem antes; mas são plantinhas delicadas, facilmente sujeitas a toda espécie de enganos e que também facilmente morrem se não são contínua e cuidadosamente tratadas e cultivadas.

Dentre as qualidades que devem ser combatidas tanto quanto cólera e irritação figuram pusilanimidade, superstição, preconceitos, vaidade e ambição, curiosidade e loquacidade desnecessária, as discriminações de pessoas segundo características externas de classe, sexo, raça, etc. Em nossa época, é difícil compreender que o combate a tais qualidades tenha algo a ver com a elevação da faculdade cognitiva. Mas todo cientista do oculto sabe que esta depende muito mais de tais coisas do que do aumento da inteligência e da prática de exercícios artificiais. Em especial, poderá facilmente surgir um mal-entendido se alguns acreditarem que se deva vir a ser audaz, já que se deve ser intrépido; que se deva refutar as diferenças das pessoas, já que se devem combater os preconceitos de classe, raça, etc. Aprende-se muito mais a conhecer correctamente quando não mais se está emaranhado em preconceitos. Já no sentido comum, é certo o facto de o medo de uma presença me impedir de julgá-la objectivamente, de o preconceito racial me impedir de olhar para dentro da alma de uma pessoa. Esse sentido comum o discípulo terá de desenvolver em si com grande subtileza e agudeza.

Uma pedra também é lançada no caminho individual para o oculto por tudo o que ele diz sem antes ter tido o cuidado de purificá-lo em seus pensamentos. Para isso, é preciso considerar algo que aqui poderá ser explicado por meio de um exemplo: se alguém me disser algo e com base nisso eu tiver de replicar, terei então de esforçar-me para levar mais em conta a opinião, o sentimento e até mesmo o preconceito do outro do que o que eu próprio, no momento, tenha a dizer relativamente ao assunto em questão. Com isso é indicado o apurado cultivo de um tacto ao qual o discípulo terá de dedicar-se zelosamente. Ele terá de adquirir um juízo sobre o grau de significação que possa ter para o outro o facto de ele lhe opor sua própria opinião à dele. Nem por isso se deve reter a própria opinião. De forma alguma isto deverá ocorrer. Mas será preciso atentar tão exactamente quanto possível ao outro para, a partir daquilo que se ouviu, formular a própria resposta. Em tal caso, um pensamento sempre voltará a ascender no discípulo; e ele estará na trilha correcta se esse pensamento viver nele de forma a tornar-se disposição de carácter. Eis o pensamento: "Não importa que eu tenha opinião diferente da opinião do outro, e sim que o outro encontre o certo a partir de si próprio, se para isso eu contribuir." Através de tal pensamento e pensamentos semelhantes, o carácter e a maneira de agir do discípulo transbordarão de *brandura,* que é um meio fundamental para toda disciplina do oculto. *Aspereza* dissipa em redor de você as formações anímicas que devem despertar seu olho anímico. *Brandura* elimina os obstáculos e abre seus órgãos.

E com a *brandura* se desenvolverá na alma, dentro em breve, um outro traço: o calmo *atentar* a todas as subtilezas da vida anímica do ambiente circundante, com absoluto *silêncio* das próprias emoções anímicas. E se um indivíduo alcançou isso, as emoções anímicas de seu ambiente actuarão sobre ele de tal forma que sua alma crescerá e, crescendo, estruturar-se-á qual uma planta medrando à luz do Sol. Brandura

e silêncio em meio a verdadeira paciência abrem a alma para o mundo anímico e o espírito para o mundo espiritual. "Persevera na calma e no recolhimento, fecha os sentidos ao que eles te transmitiram antes de tua disciplina oculta: faz parar todos os teus pensamentos que, segundo teus hábitos anteriores, moviam-se em ti qual fluxo e refluxo; fica imóvel e silencioso em teu íntimo e aguarda com paciência – e então, mundos superiores começarão a plasmar teus olhos anímicos e teus ouvidos espirituais. Não deves esperar que desde logo comeces a ver e ouvir no mundo da alma e do espírito. Pois o que fazes apenas contribuirá para plasmar teus sentidos superiores. Mas somente serás capaz de enxergar anímicamente e ouvir espiritualmente quando possuíres esses sentidos. Se, por um espaço de tempo, tiveres perseverado em calma e recolhimento, retoma então teus afazeres quotidianos depois de haver gravado fundo o pensamento: 'Há de me sobrevir o que me deverá sobrevir quando eu estiver amadurecido o suficiente.' E em absoluto queiras atrair algo das potências superiores através de tua arbitrariedade." Essas são instruções que cada discípulo do oculto recebe de seu instrutor no início do caminho. Se as observar, ele se aperfeiçoará. Se não as observar, todo o trabalho será em vão. Mas elas só serão difíceis para quem não dispõe de paciência e perseverança. Não há outros obstáculos senão aqueles que *cada um, por si mesmo,* coloca no caminho e que também cada um pode evitar se realmente quiser. É preciso sempre voltar a sublinhar isto, já que muitos formam uma ideia totalmente falsa das dificuldades da trilha do oculto. Em certo sentido, é mais fácil transpor os primeiros graus dessa trilha do que vencer as dificuldades mais triviais da vida sem a disciplina do oculto. Ademais, aqui cabiam ser comunicadas somente coisas que não acarretam espécie alguma de perigo para , a saúde corpórea e anímica. É certo existirem também outros caminhos que conduzem mais rapidamente ao fim; mas com estes nada tem a ver o que aqui é tratado, pois eles podem produzir sobre o indivíduo certos efeitos que um experimentado ocultista não almeja. Já que alguma coisa relativa a tais caminhos sempre é dada ao conhecimento público, deve-se expressamente acautelar sobre seu seguimento. Por motivos que somente o iniciado é capaz de compreender, *esses* caminhos jamais podem ser dados a conhecer publicamente sob sua verdadeira forma. E os fragmentos que aparecem ali e acolá não poderão conduzir a nada de proveitoso, mas sim contribuir para minar a saúde, a felicidade e a paz de espírito. Quem não quiser entregar-se a potências sombrias, de cuja essência e origem nada pode saber, evite envolver-se nessas coisas.

Algo ainda deve ser dito relativamente ao ambiente em que os exercícios da disciplina do oculto devem ser efectuados. É que dele muito dependerá. Todavia, as coisas se apresentam para cada pessoa de diferente forma. Quem se exercitar, por exemplo, num ambiente saciado de interesses egoístas, da moderna luta pela existência, precisará estar cônscio de que esses interesses não deixarão de exercer influência sobre a formação de seus órgãos anímicos. É verdade que as leis interiores desses órgãos são tão fortes que essa influência não chega a ser por demais nociva. Tal como um lírio, por mais impróprio que seja o ambiente, não pode transformar-se num cardo, tampouco pode o olho anímico transformar-se em algo diferente daquilo que deverá ser, mesmo quando interesses egoístas das cidades modernas actuam sobre ele. Mas em qualquer caso é bom que o discípulo faça de vez em quando da calma, da dignidade e do encanto interiores da Natureza seu meio ambiente. Especialmente favoráveis se apresentam as condições para quem pode efectuar a disciplina do oculto envolto pelo verdejante mundo vegetal, em meio a montanhas ensolaradas ou ao afectuoso tecer da simplicidade. Isso faz com que os órgãos interiores prosperem numa harmonia jamais alcançável numa cidade moderna. Em condições um pouco melhores que o simples

homem da cidade já está situado quem, ao menos em sua infância, pode respirar o ar dos pinheiros, contemplar os cumes cobertos de neve e observar a actividade silenciosa dos animais da floresta e dos insectos. Contudo, ninguém dos que foram obrigados a viver na cidade deverá deixar de aduzir a seus órgãos anímicos e espirituais em vias de formar-se, qual alimento, os inspirados ensinamentos da pesquisa do oculto. Aquele cujo olhar não pode a cada primavera observar as florestas em seu verde deveria, em compensação, nutrir seu coração com os sublimes ensinamentos do *Bhagaved-Gita,* do Evangelho segundo João, de Tomás von Kempen e com as explanações dos resultados científico-espirituais. Existem muitos caminhos rumo ao cume do *insight;* mas uma opção correcta é imprescindível. O conhecedor do oculto sabe comunicar muita coisa acerca de tais caminhos, o que ao não-iniciado pareceria estranho. Pode acontecer, por exemplo, de alguém se achar muito adiantado na senda do oculto. Ele pode encontrar-se, por assim dizer, na iminência do descerramento de seus olhos anímicos e ouvidos espirituais; e então tem a sorte de fazer uma viagem num mar calmo, ou talvez também num mar agitado, e desata-se uma venda de seus olhos anímicos: de súbito, ele se torna clarividente. Um outro está igualmente na iminência de essa venda desatar-se; e isto acontece por meio de um pesado golpe do destino. Esse golpe teria paralisado as forças de outra pessoa e minado suas energias; mas para o discípulo tornar-se-á ponto de partida da iluminação. Um terceiro resiste com paciência; por anos a fio perseverou, sem colher fruto visível. Repentinamente, estando sentado tranquilo no quarto silencioso, tudo em torno dele vem a ser luz espiritual; as paredes desaparecem, tornando-se anímicamente transparentes, e um novo mundo descortina-se ao seu olhar tornado vidente ou ressoa ao seu ouvido espiritual tornado ouvinte.

AS CONDIÇÕES PARA A DISCIPLINA OCULTA

As condições para ingressar na disciplina do oculto não são do tipo das que possam ser arbitrariamente determinadas por qualquer pessoa. Elas resultam da essência do saber oculto. Assim como não pode tornar-se pintor um indivíduo que não queira pegar num pincel, tampouco alguém poderá receber o aprendizado do oculto se não quiser preencher os requisitos indicados como necessários pelos instrutores do oculto. No fundo, o instrutor não pode dar senão conselhos. E, nesse sentido, deve-se também acolher tudo o que ele diz. Ele atravessou os caminhos preparados para o conhecimento dos mundos superiores. Sabe, por experiência, o que é preciso. Depende inteiramente da *livre vontade* de cada um querer ou não trilhar o mesmo caminho. Se alguém quisesse exigir que um instrutor lhe proporcionasse um aprendizado do oculto sem querer cumprir as condições, tal exigência equivaleria inteiramente à seguinte: ensina-me a pintar, mas poupa-me do contacto com o pincel. Tampouco poderá o instrutor jamais oferecer algo se não vier ao seu encontro a livre vontade do receptor. Mas é necessário sublinhar que o desejo geral pelo saber superior não basta. É natural que muitos tenham tal desejo. Quem nutre *somente* esse desejo sem, contudo, querer atender às condições *especiais* da disciplina do oculto, de inicio nada conseguirá. É isto que devem considerar os que se queixam das dificuldades da disciplina do oculto. Quem não puder ou não quiser cumprir as rigorosas condições *terá, por ora,* de renunciar ao aprendizado do oculto. Com efeito, as condições são rigorosas, porém não *duras,* já que não apenas se recomenda, mas se exige que seu cumprimento seja uma acção livre.

A quem não leva isso em consideração, as exigências da disciplina do oculto podem facilmente se apresentar qual um constrangimento à alma e à consciência. Uma vez que a disciplina se assenta sobre um desenvolvimento da vida *interior,* o instrutor terá, pois, de dar conselhos que se relacionem com essa vida interior. Mas não deverá ser interpretado como coacção nada do que se exige como decorrência de uma decisão livre. Se alguém exigis-se do instrutor: "Transmita-me seus segredos, mas deixe-me ficar com minhas sensações, sentimentos e ideias habituais", estaria exigindo algo totalmente impossível. Neste caso, estaria desejando nada mais do que saciar sua curiosidade, seu impulso de saber. Com tal intenção, no entanto, jamais se pode alcançar o saber do oculto.

Serão agora expostas, em ordem sucessiva, as condições necessárias ao discípulo. Cumpre frisar que de nenhuma dessas condições se exige um *integral* cumprimento, mas simplesmente o *aspirar* a tal cumprimento. Ninguém é capaz de cumprir *integralmente* as condições; porém, pôr-se a caminho de seu cumprimento, isso cada um pode fazer. O que importa é a vontade, a intenção de pôr-se nesse caminho.

A primeira condição é a seguinte: dedique sua atenção em aprimorar a *saúde* corpórea e espiritual. Naturalmente, o quão sadia uma pessoa é não depende, antes de tudo, dela. Todavia, pretender melhorar nesse sentido, disto cada um é capaz. Só de uma pessoa sadia pode advir conhecimento sadio. A disciplina não rejeitará uma pessoa carente de saúde, mas terá de exigir que o discípulo tenha a vontade de viver de modo sadio. Neste particular, o indivíduo terá de alcançar a maior independência possível. Os bons conselhos alheios – que geralmente são dados sem ser solicitados – são, via de regra, totalmente supérfluos. Cada um deve esforçar-se por cuidar de si mesmo. Tratar-se-á muito mais, em sentido físico, de afastar influências nocivas do que de outra coisa. A fim de cumprir nossas obrigações, muitas vezes temos de impor-nos coisas que não são favoráveis à nossa saúde. O indivíduo terá de saber colocar, nos casos correctos, o dever acima da preocupação pela saúde. Mas o quanto não se pode deixar de fazer com um pouco de boa vontade! O dever terá, em muitos casos, de estar acima da saúde, até mesmo acima da vida; o gozo, para o discípulo, jamais. Em seu caso, o gozo só poderá ser um *meio* para saúde e vida. E neste sentido torna-se indispensável que ele use de absoluta sinceridade e veracidade perante si próprio. De nada adianta levar uma vida ascética se esta provém de motivações semelhantes às de outros gozos. Há quem encontre no ascetismo tanto prazer quanto um outro ao saborear um vinho. Esse, no entanto, não pode esperar que tal ascetismo lhe sirva à cognição superior. Muitos atribuem à sua situação de vida tudo o que aparentemente os impede de aprimorar-se nessa direcção. Costumam dizer: "Em minhas condições de vida não é possível desenvolver-me." Para muitos, pode ser desejável mudar de situação de vida em outros aspectos. Para a finalidade da disciplina do oculto, ninguém precisa fazê-lo. Para este fim basta zelar – na situação de vida em que se encontra – o quanto possível por sua saúde corpórea e anímica. Qualquer trabalho pode estar a serviço do todo da Humanidade; e para a alma humana pesa muito mais compreender o valor que um trabalho pequeno, talvez até mesmo desagradável, representa para o todo ao invés de pensar: "Esse trabalho não me é digno; estou qualificado para algo melhor." De especial importância para o discípulo é a aspiração à integral saúde espiritual. Uma doentia vida do sentimento e do pensamento sem dúvida alguma desviará dos caminhos à cognição superior. Pensamentos claros e calmos, vivências e sentimentos seguros constituem aqui o fundamento. Nada deve estar mais distante do discípulo do que a inclinação ao fantástico, à excitação, à nervosidade, à exaltação, ao fanatismo. Um olhar sadio para todas as condições da vida, eis o que ele terá de adquirir; ele terá de saber orientar-se

com segurança na vida; calmamente, terá de fazer com que as coisas lhe falem e sobre ele atuem. Terá de esforçar-se, em qualquer ocasião em que isso se faça necessário, para fazer jus à vida. Tudo o que seja exagerado e unilateral terá de ser evitado em seu julgar e sentir. Caso essa condição não fosse cumprida, o discípulo, ao invés de penetrar nos mundos superiores, ingressaria naqueles de sua própria força de imaginação. Ao invés da verdade, far-se-iam valer nele as opiniões predilectas! É melhor que o discípulo se mantenha "prosaico" do que exaltado e fantasista.

A segunda condição consiste em sentir-se qual *um membro* de toda a vida existente. No cumprimento desta condição está encerrada muita coisa. Mas cada um só pode cumpri-la à sua própria maneira. Se sou educador e meu aluno não corresponde àquilo que almejo, tenho então de voltar meu sentimento não contra meu aluno, mas contra mim mesmo. Tenho de sentir-me uno com meu aluno a ponto de perguntar a mim mesmo: "Acaso aquilo que no aluno é insatisfatório não é uma consequência de meu próprio agir?" Ao invés de voltar meu sentimento contra ele, farei reflexões no sentido de como eu próprio deverei portar-me, a fim de, futuramente, o aluno poder corresponder melhor às minhas exigências. A partir de tal mentalidade modifica-se, paulatinamente, todo o modo de pensar do ser humano. Isto é válido tanto para o menor como para o maior. A partir de tal mentalidade enxergo, por exemplo, um criminoso de forma diferente do que sem a mesma. Refreio meus julgamentos e digo a mim mesmo: "Sou apenas um homem como esse. A educação que circunstancialmente tive *talvez* me haja livrado de seu destino." Certamente também chegaria ao pensamento de que esse meu irmão se teria tornado ; outro se os professores que comigo despenderam seus esforços os tivessem dedicado a ele. Conscientizo-me de que a mim coube algo de que ele foi privado, e de que devo meu bem-estar precisamente à circunstância de que ele foi privado. E, então, não mais estarei longe da noção de que sou apenas um membro de toda , a Humanidade e *co-responsável* por tudo que acontece. Com isso não se pretende dizer que tal pensamento tenha de ser imediatamente convertido em acções demagógicas exteriores. Porém, precisa ser silenciosamente cultivado na alma. E depois, pouco a pouco se expressará na conduta exterior de um indivíduo. Ora, em tais assuntos cada um só pode partir da reforma em si próprio. De nada adiantará querer fazer exigências gerais à Humanidade em função de tais pensamentos. É fácil fazer um juízo acerca de como : as pessoas deveriam ser; o discípulo, porém, trabalha na profundeza e não na superfície. Portanto, seria inteiramente incorrecto fazer a aqui citada exigência dos instrutores em relação a qualquer exigência exterior, porventura até mesmo política, com a qual a disciplina do oculto nada pode ter a ver. Demagogos políticos "sabem", via de regra, o que se deve "exigir" de outras pessoas; quanto a exigências impostas a si mesmos, costumam falar muito menos.

E com isto se relaciona, directamente, a terceira condição para a disciplina do oculto. O discípulo terá de lutar para elevar-se à concepção de que seus pensamentos e sentimentos têm tanta importância para o mundo quanto seus actos. Terá de reconhecer o facto de que é tão pernicioso odiar seu semelhante como nele bater. Isso me leva também a reconhecer que não faço apenas algo por mim quando me aperfeiçoo a mim mesmo, mas também em prol do Universo. O Universo tira de meus sentimentos e pensamentos puros tanto proveito quanto da minha boa conduta. Enquanto não puder crer nessa importância universal de meu interior, não servirei para ser discípulo. Só estarei impregnado da verdadeira crença na importância de meu interior, de minha alma se trabalhar nesse anímico da mesma maneira como se o mesmo fosse, no mínimo, tão real quanto tudo que é exterior. Terei de admitir que meu sentimento produzirá tanto efeito quanto uma acção de minha mão.

Com isto, em verdade, está expressa a quarta condição: adquirir a concepção de que a verdadeira entidade do ser humano não reside no exterior, mas no interior. Quem se considera só um produto do mundo exterior, um resultado do mundo físico, nada alcançará na disciplina do oculto. Sentir-se como um ser anímico-espiritual é um fundamento para tal disciplina. Quem avança para tal sentimento será capaz de discernir o dever interior do resultado exterior. Aprende a reconhecer que um não pode ser medido directamente pelo outro. O discípulo terá de encontrar a correcta posição central entre o que as condições exteriores impõem e o que ele reconhece como certo para sua conduta. Não deve impor ao seu meio ambiente algo para o qual este não pode ter compreensão alguma; mas também deve estar totalmente livre do vício de só fazer o que é aprovado por esse meio ambiente. A aprovação para suas verdades, ele a terá de procurar unicamente na voz de sua alma honesta e que luta em busca do conhecimento. Contudo, deve *aprender* de seu meio ambiente tanto quanto possível, a fim de descobrir o que lhe convém e é útil. Dessa forma desenvolverá, em si próprio, aquilo que se denomina na ciência do oculto "a balança espiritual". Sobre um de seus pratos encontra-se um "coração aberto" para as necessidades do mundo exterior; sobre o outro, "firmeza interior e perseverança inabalável".

E com isto é indicada a quinta condição: a perseverança na obediência a uma decisão uma vez tomada. Nada poderá levar o discípulo a afastar-se de uma decisão tomada, a não ser a simples constatação de haver incorrido em equívoco. Cada decisão é uma força, e mesmo que essa força não tenha êxito directamente no lugar para onde é dirigida, actuará à sua maneira. O sucesso só é decisivo quando se realiza um acto por cobiça. Mas todos os actos realizados por cobiça são destituídos de valor perante o mundo superior. Aqui importa unicamente o *amor,* a uma acção. Nesse *amor* deverá esgotar-se tudo o que impele o discípulo a uma acção. Assim, ele também não cansará de sempre tornar a converter uma decisão em acção, por mais frequentemente que a mesma lhe tenha sido malsucedida. E dessa forma atingirá o ponto de não mais aguardar os efeitos *exteriores* de seus actos, mas de satisfazer-se nas acções em si. Aprenderá a sacrificar seus actos, até mesmo todo o seu ser ao mundo, como quer que este venha a acolher seu sacrifício. Quem quiser tornar-se discípulo terá de pôr-se à disposição de tal acto sacrifical.

Uma sexta condição é o desenvolvimento do sentimento de *gratidão* perante tudo o que é proporcionado ao ser humano. Deve-se estar cônscio de que a própria existência é um presente de todo o Cosmo. Quanto não é necessário para que cada um de nós possa receber e viver sua existencial O quanto não devemos à Natureza e a outras pessoas! A esses pensamentos deverão ter inclinação os que almejam a disciplina do oculto. Quem não conseguir abandonar-se a eles não será capaz de desenvolver, dentro de si, aquele *amor universal,* necessário para chegar à cognição superior. Algo que eu não amo não se me pode revelar. E cada revelação tem de preencher-me de gratidão, pois através dela me torno mais rico.

Todas as citadas condições têm de unir-se numa sétima: compreender a vida incessantemente no sentido em que as condições o exigem. Por meio disto, o discípulo cria a possibilidade de dar à sua vida um carácter uniforme. Cada uma de suas manifestações de vida estará em harmonia recíproca, e não em contradição. Ele estará preparado para a calma que deverá alcançar no decurso dos primeiros passos na disciplina do oculto.

Se alguém tiver séria e honesta vontade de cumprir as condições indicadas, poderá então decidir-se pela disciplina espiritual. Estará então disposto a seguir os citados conselhos. Pode parecer a alguém que muita coisa nesses conselhos seja algo

exterior. Tal pessoa talvez esperasse que a disciplina se desenrolasse em *formas* menos severas. Mas tudo o que é interior tem de exprimir-se num elemento exterior. Contudo, tão pouco quanto possa estar presente um quadro enquanto existe apenas na mente do pintor, tanto menos há disciplina do oculto sem expressão exterior. Somente dão pouca atenção a formas rigorosas os que não sabem que o interior tem de chegar à expressão no exterior. É verdade que o importante é o *espírito* de uma coisa, e não a forma. Mas tal como a forma sem o espírito é fútil, assim o espirito seria inactivo se não criasse para si uma forma.

As condições propostas são apropriadas a tornar o discípulo suficientemente forte para cumprir as demais exigências que a disciplina terá de impor-lhe. Se lhe faltarem essas condições, ele se deterá em ponderações ante cada nova exigência. Sem elas não poderá ter a necessária confiança nas pessoas. E é sobre confiança e verdadeiro amor ao ser humano que toda aspiração à verdade terá de ser consolidada. Ela terá de ser *edificada* sobre eles, embora daí *não* provenha – pois só pode brotar da própria força anímica. E o amor ao ser humano terá de, aos poucos, expandir-se para o amor a todos os seres, até mesmo à existência toda. Quem não cumprir as mencionadas condições tampouco terá o pleno amor a todo edificar, a todo criar, nem a inclinação a abster-se de todo destruir, de todo exterminar como tais. O discípulo terá de tornar-se tal que jamais venha a destruir algo pelo simples destruir – nem através de acções nem por meio de palavras, sentimentos e pensamentos. Pala ele, deverá existir alegria frente ao brotar, frente ao vir-a-ser; ele só poderá estender a mão para uma destruição se também for capaz de, a partir e através da destruição, promover vida nova. Com isto, de forma alguma se quer dizer que o discípulo deve assistir à maneira como o mal se alastra; mas ele deverá procurar até mesmo no mal aquelas facetas pelas quais possa transformá-lo num bem. Cada vez mais se conscientizará de que o melhor combate ao mau e ao imperfeito consiste em criar o bom e o perfeito. O discípulo sabe que do nada, nada poderá ser criado, mas que o imperfeito poderá ser transformado em algo perfeito. Quem desenvolve em si a inclinação para o criar logo encontrará também a faculdade de comportar-se correctamente frente ao mal.

Quem se dedica à disciplina do oculto precisa estar cônscio de que por meio dela se deverá edificar, e não destruir. Portanto, terá de possuir vontade para o trabalho sincero e dedicado, e não para a crítica e para a destruição. Deverá ser capaz de *devoção,* pois terá de aprender o que ainda desconhece. Deve olhar com devoção para aquilo que se lhe descerra. Trabalho e devoção: eis os sentimentos básicos que se deve exigir do discípulo. Um ou outro sentirá que não consegue progredir na disciplina, apesar de – em sua opinião – trabalhar incansavelmente. Isto provém do facto de ele não ter apreendido o trabalho e a devoção em seu correcto sentido. Terá menor êxito o trabalho que for empreendido em função desse êxito; e trará menor progresso aquele aprendizado que decorre sem devoção. O *amor* ao trabalho, e não ao êxito, faz por si progredir. E se o aprendiz busca um pensar sadio e um julgar seguro, então não há razão para, através de dúvida e desconfiança, atrofiar a devoção.

Não será preciso chegar à servil dependência no julgar pelo facto de, ao se receber uma comunicação, não se oferecer primeiro a própria opinião, mas a devoção e dedicação calmas. Aqueles que, relativamente à cognição, alcançaram algum resultado sabem que tudo devem não ao obstinado juízo pessoal, mas à serena escuta e assimilação. Nunca se deve esquecer não ser mais preciso aprender o que já se é capaz de julgar. Portanto, querendo-se somente julgar não se poderá mais aprender. Na disciplina do oculto importa, no entanto, o aprender. Aí o discípulo deve estar inteiramente permeado da vontade de ser um aprendiz. Se não compreender algo, será

melhor abster-se de julgar do que condenar. Que deixe a compreensão para mais tarde. Quanto mais se sobe nos graus do conhecimento, mais se faz necessário esse sereno e devocional escutar. Todo conhecimento da verdade, toda vida e actividade no mundo do espirito torna-se subtil nos planos superiores, comparada às operações do intelecto comum e à vida no mundo físico. Quanto mais os círculos do homem se ampliam, tanto mais subtis serão as operações que ele terá de executar. É por ser isso um facto que os homens chegam, relativamente aos planos superiores, a tão diferentes "pareceres" e "pontos de vista". Todavia, também quanto às verdades superiores existe, com efeito, *uma* só opinião. Pode-se chegar a essa opinião *única* tendo-se elevado, por meio de trabalho e devoção, o olhar realmente à verdade. Só pode chegar a uma opinião diferente da única verdadeira quem, sem suficiente preparo, julga de acordo com suas representações predilectas, seus pensamentos habituais, etc. Assim como só há um parecer sobre um teorema matemático, também ocorre com respeito às coisas dos mundos superiores. Mas é necessário primeiramente preparar-se para poder chegar a tal "parecer". Se alguém ponderasse sobre isto, as condições dos instrutores do oculto não o surpreenderiam. É inteiramente certo que a verdade e a vida superior residem em cada alma humana, e que *cada um* pode e deve encontrá-las *por si.* Mas elas jazem em profundezas, só podendo ser buscadas de suas fundas cavidades depois de afastados os obstáculos. Acerca de como se realiza isso, só pode aconselhar quem dispõe de experiência na ciência do oculto. Quem dá tal conselho é a Ciência Espiritual. Ela não impõe uma verdade a ninguém; não preconiza dogma algum; indica, porém, um caminho. Com efeito, cada um – mas talvez só depois de mais encarnações – poderia também encontrar esse caminho por si; todavia, o que é alcançado na disciplina do oculto é uma abreviação do caminho. Por seu intermédio, o indivíduo chegará mais cedo a um ponto em que poderá colaborar nos mundos onde o bem-estar do ser humano e a evolução humana são fomentados por meio de trabalho espiritual.

Com isto estão indicadas as coisas que devem ser comunicadas acerca da aquisição de experiência cósmica superior. No próximo capítulo, essas explanações terão sequência ao demonstrar-mos o que ocorre nos membros mais elevados da natureza humana (no organismo anímico ou corpo astral e no espírito ou corpo mental) durante essa evolução. Por meio disso, essas comunicações serão situadas sob uma nova luz, podendo-se adentrá-las em sentido mais profundo.

SOBRE ALGUNS EFEITOS DA INICIAÇÃO

Um dos princípios da verdadeira ciência oculta reza que quem a ela se dedica o faça com plena consciência. A pessoa nada deverá praticar nem exercitar sem conhecer os possíveis efeitos. Um instrutor, ao dar a alguém um conselho ou uma instrução, sempre lhe dirá concomitantemente o que ocorrerá no corpo, na alma ou no espírito de quem aspira ao conhecimento superior.

Aqui serão indicados alguns dos efeitos produzidos na alma do discípulo. Somente quem conhece coisas como as aqui comunicadas poderá, em plena consciência, praticar os exercícios que levam ao conhecimento dos mundos supra-sensoriais. E só este será um autêntico discípulo. Todo tactear às cegas é rigorosamente proibido na verdadeira disciplina do oculto. Quem não está disposto a executar sua disciplina de

olhos abertos pode tornar-se médium; mas não conseguirá chegar a ser um clarividente no sentido da ciência do oculto.

Quem, nesse sentido, fizer os exercícios descritos nos capítulos precedentes (quanto à aquisição de conhecimentos supra-sensoriais) passará por certas transformações no assim chamado organismo anímico. Este último somente é perceptível ao clarividente. Ele pode ser mais ou menos comparado a uma nuvem anímico-espiritual luzente, em cujo centro se acha o corpo físico do homem.[1] Nesse organismo os instintos, apetites, paixões, representações, etc., tornam-se espiritualmente visíveis. Apetites sensuais, por exemplo, nessa esfera percebem-se qual irradiações vermelho-escuras de determinada forma. Um pensamento puro e nobre terá sua expressão qual uma irradiação roxo-avermelhada.

O conceito nítido, formado pelo pensador lógico, é sentido qual uma figura amarelada com contornos bem determinados. O pensamento embaraçado da mente confusa apresenta-se como figura de contornos indefinidos. Os pensamentos de pessoas com concepções unilaterais e obstinadas surgem com contornos nítidos e móveis; os das personalidades acessíveis a ideias de outros percebem-se com contornos móveis e variáveis, e assim por diante. [2]

Quanto mais o indivíduo avança em sua evolução anímica, tanto mais regularmente estruturado se tornará seu organismo anímico. No indivíduo com uma vida anímica pouco desenvolvida este é embaraçado, não estruturado. Mas também em tal organismo anímico carente de estruturação o clarividente pode perceber uma formação que se destaca nitidamente do meio circundante. Esta se estende do interior da cabeça até o centro do corpo físico; assemelha-se a uma espécie de corpo autónomo, provido de certos órgãos. Os órgãos que devem ser aqui abordados em primeiro lugar são espiritualmente percebidos nas imediações das seguintes partes do corpo físico: o primeiro entre os olhos; o segundo nas imediações da laringe; o terceiro na região do coração; o quarto na vizinhança da assim chamada cavidade do estômago; o quinto e o sexto situam-se no abdome. Essas formações são denominadas, pelos especialistas no oculto, "rodas" (chacras) ou também "flores de loto". São assim chamadas por causa da semelhança com rodas ou flores; deve-se considerar, todavia, que naturalmente tal expressão tem significado tão exacto quanto a denominação "asas pulmonares" para as duas partes do pulmão. Assim como neste último caso se sabe que não se trata de "asas", também aí se terá de considerar o carácter apenas metafórico da denominação. Essas "flores de loto" são, no indivíduo pouco evoluído, de cores escuras e calmas, imóveis. No caso do clarividente, porém, estão em movimento e possuem matizes brilhantes. Também em relação ao médium se dá algo semelhante, porém de outra maneira. Sobre isso não se pretende entrar em detalhes aqui. Quando um discípulo começa a praticar seus exercícios, o primeiro facto que acontece é de as flores de loto se aclararem; mais tarde, elas começarão a girar. Quando isto suceder, começará a faculdade da clarividência. Pois essas "flores" são os órgãos sensoriais da alma.[3] E sua rotação é a expressão de que se estão efectuando percepções no plano supra-sensorial. Ninguém é capaz de percepções de algo supra-sensorial antes que seus sentidos astrais se tenham formado dessa maneira.

O órgão sensorial espiritual situado na vizinhança da laringe possibilita o discernimento clarividente do *modo de pensar* de um outro ser anímico e permite, também, a observação mais profunda das verdadeiras leis dos fenómenos da Natureza. O órgão na vizinhança do coração descerra um conhecimento clarividente da espécie de *sentimentos* de outras almas. Quem o desenvolveu também é capaz de reconhecer determinadas forças mais profundas em animais e plantas. Por meio do sentido nas

imediações da assim chamada cavidade do estômago, alcança-se o conhecimento de *faculdades* e *talentos* das almas; chega-se a discernir que papéis desempenham animais, plantas, minerais, metais, fenómenos atmosféricos e assim por diante no governo da Natureza.

O órgão próximo à laringe tem dezasseis "pétalas" ou "raios" ; o que fica perto do coração, doze; o que fica na vizinhança da cavidade do estômago, dez.

Certas actividades anímicas relacionam-se com as formações desse órgãos sensoriais. E quem exercer essas actividades de um modo bem determinado contribuirá com algo para o desenvolvimento dos respectivos órgãos sensoriais espirituais. Da "flor de loto de dezasseis pétalas", oito pétalas já estavam desenvolvidas num grau evolutivo anterior do ser humano, em tempos remotíssimos do passado. Para esse desenvolvimento o ser humano, por si, em nada contribuiu. Ele as recebeu qual uma dádiva da Natureza quando ainda se encontrava num estado de consciência onírica abafado. Quando, depois, a consciência se aclarou, obscureceram-se as pétalas e cessaram suas actividades. As outras oito o ser humano poderá, por si, desenvolver por meio de exercícios conscientes. Desse modo, toda a flor de loto tornar-se-á luminosa e móvel. Do desenvolvimento de cada uma dessas dezasseis pétalas depende a aquisição de certas faculdades. Mas, como já foi mencionado, o ser humano só poderá desenvolver conscientemente oito delas; as outras oito surgirão, então, por si.

A evolução ocorre da seguinte forma: o indivíduo terá de dedicar atenção e cuidados a certos processos anímicos que geralmente vem executando despreocupada e distraídamente. Existem oito desses processos.

O primeiro consiste na maneira como se adquirem representações mentais. Com relação a isso, o indivíduo costuma entregar-se ao acaso. Ele ouve isso e aquilo, vê uma coisa ou outra, formando, de acordo, seus conceitos. Enquanto proceder assim, sua "flor de loto" de dezasseis pétalas permanecerá totalmente inerte. Só começará a activar-se quando ele tomar nas mãos a auto-educação nesse sentido. Para esse fim, ele terá de atentar às suas representações mentais. Cada representação terá de ganhar importância para ele. Nela ele terá de ver uma determinada mensagem, uma notícia sobre coisas do mundo exterior. E não se deverá dar por satisfeito com representações mentais que não tiverem tal importância. Terá de dirigir toda a sua vida de conceitos de modo a torná-la um fiel espelho do mundo exterior. Suas aspirações terão de visar ao afastamento de representações mentais incorrectas de sua alma.

O segundo processo anímico diz respeito, em sentido semelhante, às resoluções do indivíduo. Ele deverá somente decidir-se – até mesmo nos assuntos mais insignificantes – a partir de deliberações plenamente reflectidas e fundadas. Todo agir irreflectido, tudo o que for sem significado ele deverá manter afastado de sua alma. Para tudo deverá ter razões bem ponderadas. E deverá abster-se de tudo para o quê nenhuma razão importante o impele.

O terceiro processo anímico diz respeito à fala. Apenas o que tem sentido e importância deverá sair dos lábios do discípulo. Todo falar por falar o desviará de seu caminho. A maneira costumeira de conversação, em que se conversa misturando ao acaso assuntos variados, deve ser evitada pelo discípulo. Isso não quer dizer que porventura ele deva excluir-se do relacionamento com seus semelhantes. É precisamente no relacionamento que sua fala terá de ganhar significado. A cada um ele corresponderá com palavra e resposta, mas fá-lo-á reflectidamente e de maneira ponderada em todos os sentidos. Jamais falará de modo infundado. Tentará não falar demais e nem de menos.

O quarto processo anímico refere-se ao estabelecimento de regras para os actos *exteriores.* O discípulo terá de procurar organizar seus actos de tal forma que estejam

em sintonia com os actos de seus semelhantes e com os acontecimentos de seu meio ambiente. Terá de abster-se de actos que sejam perturbadores para os outros ou que estejam em contradição com o que acontece ao seu redor.
Procurará organizar seu agir de tal forma que este se entrose harmoniosamente em seu meio ambiente, em sua situação de vida e assim por diante. Quando algo de fora o levar a agir, ele observará cuidadosamente de que forma poderá melhor corresponder a esse estímulo. Quando agir a partir de si, ponderará claramente sobre os efeitos de sua maneira de agir.

O quinto processo que se tomará em consideração repousa na organização de toda a vida. O discípulo terá de procurar viver de conformidade com a Natureza e o espírito. Não precipitará nada e nem será indolente. Tanto azáfama como indolência lhe serão distantes. Ele terá de considerar a vida um meio de trabalho e organizar-se de acordo. Organizará o cuidado com a saúde, os hábitos e assim por diante, de maneira a ter como consequência uma vida harmoniosa.

O sexto ponto diz respeito às aspirações humanas. O discípulo terá de examinar suas faculdades, suas capacidades e procederá de acordo com tal autoconhecimento. Procurará nada fazer que esteja além de suas forças; mas tampouco deixará de fazer o que estiver dentro das mesmas. Por outro lado, estabelecerá objectivos relacionados com os ideais, com os grandes deveres de um ser humano. Não se encaixará simplesmente sem reflectir como uma roda na engrenagem humana, mas tentará compreender suas tarefas, procurando olhar além do dia-a-dia. Esforçar-se-á por desempenhar cada vez melhor e mais perfeitamente suas obrigações.

O sétimo ponto de sua vida anímica refere-se ao esforço para aprender da vida o mais possível. Nada passará pelo discípulo sem que lhe dê motivo para acumular experiências que sejam úteis para a vida. Se, por acaso, ele fez algo de maneira incorrecta ou imperfeita, isso será motivo para mais tarde fazer algo semelhante de forma correcta ou perfeita. Ao olhar os outros em acção, ele os observará para uma finalidade semelhante. Procurará acumular um rico tesouro de experiências e sempre consultá-lo cuidadosamente. Nada fará sem remontar a vivências que lhe possam servir de ajuda em suas decisões e acções.

O oitavo ponto, finalmente, é o seguinte : o discípulo deve lançar, de vez em quando, um olhar ao seu interior; ele terá de aprofundar-se em si próprio, terá de auto-analisar-se, formar e examinar seus princípios de vida, percorrer mentalmente seus conhecimentos, ponderar seus deveres, meditar sobre o conteúdo e o objectivo da vida e assim por diante. Todos esses assuntos já foram abordados nos capítulos precedentes. Estão sendo aqui citados apenas com vistas ao desenvolvimento da flor de loto de dezasseis pétalas. Por meio de seu exercício, esta se tornará sempre mais e mais perfeita. Pois desses exercícios depende o desenvolvimento do dom da clarividência. Quanto mais, por exemplo, o que um indivíduo pensa e fala sintoniza com os acontecimentos do mundo exterior, mais rapidamente esse dom se desenvolverá. Quem pensa ou fala algo inverídico mata algo no germe da flor de loto de dezasseis pétalas. Veracidade, sinceridade, honestidade são, com respeito a isto, forças construtivas; mentiras, falsidade e deslealdade são forças destrutivas. E o discípulo deverá saber que, nesse sentido, o que importa não é apenas a "boa intenção", mas a verdadeira acção. Se eu penso ou digo algo que não corresponde à realidade, estou destruindo algo em meu órgão sensorial espiritual, mesmo acreditando possuir suficiente razão para isso, por melhor que seja. É como no caso da criança que se queima quando põe a mão no fogo, ainda que isto ocorra por ignorância. A organização dos processos anímicos abordados, na direcção caracterizada, fará com que a flor de loto de dezasseis pétalas resplandeça

em cores maravilhosas e lhe proporcionará um movimento regular. Todavia, deve-se atentar para o facto de que o dom clarividente descrito não poderá surgir antes de se ter alcançado um determinado grau no desenvolvimento da alma. Enquanto ainda for custoso conduzir a vida nessa direcção, esse dom não se apresentará. Enquanto o indivíduo ainda tiver de dedicar especial atenção aos processos descritos, não estará maduro. Somente quando houver atingido o ponto em que a maneira de viver indicada se transformar em hábito, como o ser humano comum tem o seu, só então se apresentarão os primeiros vestígios da clarividência. Nessa altura, as coisas não mais poderão ser penosas, mas deverão ter-se tornado um modo de vida habitual. Não deverá ser preciso constantemente observar-se, exercitar-se para viver assim. Tudo deverá ter-se tornado hábito. Existem certas instruções que levam de uma outra maneira a flor de loto de dezasseis pétalas ao desenvolvimento. Todas essas instruções a verdadeira ciência do oculto rejeita. Pois conduzem à destruição da saúde corpórea e à deterioração moral. São mais fáceis de executar do que o oposto. Este último é demorado e penoso. Mas conduzirá a um fim seguro, e não pode senão ter o efeito de fortalecer moralmente.

A estruturação deformada de uma flor de loto tem como consequência não só ilusões e representações fantásticas, no caso de surgir certo dom clarividente, mas também aberrações e inconstância na vida comum. Por meio de tal formação é possível a pessoa tornar-se tímida, invejosa, vaidosa, arrogante, teimosa e assim por diante, enquanto anteriormente não possuía todas essas características. Foi dito que oito das dezasseis pétalas da flor de loto já existiam desenvolvidas em tempos remotos do passado e que, de novo, surgirão espontaneamente no decurso da disciplina do oculto. Nos esforços do discípulo, é preciso dedicar todos os cuidados às outras oito pétalas. Na prática incorrecta da disciplina, facilmente surgirão apenas as oito anteriormente desenvolvidas, permanecendo atrofiadas as novas que se deveriam formar. Este, notadamente, será o caso quando na disciplina não for dada suficiente atenção ao pensar lógico e sensato. É de suma importância que o discípulo seja um indivíduo acessível, de pensamentos claros. E de importância maior será seu empenho pela maior clareza possível no falar. Pessoas que começam a vislumbrar alguma coisa do supra-sensorial frequentemente se tornam loquazes a respeito, retardando, assim, sua evolução correcta. Quanto menos se falar dessas coisas, melhor será. Só quem avançou até um certo grau de clareza deveria falar dela. No início do ensino, via de regra os discípulos espantam-se com a pouca "curiosidade" que o mestre mostra perante os relatos de suas vivências. O melhor seria, pois, que silenciassem totalmente com relação a elas e que não quisessem discutir sobre outra coisa senão quão bem ou mal estão conseguindo executar seus exercícios ou seguir as instruções. Pois o mestre dispõe, para julgar os progressos, de fontes completamente diversas de seus relatos diversos. As oito pétalas em questão, da flor de loto de dezasseis pétalas, tornam-se, por meio de tais relatos, sempre um pouco endurecidas, enquanto deveriam ser conservadas macias e flexíveis. A título de elucidação será citado um exemplo. Para ficar bem claro, esse exemplo será tirado da vida comum e não da supra-sensorial. Suponhamos que eu escute uma notícia e, imediatamente, forme sobre ela um juízo. Pouco tempo depois, recebo outra noticia sobre o mesmo assunto, a qual não coincide com a primeira. Assim sendo, serei obrigado a refazer o juízo já feito anteriormente. A consequência disso é uma influência desfavorável sobre minha flor de loto de dezasseis pétalas. A coisa teria sido completamente diferente se, de inicio, eu houvesse refreado meu julgamento – se, em relação ao assunto todo, houvesse "silenciado" interiormente em pensamentos e exteriormente em palavras, até que tivesse referências bem seguras para meu juízo. Cautela em formar e expressar juízos tornar-se-á pouco a pouco uma qualificação

especial do discípulo. Em compensação, crescerá sua sensibilidade a impressões e experiências que, em silêncio, ele deixará desfilar à sua frente a fim de criar tantas referências quanto possível para quando tiver de julgar. São vermelho-azuladas e vermelho-rosadas as nuanças que, nas pétalas da flor de loto, surgirão através dessa prudência, enquanto em caso contrário surgem nuanças vermelho-escuro e cor-de-laranja. De forma semelhante à da de dezasseis pétalas [4] se estruturará também a flor de loto de doze pétalas na proximidade do coração. Também dela a metade das pétalas já existia num estado evolutivo passado do ser humano e estava em actividade. Essas seis pétalas, portanto, não precisam ser especialmente formadas na disciplina do oculto; elas surgirão por si e começarão a girar, ao se trabalhar nas outras seis. Novamente o indivíduo terá, a fim de favorecer esse desenvolvimento, de dar a certas actividades anímicas uma determinada direcção de maneira consciente.

É preciso ter em mente que as percepções de cada sentido espiritual ou anímico possuem carácter diferente. A flor de loto com doze pétalas transmite uma percepção diferente da de dezasseis pétalas. Esta última percebe figuras. A espécie de pensamentos que uma alma nutre, as leis por meio das quais se processa um fenómeno da Natureza, apresentar-se-ão em figuras à flor de loto de dezasseis pétalas. Mas não são figuras rígidas, imóveis, e sim formas móveis, cheias de vida. O clarividente, no qual esse sentido se desenvolveu, é capaz de indicar, para cada modo de pensar, para cada lei da Natureza, uma forma em que se exprime. Um pensamento de rancor, por exemplo, revestir-se-á com uma figura pontiaguda, semelhante à flecha; um pensamento benévolo muitas vezes terá a figura de uma flor desabrochando, e assim por diante. Pensamentos precisos, significantes, possuem contornos regulares, simétricos; os de conceitos pouco claros são de contornos encrespados. Percepções totalmente diferentes surgirão através da flor de doze pétalas. É possível caracterizar aproximadamente a espécie dessas percepções, denominando-as calor anímico e frio anímico. Um clarividente dotado desse sentido sentirá, nas figuras que percebe através da flor de loto de dezasseis pétalas, emanar tal calor ou frio anímicos. Imagine-se, hipoteticamente, que um clarividente só tenha desenvolvido a flor de loto de dezasseis pétalas, mas não a de doze pétalas. Então, no caso de um pensamento benévolo, somente visualizaria a figura supradescrita. Um outro, que tenha desenvolvido os dois sentidos, perceberá ainda aquela emanação desse pensamento à qual só se pode denominar calor anímico. Diga-se de passagem que, na disciplina do oculto, jamais um sentido é desenvolvido sem o outro, de forma que o acima mencionado só deverá ser considerado como hipótese para esclarecimento.

Ao clarividente também se descerra, através da formação da flor de loto de doze pétalas, uma profunda compreensão para com fenómenos da Natureza. Tudo o que está baseado num crescer e desenvolver emana calor anímico; o que é conceituado em definhar, destruir e declinar surge com o carácter do frio anímico.

O desenvolvimento desse sentido será favorecido da seguinte forma: a primeira coisa que o discípulo terá de observar com relação a isso é a submissão a regras, do curso de seus pensamentos (o assim chamado controle de pensamentos). Assim como a flor de loto de dezasseis pétalas é desenvolvida por meio de verdadeiros e significantes pensamentos, assim a de doze pétalas o é por meio do domínio interior do curso do pensamento. Pensamentos não concatenados, não juntados de maneira coerente e lógica, mas puramente ao acaso, deterioram a forma dessa flor de loto. Quanto mais um pensamento resultar do outro, quanto mais for evitado tudo que seja ilógico, tanto mais esse órgão sensorial receberá a forma que lhe corresponde. Se o discípulo ouvir pensamentos ilógicos, deverá imediatamente fazer a forma correcta percorrer-lhe a cabeça. Não deverá retirar-se insensivelmente de um meio ambiente porventura ilógico,

visando a favorecer sua evolução. Também não deverá sentir o ímpeto de corrigir imediatamente tudo que seja ilógico em seu meio ambiente. Irá, muito mais, no silêncio de seu íntimo, levar a um sentido lógico e coerente os pensamentos que sobre ele se precipitam vindos de fora. E se esforçará por manter esse sentido em todos os seus próprios pensamentos.

O segundo ponto consiste em levar idêntica sequência lógica às suas acções (controle das acções). Toda instabilidade e desarmonia no agir levará a flor de loto em questão a deteriorar-se. Se o discípulo fez algo, terá então de orientar sua acção subsequente de acordo, para que esta siga a primeira de maneira lógica. Quem atua hoje numa orientação diferente da de ontem jamais desenvolverá o sentido caracterizado.

O terceiro ponto consiste na educação para a perseverança. O discípulo não permitirá que uma ou outra influência o desvie de um objectivo que colocou para si, enquanto considerar esse objectivo correcto. Obstáculos ser-lhe-ão um desafio para superar, e não motivos de impedimento.

O quarto consiste na tolerância perante seres humanos, outros seres e também factos. O discípulo deverá reprimir toda crítica supérflua frente à imperfeição, maldade e ruindade, e deverá, muito mais, tentar compreender tudo o que se lhe acerca. Assim como o Sol não nega sua luz ao ruim e ao mau, tampouco ele lhes negará seu compreensivo interesse. Ao se defrontar com uma adversidade qualquer, o discípulo não incorrerá em julgamentos depreciativos, mas suportará o necessário e tentará, dentro dos limites de suas forças, inverter o caso para o bem. Ele não só considerará outras opiniões a partir de seu ponto de vista, mas procurará imaginar-se na situação do outro.

O quinto consiste na imparcialidade perante os aspectos da vida. Com respeito a isto, fala-se também da "fé" ou "confiança". O discípulo se defrontará com cada indivíduo, com cada ser, imbuído dessa confiança. E se impregnará com essa confiança em suas acções. Jamais dirá a si mesmo, ao lhe ser relatado algo: "Não acredito nisso por contrariar a opinião que tive até agora." Ele deverá, ao invés, a cada momento estar pronto a submeter sua opinião e seu parecer a um novo exame e rectificá-los. Terá de manter-se sempre sensível a tudo que lhe vem ao encontro, confiando na eficiência daquilo que empreender. Pusilanimidade e cepticismo serão por ele banidos de seu ser. Se tiver um desígnio, ele também terá fé na força desse desígnio. Centenas de insucessos não lhe podem tirar essa fé. Trata-se daquela "fé capaz de mover montanhas".

O sexto consiste na aquisição de um certo equilíbrio de vida (equanimidade). O discípulo terá de esforçar-se por manter sua disposição uniforme, mesmo que seja atingido por dor ou por alegria. Terá de desacostumar-se de oscilar entre o "sétimo céu do regozijo e as profundezas do desespero". A desgraça e o perigo encontrá-lo-ão tão preparado como a sorte e o progresso.

Os leitores de textos científico-espirituais encontrarão o exposto enumerado nas assim chamadas "seis qualidades" que deverá desenvolver em si quem aspira à iniciação. Aqui se pretende demonstrar sua associação com o sentido anímico denominado "flor de loto de doze pétalas". A disciplina do oculto consegue novamente dar instruções especiais que levam à maturação dessa flor de loto, sendo que também aqui a estruturação da forma regular desse órgão sensorial depende do desenvolvimento das qualidades enumeradas. Se esse desenvolvimento for descuidado, esse órgão se estruturará no sentido de uma desfiguração. E, por esse intermédio, na formação de um certo dom clarividente nesse sentido, as qualidades citadas podem voltar-se para o que é mau, em lugar do bom. O indivíduo poderá tornar-se particularmente intolerante, pusilânime, negativo, em relação ao seu ambiente. Poderá, por exemplo, adquirir uma

percepção para os sentimentos de outras almas e, por causa disso, fugir delas ou odiá-las. Pode até chegar ao ponto de, em decorrência da frieza de alma que o invade quando opiniões lhe são contrárias, não poder escutar ou comportar-se de maneira repulsiva.

Se, ao todo acima exposto, ainda for adicionada a observação de certos preceitos que o discípulo só pode receber do instrutor verbalmente, processar-se-á então uma adequada aceleração no desenvolvimento da flor de loto. As instruções dadas aqui levam, de facto, inteiramente à verdadeira disciplina do oculto. Também para quem não quer ou não pode passar pela disciplina do oculto, será útil a disposição da vida nessa direcção. Pois de qualquer forma se apresentará um efeito sobre o organismo anímico, ainda que mais lentamente. E, para o discípulo, a observação destes princípios é imprescindível. Se ele tentasse um aprendizado sem observar os mesmos, só poderia penetrar nos mundos superiores com uma vista mental deficiente; e, ao invés de reconhecer a verdade, somente estaria sujeito a enganos e ilusões. De certa maneira, ele se tornaria clarividente – mas, no fundo, susceptível a uma maior cegueira do que antes. Ora, anteriormente ele ao menos se postava firme dentro do mundo sensorial, tendo neste um certo apoio; mas agora enxergará por trás do mundo sensorial, ficando desnorteado nele, antes de ter fincado pé firme nos mundos superiores. E a essa altura talvez nem mais lhe seja possível discernir verdade de ilusão, vindo a perder toda orientação na vida. É precisamente por esta razão que *paciência* é tão necessária nessas coisas. Tem-se sempre de levar em consideração que a ciência do oculto *não pode* adiantar-se em suas instruções para além da integral acessibilidade a um desenvolvimento regular das "flores de loto". Plasmar-se-iam verdadeiras desfigurações dessas flores se elas fossem conduzidas à maturidade antes de ter calmamente atingido a *forma* que lhes compete. Pois as instruções especiais da ciência oculta causam o *amadurecer,* mas a forma lhes é proporcionada por meio do modo de vida descrito.

De natureza especialmente subtil é o cultivo da alma necessário ao desenvolvimento da flor de loto de dez pétalas. Pois aqui se trata de aprender a dominar, de forma consciente, as próprias impressões sensoriais. Para o candidato à clarividência, isto é especialmente necessário. Somente através disso ele será capaz de evitar uma fonte de inúmeras ilusões e arbitrariedades espirituais. Geralmente o indivíduo não se dá conta de quais coisas estão dominando suas ideias, suas recordações, e através de quê elas são provocadas. Suponha-se o seguinte caso: alguém viaja de trem. Está compenetrado em seus pensamentos. Repentinamente, seu pensamento toma uma direcção completamente diferente. Ele se recorda de uma vivência que teve anos atrás e a entretece com seus pensamentos atuais. Nem se apercebeu, no momento, de que sua vista esteve dirigida para fora da janela e seu olhar captou uma pessoa possuindo traços semelhantes aos de uma outra, envolvida na vivência recordada. Não tem consciência do que viu, mas apenas do efeito, acreditando assim que o assunto lhe tenha "ocorrido espontaneamente". Quanto, na vida, acontece dessa maneira! Quantas coisas que experimentamos e lemos interferem em nossa vida sem trazermos a relação à consciência. Alguém, por exemplo, não suporta uma certa cor; não sabe que esse facto está relacionado a um professor que o atormentou muitos anos atrás e que usava uma roupa dessa cor. Inúmeras ilusões repousam em tais associações. Muitas coisas se gravam na alma, sem ser incorporadas também à consciência. Poderá apresentar-se o seguinte caso: alguém lê num jornal a noticia da morte de uma pessoa conhecida. E agora afirma com convicção ter tido "ontem" um pressentimento desse caso de falecimento, ainda que nada tivesse ouvido ou visto que pudesse levá-lo a esse pensamento. Com efeito, como que "espontaneamente" lhe aflorou "ontem" o pensamento de que a referida pessoa iria morrer. Apenas ele não atentou para um

detalhe: algumas horas antes de lhe haver surgido "ontem" esse pensamento, estivera visitando um conhecido. Em cima da mesa estava um jornal. Ele não o leu. Mas ainda assim seu olhar pousou, inconscientemente, na manchete da grave enfermidade da pessoa em questão. Ele não se conscientizou dessa impressão. Mas o efeito era o "pressentimento". Ao se reflectir sobre essas coisas, é possível avaliar o tipo de fonte de ilusões e quimeras que se situa em tais condições. E essa fonte terá de ser obstruída por quem deseja desenvolver sua flor de loto de dez pétalas. Ora, por meio dessa flor de loto pode-se perceber faculdades profundamente ocultas em almas. Contudo, a verdade em tais percepções somente será digna de crédito se a pessoa se houver livrado integralmente das ilusões caracterizadas. Para esse fim, será necessário que nos tornemos senhores daquilo que atua em nós a partir do mundo exterior. Teremos de chegar ao ponto de realmente não mais acolher impressões que não se *queiram* acolher. Tal faculdade poderá ser desenvolvida unicamente mediante uma intensa vida interior. Temos de obter a vontade de só deixar actuar sobre nós as coisas para as quais voltamos nossa atenção, e de realmente nos livrarmos de impressões às quais não nos voltamos voluntariamente. O que vemos devemos *querer* ver, e aquilo a que não voltamos atenção alguma efectivamente terá de inexistir para nós. Quanto mais intenso e enérgico se tornar o trabalho interior da alma, tanto mais se alcançará nesse particular. O discípulo terá de evitar todo olhar e ouvir irreflectidos. Para ele há de existir unicamente aquilo a que dirigir o ouvido e o olhar. Ele terá de exercitar-se nisso a ponto de, no meio do maior tumulto, não precisar ouvir nada quando não *quiser* ouvir; e terá de fazer com que seu olho se torne insensível a coisas para as quais não olhou especialmente. Deverá estar como que envolto por uma couraça anímica para todas as impressões inconscientes. Nesse sentido ele terá de dedicar especiais cuidados à vida dos pensamentos. Determinará um pensamento e tentará apenas seguir pensando o que, bem conscientemente e em plena liberdade, for capaz de associar a esse pensamento. Rejeitará quaisquer divagações. Se quiser pôr o pensamento em relação com qualquer outro, ponderará cuidadosamente em que ponto esse outro se lhe aproximou. E irá ainda mais longe. Se, por exemplo, tiver uma determinada antipatia em relação a alguma coisa, empenhar-se-á em combatê-la e procurará estabelecer uma relação *consciente* com a respectiva coisa. Dessa maneira se misturarão cada vez menos elementos inconscientes em sua vida anímica. Somente sob tal rigorosa autodisciplina a flor de loto de dez pétalas atingirá a configuração que deveria ter. A vida anímica do discípulo terá de tornar-se uma vida permeada de atenção, e ele terá de saber manter-se realmente afastado daquilo a que não deseja ou não deve dedicar atenção. Se a tal autodisciplina se acrescentar uma meditação que corresponda aos ensinamentos da ciência oculta, a flor de loto situada na região da cavidade do estômago entrará no processo correcto de amadurecimento, e aquilo que através dos órgãos sensoriais acima descritos apenas tinha forma e calor receberá luz e cor espirituais. E dessa forma se desvendarão, por exemplo, talentos e faculdades de almas, forças e qualidades ocultas na Natureza. A aura colorida dos seres vivificados tornar-se-á, assim, visível; aquilo que nos circunda anuncia, assim, suas qualidades anímicas. Admitimos que se exijam, precisamente no desenvolvimento nesse campo, os maiores cuidados, pois aqui a interferência de recordações inconscientes é desmedidamente activa. Se este não fosse o caso, muitas pessoas possuiriam o sentido aqui em questão, pois ele se manifesta quase imediatamente quando a pessoa tem as impressões de seus sentidos real e integralmente em seu poder, a ponto de só estarem ainda sujeitos à sua atenção ou desatenção. Só enquanto o poder dos sentidos exteriores mantém esse sentido anímico abafado ou surdo é que este permanece inactivo.

Mais difícil que o desenvolvimento da flor de loto descrita é o da flor de seis pétalas, situada no centro do corpo. É que para esse desenvolvimento terá de ser aspirado o perfeito domínio do ser humano todo através da autoconsciência, de forma a nele se estabelecer uma completa harmonia entre corpo, alma e espírito. As funções do corpo, as inclinações e paixões da alma, os pensamentos e ideias do espírito deverão ser levados à absoluta unissonância. O corpo deverá ser enobrecido e purificado a tal ponto que seus órgãos não incitem a nada que não esteja a serviço da alma e do espirito. A alma não deverá ser impelida pelo corpo a apetites e paixões incompatíveis com um pensar puro e nobre. Porém, o espirito não deverá, qual um amo de escravos com seus mandamentos e regulamentos, reinar sobre a alma, mas esta terá de obedecer aos deveres e mandamentos a partir da inclinação própria e livre. O dever não deverá pairar sobre o discípulo como algo a que ele se submete a contragosto, mas sim como algo que o mesmo realiza por amor. Uma alma livre, mantendo o equilíbrio entre sensorialidade e espiritualidade, é o que o discípulo terá de desenvolver. Ele terá de chegar ao ponto de se permitir entregar-se à sua sensorialidade porque esta se encontra purificada a ponto de ter perdido o poder de aviltá-lo. Não mais deverá ter necessidade de frear suas paixões, já que estas, por si, estão orientadas para o que é correcto. Enquanto o indivíduo tiver necessidade de mortificar-se, não poderá ser discípulo em certo grau. Uma virtude à qual primeiramente terá de se obrigar ainda é sem valor para a disciplina do oculto. Enquanto ainda tivermos um apetite, este perturba o aprendizado, mesmo que se façam esforços para não lhe condescender. E tanto faz se essa cobiça pertence mais ao corpo ou mais à alma. Se alguém evita, por exemplo, um determinado estimulante, visando a purificar-se por meio da privação do prazer, isso somente o ajudará se, devido a essa abstinência, seu corpo não sofrer fadiga alguma. Se esta última ocorrer, será sinal de que o corpo *cobiça* o estimulante, e a abstinência não terá valor algum. Neste caso é inteiramente possível que o indivíduo tenha, primeiramente, de renunciar ao fim almejado e esperar até que condições sensoriais mais propícias se lhe apresentem – até mesmo numa outra encarnação. Uma renúncia sensata representa, em determinadas circunstâncias, um progresso muito maior do que a aspiração por alguma coisa que, sob as condições dadas, não é possível atingir. De certa forma, uma tal renúncia sensata até favorecerá o desenvolvimento em maior escala do que faria o caso contrário.

Quem desenvolveu a flor de loto de seis pétalas chegará à comunicação com seres pertencentes aos mundos superiores – porém, só quando a existência desses seres se apresentar no mundo das almas. A disciplina não recomenda um desenvolvimento dessa flor de loto antes que o discípulo tenha avançado o suficiente no caminho por meio do qual possa elevar seu *espírito* a um mundo ainda mais elevado. Essa entrada no mundo do espírito propriamente dito sempre deverá acompanhar a estruturação das flores de loto. De outra maneira o discípulo incorrerá em confusão e insegurança. Embora ele pudesse aprender a *ver,* faltar-lhe-ia a faculdade de formar um juízo correcto acerca do que foi visto. Com efeito, aquilo que se exige para a estruturação da flor de loto de seis pétalas já encerra uma certa garantia contra confusão e instabilidade, uma vez que dificilmente incorrerá nessa confusão alguém que tiver alcançado o perfeito equilíbrio entre sensorialidade (corpo), paixão (alma) e ideias (espírito). Ainda assim, é preciso algo mais do que essa garantia quando, por meio do desenvolvimento da flor de loto de seis pétalas, ao indivíduo se tornam perceptíveis seres com vida e autonomia, pertencentes a um mundo inteiramente diferente daquele de seus sentidos físicos. A fim de ter segurança nesses mundos, não lhe bastará a formação das flores de loto; ele deverá ter aí, à sua disposição, órgãos ainda mais elevados. Pretende-se, agora, abordar

o desenvolvimento desses órgãos mais elevados; depois disso, também será possível considerar as outras flores de loto e outras formas de organização do corpo anímico. [5]

* * *

A estruturação do corpo anímico, conforme acaba de ser descrito, permite ao indivíduo perceber fenómenos supra-sensoriais. Quem, no entanto, quiser realmente orientar-se nesses mundos não poderá parar nesse grau de desenvolvimento. A mera mobilidade das flores de loto não é suficiente. O indivíduo deverá ser capaz de regular e governar o movimento de seus órgãos espirituais autonomamente e em plena consciência. Do contrário, viria a ser um joguete das forças e potências exteriores. Para que isso não venha a ser o caso, ele terá de adquirir a faculdade de ouvir o assim chamado "verbo interior". A fim de que isso seja alcançado, terá de ser desenvolvido não apenas o corpo anímico, mas também o corpo etérico. Este é aquele subtil corpo que se apresenta ao clarividente qual uma espécie de "duplo" do corpo físico. É, de certa forma, um grau intermediário entre este corpo e o corpo anímico. [6] Se alguém é dotado de faculdades clarividentes, é possível que faça, com plena consciência, uma abstracção do corpo físico de uma pessoa que esteja à sua frente. Trata-se, num plano mais elevado, de nada mais que um exercício da atenção num plano inferior. Assim como o indivíduo é capaz de desviar sua atenção de algo que está à sua frente, de modo que este deixe de existir para ele, assim o clarividente é capaz de apagar por completo, de sua percepção, um corpo físico, fazendo com que para ele o mesmo se torne, fisicamente, de todo transparente. Ao efectuar isso com uma pessoa à sua frente, ainda resta a seu olho anímico o assim chamado corpo etérico, além do corpo anímico, maior que ambos e que também os permeia. O corpo etérico possui *aproximadamente* tamanho e forma do corpo físico, sendo que também ocupa mais ou menos o mesmo espaço que o corpo físico ocupa. É uma estrutura extremamente ténue e subtilmente organizada. [7] Sua cor básica é diferente das sete cores contidas no arco-íris. Quem for capaz de observá-lo conhecerá uma cor que de facto inexiste para a observação sensorial. Ela mais se assemelha à cor da flor de pêssego recém-desabrochada. Se eu quiser observar o corpo etérico inteiramente por si, será preciso que, por meio de um exercício de atenção semelhante ao acima caracterizado, também se apague apenas para a observação a manifestação do corpo anímico. Se isto não se fizer, o aspecto do corpo etérico se alterará por estar inteiramente permeado pelo corpo anímico.

Ora, no ser humano as partículas do corpo etérico se encontram num constante movimento. Inúmeras correntes o atravessam em todas as direcções. Através dessas correntes, a vida é sustentada e regulada. Cada corpo que vive possui tal corpo etérico. As plantas e os animais também o possuem. Até mesmo em minerais distinguem-se indícios perceptíveis ao observador atento. As referidas correntes e movimentos são, por ora, inteiramente independentes da vontade e da consciência do ser humano, tal como a função do coração ou do estômago no corpo físico independem do arbítrio. E enquanto o indivíduo não assumir sua formação no sentido da aquisição de faculdades supra-sensoriais, permanecerá também essa independência. Pois o desenvolvimento mais elevado, em certo grau, consiste precisamente no facto de às correntes e movimentos do corpo etérico, independentes da consciência, serem acrescentados outros, do tipo que o próprio indivíduo causa de forma consciente.

Se a disciplina do oculto se tiver adiantado a ponto de as flores de loto caracterizadas nos capítulos precedentes começarem a movimentar-se, o discípulo

também já terá efectuado muito daquilo que leva à incitação de correntes e movimentos bem determinados em seu corpo etérico. O objectivo deste desenvolvimento consiste em formar, na região do coração físico, uma espécie de ponto central, do qual emanarão correntes e movimentos nas mais variadas cores e formas espirituais. Em verdade não se trata, neste ponto central, de um mero ponto, mas de uma estrutura complexa, de um órgão maravilhoso. Ele reluz e cintila espiritualmente nas mais variadas cores e apresenta formas de grande regularidade, capazes de se alterarem com velocidade. E outras formas e correntes de cores fluem desse órgão em direcção às restantes partes do corpo e ainda para além deste, ao perpassarem todo o corpo anímico. As mais importantes dessas correntes, no entanto, fluem para as flores de loto. Elas perpassam cada uma da pétalas das mesmas e regulam sua rotação; depois, fluem das pontas das pétalas para fora, para se perderem no espaço exterior. Quanto mais evoluído for o indivíduo, tanto maior será a circunferência na qual essas correntes se propagam.

Numa relação especialmente íntima com o centro descrito encontra-se a flor de loto de doze pétalas. Para ela fluem directamente as correntes. E ela é atravessada, de um lado, por correntes em direcção às flores de loto de dezasseis e de duas pétalas e, de outro lado (inferior), em direcção às flores de loto de oito, seis e quatro pétalas. Nesta ordenação reside a razão pela qual na disciplina do oculto se deve dedicar cuidado muito especial à estruturação da flor de loto de doze pétalas. Se aqui algo falhasse, toda a estruturação do aparelho incorreria numa desordem. Através do exposto pode-se avaliar quão subtil e íntima é a natureza da disciplina do oculto e quão exactamente se deve proceder, caso se almeje que tudo se desenvolva de forma pertinente. Por isso torna-se também evidente que só poderá falar de instruções para a formação de faculdades supra-sensoriais quem experimentou, em si próprio, tudo o que deve desenvolver em um outro, e que esteja perfeitamente em condições de reconhecer se suas instruções também levam ao resultado de todo correcto.

Se o discípulo executar o que lhe é prescrito através das instruções, aduzirá ao seu corpo etérico correntes e movimentos que estarão em harmonia com as leis e a evolução do Universo, ao qual o ser humano pertence. Por isso as instruções sempre são uma cópia das grandes leis da evolução cósmica. Elas consistem nos citados e similares exercícios de meditação e concentração, exercícios esses que, pertinentemente praticados, terão os efeitos descritos. O discípulo terá de, em certos espaços de tempo, permear inteiramente sua alma com o conteúdo dos exercícios; terá de, por assim dizer, preencher-se completamente com isso. Começa com algo simples, sobretudo o que seja adequado para aprofundar e interiorizar o sensato e racional pensar da cabeça. Destarte, esse pensar torna-se livre e independente de todas as impressões e experiências sensoriais. Ele é, de certa maneira, reunido *num* ponto, sob completo domínio do indivíduo. Por esse meio é formado um centro *provisório* para as correntes do corpo etérico. De início, esse ponto central ainda não se situa na região do coração, mas na cabeça. Ao clarividente, ele se apresenta aí como ponto de partida de movimentos. Somente terá pleno êxito a disciplina do oculto que, em primeiro lugar, criar esse ponto central. Se, logo de início, o ponto central fosse transferido para a região cardíaca, o candidato à clarividência poderia ter certos vislumbres dos mundos superiores; mas não poderia obter discernimento algum para a relação desses mundos superiores com o nosso mundo sensorial. E isto é, para o ser humano na actual fase da evolução cósmica, uma necessidade *imprescindível. O* clarividente não deverá vir a ser um sonhador; ele *terá* de manter chão firme sob os pés.

O ponto central na cabeça, depois de convenientemente consolidado, será, então, transferido mais para baixo, em verdade para a região da laringe. Isto se conseguirá

continuando a praticar os exercícios de concentração. Então os caracterizados movimentos do corpo etérico irradiam a partir dessa região, vindo a iluminar o espaço anímico em redor do indivíduo.

Continuando a exercitar-se, o discípulo habilitar-se-á a determinar, por si próprio, a posição do seu corpo etérico. Anteriormente, essa posição dependia das forças que provêm de fora e que emanam do corpo físico. Através do ulterior desenvolvimento, o indivíduo será capaz de girar o corpo etérico em todas as direcções. Essa faculdade será produzida por meio de correntes que fluem mais ou menos ao longo de ambas as mãos e que possuem seu ponto central na flor de loto de duas pétalas, na região dos olhos. Tudo isso se realiza pelo facto de as radiações que emanam da laringe comporem formas redondas, parte das quais flui para a flor de loto de duas pétalas para, daí em diante, tomar o caminho ao longo das mãos como correntes ondulantes. Uma outra consequência consiste no facto de essas correntes subdividirem-se e se ramificarem da maneira mais subtil, vindo a ser uma espécie de entretecedura que, qual uma malha, converte-se em fronteira de todo o corpo etérico. Enquanto até então este último não possuía limite externo algum, permitindo directo afluxo e refluxo das correntes vitais precedentes do mar vital universal, agora as actuações de fora terão de traspassar essa membrana. Assim, o ser humano se torna sensível a esses fluxos *exteriores*. Estes lhe são perceptíveis. Agora, também é chegado o momento de centrar na região do coração todo o sistema de correntes e movimentos. Isto ocorre, mais uma vez, mediante o prosseguimento dos exercícios de concentração e de meditação. E com isto também se terá alcançado o grau em que o indivíduo é agraciado com o *"verbo interior"*. Todas as coisas ganham, a partir de agora, um novo significado para ele. Elas se tornam, de certa forma, espiritualmente audíveis em seu mais íntimo ser; falam, ao indivíduo, de sua verdadeira essência. As correntes caracterizadas colocam-no em ligação com o âmago do Universo, do qual ele faz parte. Ele começará a vivenciar a vida de seu meio ambiente e a fará ressoar no movimento de suas flores de loto.

Com isso o indivíduo penetra no mundo espiritual e, à medida que avança, adquire uma nova compreensão do que os grandes mestres da Humanidade disseram. Agora as falas do Buda e os Evangelhos, por exemplo, actuarão sobre ele de uma nova maneira, permeando-o com uma felicidade que até então ele não havia imaginado. Pois o som de suas palavras obedece aos movimentos e ritmos que ele desenvolveu em si próprio. Agora ele pode *saber,* directamente, que um homem como o Buda ou os evangelistas não expressam *suas* revelações, mas aquelas que lhes afluíram da mais íntima essência das coisas. Cabe aqui chamar a atenção para um facto somente compreensível a partir do precedente. As muitas repetições nas falas do Buda não são realmente bem compreensíveis às pessoas de nossa cultura. Para o discípulo, tornam-se algo em que ele gosta de repousar com seu sentido interior. É que elas correspondem a certos movimentos de natureza rítmica no corpo etérico. O abandono às mesmas, em completa calma interior, causa também uma unissonância com tais movimentos. E uma vez que esses movimentos são uma cópia de determinados ritmos cósmicos que, em certos pontos, também representam repetições e voltas regulares aos precedentes, ao ouvir à maneira do Buda o indivíduo se habitua à ligação com os mistérios cósmicos.

Na ciência do oculto fala-se de *quatro* qualidades que o indivíduo terá de adquirir, na assim chamada trilha da prova, a fim de ascender ao conhecimento superior. A *primeira* delas consiste na faculdade de mentalmente discernir entre o verdadeiro e a aparência, a verdade e a mera opinião. A *segunda* qualidade é a correcta avaliação do verdadeiro e real frente à aparência. A *terceira* qualidade compõe-se da prática das seis

qualidades já abordadas no capítulo anterior: controle dos pensamentos, controle das acções, perseverança, tolerância, fé e equilíbrio. A *quarta* é o amor à liberdade interior.

Uma compreensão meramente intelectual daquilo que essas qualidades encerram não tem proveito algum. Elas terão de ser incorporadas à alma de tal modo que venham a estabelecer *hábitos* interiores. Tome-se, por exemplo, a primeira qualidade: o discernimento entre o verdadeiro e a aparência. O indivíduo terá de disciplinar-se a ponto de, ante cada coisa que se lhe defronta, discernir inteira e espontaneamente entre o não-essencial e o que tem importância. Só lhe será possível disciplinar-se assim quando, em suas observações do mundo exterior, com toda calma e paciência ele sempre voltar a repetir tentativas com esse propósito. No final, a vista se fixará de forma natural no verdadeiro, tal como anteriormente se comprazia no não-essencial. "Tudo o que é passageiro é apenas uma alegoria" – esta verdade se tornará convicção evidente da alma. E de forma análoga se procederá em relação às outras quatro qualidades mencionadas.

Ora, o subtil corpo etérico do ser humano, sob a influência desses quatro hábitos anímicos, efectivamente se transforma. Por meio do primeiro, ou seja, do "discernimento entre o verdadeiro e a aparência", é gerado o descrito ponto central na cabeça e preparado aquele que se situará na laringe. Para a *verdadeira* estruturação, no entanto, são necessários os exercícios de concentração acima abordados. Estes plasmam, e os quatro hábitos levam à maturidade. Se o ponto central da região da laringe estiver preparado, o já mencionado livre domínio sobre o corpo etérico, bem como seu revestimento e limitação pela entretecedura da membrana, são efectuados pela correcta *avaliação* do verdadeiro perante a aparência não-essencial. Se o indivíduo chegar a tal avaliação, os factos espirituais se lhe tornarão paulatinamente perceptíveis. Contudo, não se creia que se tenha meramente de executar actos que, ante uma avaliação racional, pareçam ser significativos. A menor acção que seja, cada pequeno trabalho, tem algo de significativo no grande governo cósmico, bastando apenas ter *consciência* dessa importância. Não se trata de uma *subavaliação,* mas de uma avaliação *correcta* das actividades quotidianas da vida. Já se falou das seis virtudes de que se compõe a terceira qualidade. Elas se relacionam com a estruturação da flor de loto de doze pétalas na região do coração. Para lá, de facto, terá de ser conduzida a corrente vital do corpo etérico, conforme foi mostrado. A quarta qualidade, o *desejo de libertação,* serve para levar o órgão etérico, situado nas imediações do coração, à maturidade. Se essa qualidade se tornar hábito anímico, o indivíduo se *libertará* de tudo que só se relaciona com as faculdades de sua natureza pessoal. Ele cessa de considerar as coisas a partir do *seu* particular ponto de vista. Desaparecem os limites de seu estreito *self,* que o vinham algemando a esse ponto de vista. Os mistérios do mundo superior mantêm acesso ao seu intimo. É esta a libertação. Pois aquelas algemas obrigam o indivíduo a considerar as coisas e os seres da forma correspondente à sua maneira pessoal. Dessa maneira pessoal de encarar as coisas é que o discípulo terá de tornar-se independente, *livre.*

Disto se deduz que os preceitos emanados da ciência oculta actuam profunda e determinantemente na mais íntima natureza humana. E tais são os preceitos relativos às quatro citadas faculdades. Eles são encontrados, de uma ou de outra forma, em todas as cosmovisões que se ocupam com o mundo espiritual. Não foi a partir de um sentimento obscuro que os fundadores de tais cosmovisões deram tais preceitos aos homens. Eles o fizeram muito mais porque eram grandes iniciados. Formaram seus preceitos morais a partir do conhecimento. Sabiam como estes agem sobre a mais subtil natureza do ser humano e desejavam que os adeptos gradualmente desenvolvessem essa natureza mais subtil. Viver, no sentido de tais cosmovisões, significa trabalhar em seu próprio aperfeiçoamento espiritual. E somente fazendo isso o indivíduo estará servindo ao todo

universal. Aperfeiçoar-se não é, de forma alguma, egoísmo. Pois o indivíduo imperfeito também é um servidor imperfeito da Humanidade e do Universo. Tanto melhor se serve ao todo quanto mais perfeito se é. Aqui vale dizer: "Quando a rosa se enfeita a si própria, enfeita também o jardim."

Os fundadores das cosmovisões mais importantes são, portanto, os grandes iniciados. Aquilo que provém deles flui para dentro das almas humanas. E, por meio disso, avança com a Humanidade todo o Universo. Inteiramente cônscios, os iniciados trabalharam nesse processo de evolução da Humanidade. Só se compreenderá o conteúdo de suas instruções levando-se em consideração que estas foram criadas a partir do conhecimento da mais
profunda e íntima natureza humana. Os grandes iniciados eram grandes *conhecedores* e, a partir de sua cognição, cunharam os ideais da Humanidade. O indivíduo se aproxima desses guias quando, em seu próprio desenvolvimento, eleva-se às alturas deles.

Quando, num indivíduo, começou a estruturação do corpo etérico conforme descrito no texto precedente, a ele se descerra então uma vida totalmente nova. E ele precisa, no devido tempo, receber explicações por meio da disciplina oculta visando a capacitá-lo a orientar-se nessa nova vida. Ele verá, por exemplo, por meio da flor de loto de dezasseis pétalas, configurações espirituais de um mundo mais elevado. Ora, terá de estar cônscio de quão diferentemente essas configurações se apresentam, segundo tenham sido originadas por estes ou aqueles objectos ou seres. O primeiro ponto ao qual pode atentar é que ele pode exercer, por meio de seus pensamentos e sentimentos, uma forte influência sobre uma certa espécie dessas configurações – e, sobre outras, nenhuma ou em escala mínima. Uma espécie de figura modifica-se imediatamente quando o observador, ante seu surgimento, pensa da seguinte forma: "Isto é belo"; e, em seguida, no decurso da contemplação, muda o pensamento para: "Isto é útil". Principalmente as configurações oriundas de objectos feitos de minerais ou artificiais possuem a propriedade de alterar-se conforme cada pensamento ou cada sentimento que lhes vem de encontro a partir do observador. Em menor escala, isto ocorre com configurações ligadas a plantas e, menos ainda, ocorre em configurações relacionadas a animais. Também estas configurações são móveis e cheias de vida. Porém, só em parte essa mobilidade provém da influência de pensamentos e sentimentos humanos; de outra parte, é causada por motivos sobre os quais o ser humano não tem qualquer influência. Mas dentro de todo esse mundo de configurações surge, agora, uma espécie de formas que de imediato se subtraem quase por completo à influência do ser humano. O discípulo pode convencer-se do facto de essas figuras não se originarem de minerais nem de objectos artificiais, como tampouco de plantas ou animais. Para obter clareza total, ele terá de observar as configurações que sabe haverem sido causadas por sentimentos, instintos, paixões, etc. de outras pessoas. Mas também em relação a essas figuras ele pode constatar que seus próprios pensamentos e sentimentos ainda têm alguma influência, embora relativamente pouca. Dentro do mundo de configurações, sempre restará uma parte sobre a qual esta influência é mínima. Ora, essa parte restante forma, no início da carreira do discípulo, até mesmo uma grande parte daquilo que ele vê. Acerca da natureza dessa parte, ele só poderá elucidar-se ao observar-se a *si mesmo.* Aí achará quais as configurações por ele efectuadas. Aquilo que ele mesmo faz, quer, deseja e assim por diante exprime-se nessas configurações. Um instinto que nele reside, um apetite que ele tem, uma intenção que ele nutre e assim por diante, tudo isto se mostra em tais configurações. Ora, todo o seu carácter se estampa em tal mundo de configurações. Assim sendo, o indivíduo pode, através de seus pensamentos e sentimentos conscientes, exercer uma influência sobre todas as configurações que não

provêm dele mesmo; sobre aquelas figuras, porém, que ele provoca no mundo superior através de seu próprio ser, ele não tem influência alguma tão logo tenham sido por ele criadas. Deduz-se do exposto também que, na visão superior, o íntimo humano, o próprio mundo dos instintos, apetites e representações mentais manifesta-se em figuras *externas* exactamente como outros objectos e entidades. Para o conhecimento superior, o mundo interior torna-se uma parte do mundo exterior. Tal como se no mundo físico o indivíduo fosse rodeado de espelhos por todos os lados e assim pudesse observar sua configuração corpórea, no mundo superior ele se defronta com sua entidade anímica sob a forma de imagem reflectida.

Nesse grau evolutivo, é chegado ao discípulo o momento de superar a ilusão que provém da limitação pessoal. Agora ele é capaz de observar, como mundo exterior, aquilo que reside dentro de sua personalidade, tal como antes considerava como mundo exterior o que actuava sobre seus sentidos. Assim, aprenderá gradualmente – através da experiência – a tratar a si mesmo tal qual anteriormente vinha tratando os seres que o circundavam.

Se a visão do indivíduo para dentro desses mundos espirituais fosse descerrada antes de ele estar suficientemente preparado em relação a seus seres, ele se depararia, em primeiro lugar, com a imagem descrita de sua própria alma como se frente a um enigma. As configurações de seus próprios instintos e paixões viriam ao seu encontro sob formas que ele vivenciaria como animalescas ou – mais raramente – também como humanas. Se bem jamais sejam de todo idênticas às do mundo físico, essas figuras animalescas desse mundo apresentam, contudo, uma ligeira semelhança. Por observadores inexperientes, elas certamente serão consideradas idênticas. Ora, ao penetrar nesse mundo ter-se-á de adquirir uma capacidade de julgar inteiramente nova. Ora, abstraindo-nos do facto de as coisas que em verdade pertencem à natureza interior do ser humano surgirem qual mundo exterior, elas ainda se apresentam como a imagem espelhada daquilo que realmente são. Por exemplo, ao visualizar aí um número, ter-se-á de lê-lo como uma imagem espelhada invertida. O número 265, por exemplo, aqui significa, em verdade, 562. Uma esfera, nós a vemos como se estivéssemos em seu centro. Portanto, temos de primeiramente traduzir essa perspectiva interior de maneira correcta. Mas também qualidades anímicas surgem como imagem reflexa. Um desejo relacionado a algo exterior apresenta-se como uma figura que se move rumo à própria pessoa desejosa. Paixões que residem na natureza inferior do ser humano podem assumir a forma de animais ou figuras semelhantes, que se precipitam sobre o indivíduo. Na realidade, essas paixões anseiam pelo exterior; procuram o objecto de sua satisfação no mundo exterior. Mas essa busca pelo exterior manifesta-se, na *imagem reflexa,* qual um ataque contra o portador da paixão.

Quando o discípulo, antes de ascender à visão superior, tiver chegado ao conhecimento de suas próprias qualidades por meio de auto-observação tranquila e objectiva, também encontrará coragem e força para, no momento em que se defrontar com a imagem reflexa exterior de seu íntimo, comportar-se de maneira correcta. Pessoas que, por meio de tal auto-análise, não se familiarizam suficientemente com o próprio íntimo, não serão capazes de reconhecer a si mesmas em sua imagem reflexa, considerando-a então uma realidade estranha. A visão também as tornará medrosas e, por serem incapazes de suportar a visão, insinuam a si próprias que tudo não passa de um produto fantástico que conduzirá a nada. Em ambos os casos, a abordagem imatura pelo indivíduo em certo grau evolutivo representaria um obstáculo desastroso para o próprio desenvolvimento superior.

É absolutamente necessário ao discípulo perpassar a visão espiritual de sua própria alma, a fim de progredir a graus superiores. Pois ele tem em si próprio o elemento anímico-espiritual que poderá melhor julgar. Se, de início, houver adquirido um competente conhecimento de sua personalidade no mundo físico e, no mundo superior, se defronta inicialmente com a *imagem* dessa personalidade, poderá então comparar ambos. Poderá relacionar o superior com algo conhecido e, assim, partir de uma base sólida. Do contrário, sejam quantas fossem as entidades espirituais que se lhe apresentassem, ele não seria capaz de esclarecer-se, de imediato, acerca de sua característica e entidade. Em pouco tempo sentiria desaparecer o solo sob os pés. Por isso, nunca se consegue enfatizar demais que o acesso seguro ao mundo superior é aquele que passa por um conhecimento e uma análise sólidos da entidade própria.

São, pois, *imagens* espirituais que o indivíduo encontra em primeiro lugar, em sua trilha ao mundo superior; pois a realidade, à qual correspondem essas imagens, está nele *mesmo*. Portanto, o discípulo deverá estar maduro para, nesse primeiro grau, não ansiar por realidades rudes, mas contemplar as imagens como sendo o correcto. Porém, *dentro* desse mundo de imagens ele logo chega a conhecer algo novo. Seu *eu inferior* apenas se lhe defronta como quadro reflexo; entretanto, no centro desse quadro reflexo surgirá a verdadeira realidade do *Eu Superior*. A partir da imagem da personalidade inferior torna-se visível a figura do eu espiritual. E somente a partir deste último se tecerão os fios para outras realidades espirituais mais elevadas.

E então é chegado o momento de usar a flor de loto de duas pétalas, na região dos olhos. Quando ela começa a mover-se, o indivíduo encontra a possibilidade de colocar seu Eu Superior em contacto com entidades espirituais superiores. As correntes que afluem dessa flor de loto movem-se em direcção a realidades superiores de modo que o indivíduo fique plenamente cônscio dos respectivos movimentos. Tal como a luz torna visíveis ao olho os objectos físicos, essas correntes tornam visíveis os seres espirituais de mundos mais elevados.

Através do aprofundamento nas representações oriundas da Ciência Espiritual, as quais contêm verdades fundamentais, o discípulo aprende a pôr em movimento e a dirigir as correntes da flor de loto da região dos olhos.

O valor de um sadio critério de julgamento, de uma disciplina clara e lógica mostra-se muito especialmente neste grau da evolução. Basta apenas considerar que o Eu Superior, até então adormecido no ser humano em estado germinativo e inconsciente, é trazido à vida para uma existência consciente. Não se trata apenas de algo metafórico, mas de um *nascimento* no mundo espiritual, no mais verdadeiro sentido. E o ser nascido, o Eu Superior, tem de vir ao mundo provido de todos os órgãos e aptidões necessários para estar capacitado a viver. Assim como a Natureza tem de providenciar para que uma criança venha ao mundo com ouvidos e olhos bem formados, assim também as leis da evolução pessoal de um indivíduo terão de zelar para que seu Eu Superior entre em existência dotado das qualidades necessárias. E essas leis que, por si, cuidam da formação dos órgãos superiores do espírito não são outras senão as sadias leis da razão e da moral do mundo físico. Assim como a criança amadurece no seio materno, o homem espiritual amadurece na essência física. A saúde da criança depende da eficácia normal das leis naturais no seio materno. A saúde do homem espiritual depende, de forma análoga, das leis do senso comum e da razão actuantes na vida física. Ninguém é capaz de dar à luz um sadio Eu Superior se não vive e pensa sadiamente no mundo físico. Uma vida em conformidade com a Natureza e a razão são a base de todo verdadeiro desenvolvimento espiritual. Assim como a criança no seio materno já vive de acordo com as forças naturais que, após seu nascimento, ela percebe por meio de seus

órgãos dos sentidos, assim também o Eu Superior do homem vive de conformidade com as leis do mundo espiritual já durante a existência física. E assim como a criança se apossa das respectivas forças a partir de um obscuro sentido vital, também pode fazê-lo o homem com as forças do mundo espiritual, antes que seja dado à luz seu Eu Superior. Em verdade ele terá de fazê-lo, se este último tiver de vir ao mundo como ser plenamente desenvolvido. Não seria correcto alguém afirmar: "Não posso receber os ensinamentos da ciência do oculto enquanto não tiver visto por mim mesmo." Ora, sem o aprofundamento na investigação espiritual ele não será capaz de chegar ao verdadeiro conhecimento superior. Sua situação seria a mesma de uma criança no seio materno que recusasse o emprego das forças proporcionadas pela mãe e quisesse esperar até poder obtê-las por si própria. Assim como o embrião, mediante o sentido vital, experimenta a correcção do que lhe é oferecido, assim também o homem ainda não vidente experimenta a verdade dos ensinamentos da Ciência Espiritual. Existe, nesses sentimentos, um discernimento erigido sobre o sentimento de verdade e sobre a razão clara, sadia e multilateral em seus critérios, mesmo quando ainda não se vêem as coisas espirituais. Em primeiro lugar é preciso aprender os conhecimentos místicos e, justamente por meio desse aprendizado, preparar-se para ver. Um indivíduo que chegasse à clarividência antes de haver aprendido dessa maneira seria como uma criança que, embora provida de olhos e ouvidos, houvesse nascido sem cérebro. Todo o mundo de cores e sons se desdobraria à sua frente, mas ela não saberia o que fazer dele.

Portanto, o que anteriormente era evidente ao indivíduo por meio de seu sentimento de verdade, por meio de intelecto e razão, tornar-se-á, no grau descrito da disciplina, vivência própria. Agora ele tem um saber directo, de seu Eu Superior. E aprende a reconhecer que esse Eu Superior está ligado a entidades espirituais superiores, formando com elas uma unidade. Ele vê, pois, como o Eu Superior provém de um mundo mais elevado. E se lhe evidencia que sua natureza superior sobrevive à inferior. Doravante ele é capaz de discernir, por si, seu elemento transitório de seu elemento permanente. Isto nada mais significa do que sua chegada à compreensão da doutrina da incorporação (encarnação) do Eu Superior em um inferior, por observação própria. Agora se lhe torna claro que ele se situa num contexto espiritual mais elevado e que suas qualidades, seus destinos são causados por essa relação. Ele vem a conhecer a *lei de sua vida,* o carma. E se dá conta de que seu eu inferior, na forma como se exprime em sua actual existência, é apenas uma das configurações que seu Eu Superior é capaz de tomar. E começa a enxergar a possibilidade de trabalhar em si a partir do seu Eu Superior, visando a tornar-se sempre mais perfeito. Daí em diante também poderá discernir as grandes diferenças entre as pessoas com respeito a seus graus de perfeição. Descobrirá que existem pessoas, acima dele, já tendo alcançado graus que ainda lhe falta atingir. Compreenderá que os ensinamentos e acções de tais pessoas provêm de inspirações de um mundo superior. Para ele começa agora a tornar-se um facto a existência de "grandes iniciados da Humanidade".

Eis as dádivas que o discípulo agradece a este grau de desenvolvimento: *insight* no Eu Superior, na doutrina de incorporação ou encarnação desse Eu Superior em um inferior, na lei segundo a qual a vida no mundo físico é regulamentada consoante contextos espirituais – leis do carma – e, por fim, na existência de grandes iniciados.

Por isso se diz, de um discípulo que alcançou este grau, que todas as suas *dúvidas* se dissiparam completamente. Se antes ele havia podido assimilar uma fé edificada em bases racionais e num pensar sadio, agora, em lugar dessa fé, entram o saber pleno e um *insight* absolutamente inabalável.

As religiões, em suas cerimónias, sacramentos e ritos, forneceram imagens exteriormente visíveis de ocorrências e seres espirituais superiores. Só pode desconhecê-los quem ainda não penetrou nas profundezas das grandes religiões. Quem, no entanto, penetrou por si na realidade espiritual também compreenderá o grande significado daqueles ritos exteriormente visíveis. E, para ele, o próprio serviço religioso torna-se uma cópia de seu relacionamento com o mundo espiritual superior.

Vê-se de que maneira o discípulo, tendo atingido este grau, realmente se tornou um novo homem. E então ele poderá gradualmente amadurecer no sentido de, por meio das correntes de seu corpo etérico, dirigir o verdadeiro elemento vital superior e, com isto, alcançar uma elevada independência de seu corpo físico.

---

[1] Na obra *Teosofia,* do Autor, encontra-se uma descrição a respeito.

[2] Deve-se atentar, em todas as descrições seguintes, ao facto de que, por exemplo, "ver" uma cor significa ver espiritualmente. Quando o conhecimento clarividente diz de algo "eu vejo vermelho", isto significa "eu tenho uma vivência no âmbito anímico-espiritual que se assemelha, na vivência física, à impressão da cor vermelha". Essa expressão só é utilizada porque, para o conhecimento clarividente, é muito natural dizer "eu vejo vermelho". Quem não considera isto pode facilmente confundir uma visão cromática com uma verdadeira vivência clarividente.

[3] Também com relação a essas percepções do "girar", e mesmo das "flores do loto", vale o que foi dito na nota anterior sobre "ver as cores".

[4] O perito reconhecerá, nas condições para o desenvolvimento da "flor de loto de dezasseis pétalas", as indicações que o Buda deu a seus discípulos para a "Senda". Contudo, aqui não se trata de ensinar "budismo", mas de descrever condições evolutivas provenientes da própria Ciência Espiritual. O facto de coincidirem com certas doutrinas do Buda não pode impedir de as considerarmos verdadeiras em si.

[5] É óbvio que, relativamente ao sentido da palavra, a expressão "corpo anímico" encerra uma contradição (tal qual outras, semelhantes, da Ciência Espiritual). Ainda assim, costuma-se usar essa expressão, já que o conhecimento clarividente visualiza algo que, no plano espiritual, é vivenciado tal como o corpo é percebido no plano físico.

[6] Compare-se a esta explanação a descrição contida no obra *Teosofia,* deste Autor [v.nota à pág. 20].

[7] Peço aos físicos que não se assustem com a expressão "corpo etérico". Com a palavra "éter" pretende-se indicar apenas a subtileza da estrutura em questão. O que aqui é indicado não precisa ser logo identificado com o "éter" das hipóteses físicas.

MODIFICAÇÕES NA VIDA ONÍRICA DO DISCÍPULO

Um indicio de que o discípulo alcançou – ou está para alcançar – o grau de desenvolvimento descrito no capítulo anterior é a transformação que ocorre em sua vida onírica. Antes, os sonhos eram confusos e arbitrários. Agora começam a assumir um carácter regular. Suas imagens tornam-se coerentemente sensatas, como as representações da vida quotidiana. Neles é possível discernir lei, causa e efeito. E também o conteúdo dos sonhos se modifica. Enquanto anteriormente só se percebiam ressonâncias do dia-a-dia da vida, impressões transformadas do ambiente circundante ou dos próprios estados corpóreos, agora surgem imagens oriundas de um mundo até então desconhecido. Inicialmente, o carácter *geral* da vida onírica é mantido, uma vez que o sonho se distingue das representações diurnas pela peculiaridade de proporcionar *simbolicamente* aquilo que pretende expressar. A um atento observador da vida dos sonhos, essa simbolização não escapará. Sonha-se, por exemplo, que se apanhou um animal, experimentando-se uma sensação desagradável na mão: descobre-se que se agarrou uma ponta da colcha. A percepção não se exprime, pois, francamente, mas sim

através da mencionada imagem simbólica. Ou então sonha-se estar fugindo de um perseguidor e, ao mesmo tempo, experimenta-se medo. Ao despertar, a pessoa vê que durante o sono fora acometida de palpitações cardíacas. O estômago, carregado de alimentos indigestos, causa angustiantes imagens de sonho. Da mesma forma, os acontecimentos à volta de quem dorme reflectem-se no sonho como símbolos. A batida de um relógio é capaz de fazer surgir a cena de um pelotão de soldados marchando ao toque do tambor. A queda de uma cadeira pode dar origem a todo um drama onírico, no qual o baque se reflecte como um disparo, e assim por diante. Essa forma simbólica de expressão também se dá no sonho ordenado do indivíduo cujo corpo etérico começa a se desenvolver. Mas ele deixa de reflectir meros factos do meio ambiente físico ou do próprio corpo sensorial. Assim como se tornam regulares os sonhos que devem sua origem a essas coisas, assim também se mesclam tais imagens oníricas que exprimem coisas e condições de um outro mundo. Aqui começam a ser feitas experiências inacessíveis à consciência diurna comum. Ora, não se pode absolutamente crer que um verdadeiro místico, fosse ele quem fosse, tornasse as coisas que dessa maneira vivencia oniricamente em fundamento para relatos determinados a respeito de um mundo superior. Somente se pode considerar tais vivências oníricas como os primeiros *indícios* de uma evolução superior. Logo se apresentará também, como mais uma consequência, o facto de as imagens de sonho do discípulo não mais serem subtraídas à direcção da razão sensata, como anteriormente, mas passaram a ser abrangidas regular e ordenadamente pela mesma, tal como as representações e sensações da consciência diurna. Chega mesmo a desvanecer-se, cada vez mais e mais, a diferença entre a consciência onírica e esse estado de vigília. No mais amplo sentido da palavra, o indivíduo que está sonhando continua desperto durante a vida onírica; isto significa que ele se sente senhor e dirigente de suas representações metafóricas.

Durante o sonho, o ser humano se encontra efectivamente num mundo diferente daquele de seus sentidos físicos. Ele não apenas consegue, com órgãos espirituais subdesenvolvidos, formar representação alguma desse mundo além daquelas confusas, já caracterizadas. Para ele, esse mundo só existe como o mundo sensorial existiria para um ser dotado, no máximo, das formas mais rudimentares de olhos. Por isso o ser humano, nesse mundo, nada pode enxergar senão réplicas e os reflexos da vida comum. E estes, ele é capaz de visualizá-los no sonho porque sua alma grava suas próprias percepções diurnas sob forma de imagens na matéria de que consiste aquele outro mundo. É preciso ter em mente que o ser humano, paralelamente à sua consciente vida diurna comum, leva uma segunda, inconsciente, no outro mundo já aludido. Tudo o que se percebe ou pensa ele grava sob forma de impressões nesse mundo. Só se pode ver essas impressões quando as flores de loto estão desenvolvidas. Ora, em cada ser humano sempre existem certos escassos rudimentos da flores de loto. Durante a consciência diurna, ele nada pode perceber por esse intermédio porque as impressões sobre ele são muito fracas. Isto é devido a uma razão semelhante àquela pela qual as estrelas não são visíveis durante o dia, subtraindo-se às percepções frente à potente actuação da luz solar. Assim, as fracas impressões espirituais não conseguem revelar-se perante as poderosas impressões dos sentidos físicos. Mas quando, no sono, os portões dos sentidos exteriores estão fechados, essas impressões começam a luzir confusamente. E quem está sonhando distinguirá, então, as experiências feitas no outro mundo. Mas, como já foi dito, de início essas experiências não passam daquilo que a própria actividade de representar, ligada aos sentidos físicos, gravou no mundo espiritual. Somente as flores de loto desenvolvidas possibilitarão que manifestações pertencentes ao mundo físico sejam aí registradas. E por meio do corpo etérico desenvolvido surgirá,

então, um pleno conhecimentos dessas inscrições oriundas de outros mundos. Com isto se iniciou o relacionamento do ser humano com um mundo novo. E o indivíduo deve agora – por meio das instruções da disciplina oculta – alcançar, inicialmente, duas coisas: em primeiro lugar, deverá ser-lhe possível avistar plenamente, como na vigília, as observações feitas no sono. Uma vez alcançado isto, ele é levado a realizar as mesmas observações também durante o estado comum de vigília. Aí sua atenção a impressões espirituais é simplesmente ordenada de forma que essas impressões não mais precisam desaparecer frente às físicas, mas que ele sempre as possa ter ao lado e juntamente com essas últimas.

Logo que o discípulo adquire essa faculdade, surge à frente de seus olhos espirituais algo do quadro descrito no capítulo precedente. Doravante ele pode perceber o que existe no mundo espiritual como causa para o físico. E, acima de tudo, ele é capaz de reconhecer seu Eu Superior no contexto desse mundo. Sua próxima tarefa será, então, de certa maneira, crescer para dentro desse Eu Superior, ou seja, considerá-lo realmente como sua verdadeira entidade e também comportar-se correspondentemente. Cada vez mais ele se compenetrará da ideia e do vivo sentimento de que seu corpo físico, e o que anteriormente ele chamava de seu "eu", é apenas mais um instrumento do Eu Superior. Ele adquire, frente ao eu inferior, um sentimento como o tem o indivíduo adstrito ao mundo sensorial perante um instrumento ou veículo de que se serve. Assim como este não considera o veiculo no qual viaja como parte do seu "eu", ainda que diga "eu viajo" ou "eu ando", assim o indivíduo evoluído, ao dizer "eu me dirijo à porta" tem, em verdade, a seguinte representação mental: "eu levo meu corpo até à porta". Só que isto tem de ser, para ele, um conceito tão lógico que nem sequer por um instante ele perca o chão firme do mundo físico, e jamais surja uma sensação de alheamento frente ao mundo sensorial por causa disto. Se o discípulo não quiser converter-se em visionário ou fantasista, não poderá, por meio da consciência superior, empobrecer sua vida no mundo físico, mas deverá enriquecê-la tal como a enriquece quem, para viajar, usa um trem ao invés de suas pernas.

Quando o discípulo tiver alcançado tal vida em seu Eu Superior, então – ou até mesmo já durante a aquisição da consciência superior –, tornar-se-á cônscio de como pode despertar a força de percepção espiritual do órgão criado na região cardíaca e dirigi-la através das correntes caracterizadas nos capítulos precedentes. Essa força de percepção é um elemento de substancialidade superior que emana do citado órgão e flui, numa beleza luminosa, através das flores de loto em movimento e também através dos outros canais do corpo etérico estruturado. Daí ela irradia para fora, para o mundo espiritual circundante, tornando-o espiritualmente visível, tal como a luz do Sol, precipitando-se de fora sobre os objectos, torna-os fisicamente visíveis.

O modo como essa força de percepção é gerada no órgão do coração é algo que só poderá ser compreendido paulatinamente, ao cabo do desenvolvimento propriamente dito.

O mundo espiritual só se tornará claramente perceptível em objectos e seres a quem, dessa forma, enviar o caracterizado órgão de percepção para o mundo exterior através de seu corpo etérico, iluminando assim os objectos. Vê-se, a partir disso, que uma plena consciência de um objecto do mundo espiritual só poderá surgir sob a condição de que o próprio indivíduo projecte a luz espiritual sobre o mesmo. Em verdade, o "eu" que gera esse órgão de percepção não reside no corpo físico do ser humano, e sim, conforme foi mostrado, fora do mesmo. O órgão cardíaco apenas é o lugar onde o indivíduo, a partir de fora, atiça esse órgão de luz espiritual. Se ele não o inflamasse aqui, mas em outro lugar, as percepções espirituais assim produzidas não

apresentariam relação alguma com o mundo físico. No entanto, o indivíduo deve justamente relacionar todo elemento espiritual superior com o mundo físico, e por meio de si próprio fazê-lo actuar neste. O órgão cardíaco é exactamente aquele através do qual o Eu Superior faz do eu sensorial seu instrumento, a partir do qual este último é manejado.

Ora, a sensação que o indivíduo desenvolvido experimenta frente às coisas do mundo espiritual difere daquela própria do indivíduo sensorial perante o mundo físico. Este último sente-se num determinado lugar do mundo sensorial e, para ele, os objectos percebidos acham-se "fora". O indivíduo desenvolvido espiritualmente, pelo contrário, sente-se como que unido ao objecto espiritual de sua percepção, como que estando "no interior" do mesmo. Com efeito, peregrina no espaço espiritual, de lugar em lugar. Eis por que na linguagem da Ciência Espiritual ele é também denominado "o peregrino". De início, em parte alguma ele se sente "em casa". Se permanecesse nessa mera peregrinação, não lhe seria possível, realmente, determinar objecto algum no espaço espiritual. Tal como se determina um objecto ou lugar no espaço físico a partir de um determinado ponto, o mesmo também deverá ocorrer no outro mundo alcançado. Também aí se terá de procurar um lugar qualquer que, de início, se investigará meticulosamente e do qual se tomará posse no sentido espiritual. Nesse lugar a pessoa deverá fundar, para si, uma pátria espiritual e, depois, colocar tudo o mais numa relação com essa pátria. Pois também o indivíduo que vive no mundo físico enxerga tudo tal como as representações que sua pátria física trazem consigo. Um berlinense, involuntariamente, descreverá Londres de modo diferente de um parisiense. Só que há uma diferença entre o que ocorre com a pátria espiritual e a física. Nesta última nascemos sem nossa participação; nela, instintivamente assimilamos uma série de representações mentais no decurso da juventude, a partir das quais tudo é espontaneamente elucidado. A pátria espiritual, porém, nós próprios construímos com plena consciência. Por isso julgamos, a partir dela, em plena e lúcida liberdade. Esse construir de uma pátria espiritual denomina-se, na linguagem da Ciência Espiritual, "construir uma cabana".

O olhar espiritual neste grau estende-se, primeiramente, às contra-imagens espirituais do mundo físico, desde que essas contra-imagens se situem no assim chamado mundo astral. Encontra-se nesse mundo tudo o que, de acordo com sua essência, assemelha-se aos instintos, sentimentos, apetites e paixões humanas. Pois a todas as coisas sensoriais que circundam o ser humano também pertencem forças afins com as humanas. Um cristal, por exemplo, é moldado em sua forma por forças que se apresentam à percepção superior como um instinto que atua no ser humano. Por meio de forças análogas, a seiva é conduzida pelos vasos do vegetal, as flores desabrocham e as cápsulas das sementes são levadas a fender-se. Todas essas forças adquirem forma e cor para os órgãos de percepção espiritual desenvolvidos, tal como os objectos do mundo físico têm forma e cor para o olho físico. No retratado grau de sua evolução, o discípulo vê não só o cristal ou o vegetal, mas também as forças espirituais descritas. Ele vê os instintos animalescos e humanos não só por meio das manifestações vitais físicas de seus portadores, mas também directamente como objectos, tal como no mundo físico vê mesas e cadeiras. Todo o mundo dos instintos, impulsos, desejos e paixões de um animal ou de um ser humano torna-se a nuvem astral em que o ser está envolto: a aura.

Além disso, neste grau de sua evolução o clarividente percebe também coisas que se subtraem quase ou até totalmente à percepção sensorial. Ele pode, por exemplo, perceber a diferença astral entre uma sala, em grande parte preenchida com pessoas de baixos sentimentos, e uma outra, na qual há presença de pessoas de elevados

sentimentos. Num hospital, não só a atmosfera física, mas também a espiritual difere da de um salão de baile. Uma cidade comercial possui uma atmosfera astral diferente da de uma cidade universitária. De início, a capacidade de percepção do indivíduo tornado clarividente será apenas pouco desenvolvida para tais coisas. Ela se relacionará com os sujeitos inicialmente citados tal qual a consciência onírica do homem sensorial com sua consciência de vigília. Mas, gradualmente, também neste grau ele despertará plenamente.

A mais alta conquista do clarividente que alcançou o grau de visão caracterizado é aquela em que se lhe apresentam os contraefeitos astrais dos instintos e paixões animalescos e humanos. Uma acção carinhosa é acompanhada de uma manifestação astral diferente daquela que advém do ódio. O apetite insensato apresenta, além de si próprio, uma repugnante contra-imagem astral, enquanto que um sentimento elevado a produz bela. Essas contra-imagens podem ser vistas apenas debilmente durante a vida física humana, pois sua intensidade é prejudicada pela vida no mundo sensorial. Um desejo por um objecto produz, por exemplo, tal imagem reflexa além daquela sob a qual esse próprio desejo aparece no mundo astral. No entanto, se o desejo for satisfeito por meio da obtenção do objecto físico, ou se existir pelo menos a possibilidade ; para tal satisfação, a contra-imagem será apenas uma fraca aparição. Alcançará sua plena intensidade somente após a morte do indivíduo, quando a alma, por sua natureza, precisa continuar nutrindo tal desejo, porém não mais pode satisfazê-lo porque faltam tanto o objecto como também o órgão físico adequado. O indivíduo com tendências sensoriais continuará tendo após a sua morte, por exemplo, o desejo de satisfazer seu paladar. Faltar-lhe-á, porém, a possibilidade para a satisfação, já que ele não mais possui paladar. A consequência disso será que o desejo originará uma contra-imagem particularmente intensa, pela qual a alma será, então, atormentada. Essas vivências por meio de contra-imagens da natureza anímica inferior após a morte chamam-se as vivências no reino anímico, especialmente na região dos apetites. Eles só desaparecerão quando a alma se houver purificado de todos os apetites voltados ao mundo físico. Só então essa alma ascenderá à região mais elevada (mundo do espírito). Mesmo que se manifestem apenas debilmente no homem físico em vida, ainda assim ,essas contra-imagens existem e o acompanham com seus apetites latentes, tal como o cometa é acompanhado por sua cauda. E o clarividente poderá vê-las se houver alcançado o adequado grau de evolução.

Com tais experiências e com todas as demais afins convive o discípulo no estágio que acaba de ser descrito. Neste grau evolutivo, ele ainda não pode alcançar vivências espirituais mais elevadas. Precisa partir daí para uma ascensão ainda maior.

A AQUISIÇÃO DA CONTINUIDADE DA CONSCIÊNCIA

A vida do ser humano decorre na alternância de três estados, a saber: vigília, sono com sonhos e sono profundo sem sonhos. É possível compreender como se alcançam os conhecimentos superiores dos mundos espirituais quando se faz uma ideia das transformações, relativas a esses três estados, que terão de ocorrer na pessoa que queira buscar tal conhecimento. Antes de ela ter passado por uma disciplina almejando essa cognição, sua consciência é constantemente interrompida pelos intervalos do sono. Nesses intervalos, a alma nada sabe do mundo exterior e nem tampouco de si mesma.

Só por certos espaços de tempo os sonhos emergem do mar geral da insconsciência, ligados a acontecimentos do mundo exterior ou estados do próprio corpo. De início, vê-se nos sonhos apenas uma manifestação especial da vida do sono, sendo que se costuma falar somente de dois estados: sono e vigília. Para a ciência do oculto, no entanto, o sonho tem um significado independente ao lado dos dois outros estados. No capítulo anterior, descreveu-se qual a transformação por que passa a vida onírica da pessoa que empreende a ascensão à cognição superior. Seus sonhos perdem o carácter de falta de significado, de irregularidade e de incoerência, vindo mais e mais a ser um mundo regulamentado e coerente. Ao avançar em seu desenvolvimento, esse novo mundo nascido do mundo onírico não só em nada ficará devendo à realidade sensorial exterior, com relação à verdade interior, como também nele se revelarão factos que, no mais amplo sentido da palavra, representam uma realidade superior. É que no mundo sensorial acham-se ocultos, em toda parte, mistérios e enigmas. É certo que esse mundo exibe os efeitos de certos factos superiores, mas a pessoa que restringe suas percepções meramente a seus sentidos não é capaz de penetrar até às *causas.* Ao discípulo essas causas se revelam parcialmente no estado descrito, formado a partir da vida onírica, mas de modo algum ficam paradas aí. Com efeito, ele não poderá considerar essas revelações como verdadeiros conhecimentos enquanto essas mesmas coisas ainda não se lhe apresentarem durante a vida comum de vigília. Mas também a isso ele chegará. Ele se desenvolverá a ponto de transpor para dentro da consciência vígil o primeiro estado gerado por meio da vida onírica. Nesta altura, o mundo sensorial se lhe apresentará enriquecido por algo inteiramente novo. Tal como um indivíduo que, nascido cego e submetido a uma cirurgia, depois de obtida a visão considera as coisas do mundo circundante enriquecidas pelas percepções do olho, assim também o indivíduo tornado clarividente pela maneira acima caracterizada considerará todo o mundo circundante com novas qualidades, coisas, seres etc. A partir daí, não mais precisará esperar pelo sonho a fim de viver num outro mundo, mas poderá, sempre que conveniente, deslocar-se para o estado descrito. Para ele, esse estado tem um significado semelhante ao que tem, na vida comum, uma percepção das coisas

por meio dos sentidos activos, frente a uma por meio dos sentidos inactivos. Pode-se dizer literalmente: o discípulo abre os sentidos de sua alma e vê as coisas que têm de permanecer ocultas aos sentidos corpóreos.

Este estado constitui apenas uma transição para graus ainda mais elevados da cognição do discípulo. Se este continuar nos exercícios que servem à sua disciplina, constatará, após decorrido um espaço de tempo adequado, que a mencionada modificação drástica ocorre não só em sua vida onírica, mas a transformação se estende ao que antes era sono profundo sem sonhos. Constatará que a completa inconsciência, na qual ele até então se encontrava durante este sono, é interrompida por vivências conscientes isoladas. Das trevas gerais do sono afloram percepções de um género que, antes, lhe era desconhecido. Naturalmente não é fácil descrever essas percepções, uma vez que nossa linguagem foi criada somente para o mundo sensorial, só sendo possível, portanto, encontrar palavras aproximadas para aquilo que em absoluto não pertence a esse mundo dos sentidos. Inicialmente, porém, será necessário recorrer às palavras para descrever os mundos superiores. Isto só pode ser feito pelo facto de que muita coisa é dita sob forma de parábolas. Mas, como tudo no mundo está interrelacionado, também isto pode acontecer. As coisas e os seres dos mundos superiores estão aparentados com os do mundo sensorial pelo menos de forma a possibilitar que, com boa vontade, se obtenha no mínimo uma ideia desses mundos superiores por meio das palavras

normalmente usadas para o mundo sensorial. Apenas é preciso estar sempre consciente de que muito de tais descrições dos mundos supra-sensoriais terá de ser expressado em alegorias e símbolos. Por isso, a disciplina propriamente dita se realiza apenas parcialmente nas palavras da linguagem comum; de resto, o discípulo aprenderá, para sua ascensão, uma maneira de expressão simbólica que surgirá como que espontaneamente. Ele terá de adquiri-la, por si mesmo, no decurso da disciplina do oculto. Isto, porém, não impede que se chegue a saber algo sobre a natureza dos mundos superiores também através de descrições comuns, como as efectuadas aqui.

Querendo-se dar uma ideia das vivências citadas acima, que de início emergem do mar da inconsciência no decurso do sono profundo, o melhor seria compará-las a uma espécie de *audição.* Pode-se falar de sons e palavras percebidos. Tal como é possível descrever acertadamente as vivências do sono com sonhos como uma forma *visual* em comparação com as percepções sensoriais, assim os factos do sono profundo podem ser comparados às impressões da audição. (A titulo de observação, vale dizer que o acto de ver é, também para os mundos espirituais, a actividade superior. Também neste *mundo* as cores se sobrepõem a sons e palavras. Todavia, o que o discípulo, no curso de sua disciplina, primeiro percebe desse modo, *ainda* não são as cores mais elevadas, mas os sons inferiores. Somente pelo facto de, após seu desenvolvimento geral, já estar mais adaptado ao mundo que se revela no sono onírico é o que o indivíduo aí percebe prontamente cores. Para o mundo superior que se desfralda no sono profundo, ele ainda está pouco adaptado. Por isto este se lhe revela primeiramente em sons e palavras; mais tarde, também aqui ele poderá ascender a cores e formas.)

Quando o discípulo notar que está tendo tais vivências no sono profundo, sua tarefa inicial será a de conscientizar-se das mesmas o quanto mais nítida e claramente possível. Inicialmente isto é bastante difícil, uma vez que a percepção do que é vivenciado nesse estado é ainda extremamente diminuta. Ao acordar, sabe-se com certeza haver vivenciado algo; mas o que se vivenciou permanece em completa falta de clareza. O mais importante, no decurso desse estado inicial, consiste em manter a calma e a serenidade sem, em momento algum, incorrer em qualquer desassossego e impaciência. Isto só actuaria prejudicialmente em qualquer circunstância. Sobretudo, isto jamais levará a acelerar o desenvolvimento, mas o retardará. Deve-se, por assim dizer, ceder àquilo que é oferecido ou dado; nada do que é forçado deve ter lugar. Se, numa certa época, não se perceberem vivências do sono, espere-se pacientemente até que isso seja possível. Pois esse momento certamente chegará. E se antes o discípulo foi paciente e sereno, a faculdade de percepção torna-se uma propriedade segura, enquanto que num proceder forçado esta poderia surgir uma vez para, em seguida, voltar a perder-se completamente por tempo prolongado.

Uma vez obtida a faculdade de percepção, e estando as vivências do sono clara e nitidamente diante da consciência, ter-se-á de enfocar a atenção sobre o seguinte: dentre essas vivências devem-se discernir, de maneira exacta, duas espécies. A primeira será totalmente alheia frente a tudo que jamais se conheceu antes. Essas vivências poderão, inicialmente, trazer-nos alegria; poderão servir para uma auto-edificação; mas, de resto, pode-se prescindir delas provisoriamente. Elas são os primeiros indícios do mundo espiritual superior, no qual o discípulo só mais tarde se orientará. A outra espécie de vivências, porém, mostrará ao observador atento uma certa afinidade com o mundo normal no qual vive. Aquilo a cujo respeito ele reflecte durante a vida, aquilo que ele gostaria de apreender acerca das coisas de seu meio ambiente mas não consegue com a razão normal – sobre tudo isso essas vivências de sono lhe darão explicação. O indivíduo reflecte, durante a vida quotidiana, sobre aquilo que o circunda. Ele forma

representações mentais a fim de entender a relação das coisas. Procura compreender, por meio de conceitos, aquilo que seus sentidos percebem. A tais representações e conceitos se referem as vivências do sono. O que antes era conceito obscuro e sombrio adquire agora , algo sonoro e vivo, só comparável aos sons e palavras do mundo sensorial. Para o indivíduo, é cada vez mais como se a solução dos enigmas sobre os quais ele tem de reflectir lhe fosse sussurrada em sons e palavras a partir de um mundo superior – e ele, então, conseguisse ligar à vida comum aquilo que lhe advém de outro mundo. O que, anteriormente, só era capaz de atingir seu pensamento é agora, para ele, uma vivência tão viva e substancial quanto qualquer vivência do mundo sensorial possa ser. As coisas e seres . desse mundo sensorial não são, de forma alguma, apenas o que aparentam à percepção sensorial. Elas são a expressão e a efluência de um mundo espiritual. Esse mundo espiritual anteriormente oculto ressoa agora, para o discípulo, a partir de todo o seu meio ambiente.

É fácil reconhecer que esta capacidade superior de percepção somente poderá representar uma bênção para o indivíduo se, nos sentidos anímicos que se lhe descerraram, tudo estiver em ordem, assim como o indivíduo só pode utilizar seus instrumentos sensoriais normais para a observação do mundo se regularmente ordenados. Ora, ele desenvolve por si esses sentidos superiores através dos exercícios indicados pela disciplina do oculto. Faz parte desses exercícios a concentração, isto é, o enfoque da atenção em determinadas representações mentais e conceitos relacionados com os mistérios cósmicos. E faz parte ainda o meditar, isto é, o viver em tais ideias, o aprofundar-se completamente nas mesmas pela forma prescrita. Por meio da concentração e da meditação, o indivíduo trabalha em sua alma. Por esse intermédio, desenvolve nela órgãos anímicos de percepção. Enquanto se dedica às tarefas da concentração e da meditação, sua alma cresce dentro de seu corpo, tal como um embrião cresce no ventre materno. E quando, depois, surgem no decurso do sono as vivências isoladas, aproxima-se o momento do nascimento da alma liberta que, por esse meio, transformou-se literalmente num outro ser que o indivíduo leva à germinação e ao amadurecimento dentro de si. Os esforços para a concentração e a meditação terão de ser zelosos e rigorosamente mantidos porque são leis para a germinação e o amadurecimento do caracterizado ser anímico superior do indivíduo. E este deverá, por ocasião de seu nascimento, ser um organismo em si harmonioso e correctamente estruturado. Se, porém, no atendimento das instruções algo falhar, não surgirá tal ser ordenado, mas sim um aborto no plano espiritual, incapacitado para viver.

O facto de o nascimento desse ser anímico superior se dar, de início, no sono profundo, parecerá compreensível ao se levar em conta que o organismo ténue, ainda pouco resistente, num eventual surgimento durante a vida sensorial quotidiana, não poderia de forma alguma evidenciar-se através dos acontecimentos intensos e duros dessa vida. Sua actividade não seria considerada frente à actividade do corpo. No sono, quando o corpo repousa, uma vez que sua actividade depende da *percepção* sensorial, poderá a actividade da alma superior, inicialmente tão ténue e singela, manifestar-se. Mais uma vez, porém, terá de ser levado em conta que o discípulo não pode considerar as vivências do sono como conhecimentos plenamente válidos enquanto não for capaz de levar a alma superior desperta também para a consciência da vigília. Sendo também capaz disso, estará em condições de, dentre as vivências quotidianas e no contexto das mesmas, perceber o mundo espiritual de acordo com seu carácter, isto é, será capaz de compreender anímicamente os mistérios de seu meio ambiente como sons e palavras.

Ora, deve-se ter bem claro, neste grau da evolução, que inicialmente se lida com vivências espirituais isoladas, mais ou menos desconexas. Por isto deve-se abdicar de

querer edificar qualquer sistema de conhecimento acabado, ou ainda apenas coerente, com base nas mesmas. Ao mundo anímico se mesclaria toda sorte de representações mentais e ideias fantásticas, e facilmente , se poderia incorrer na construção de um mundo que nada tem a ver com o espiritual verdadeiro. Ora, o discípulo terá apenas .de constantemente exercitar-se no mais rigoroso autocontrole. O mais correcto consiste em esforçar-se para obter mais e mais clareza acerca de cada uma das experiências reais que se tem e aguardar até que outras, novas, se apresentem de forma inteiramente espontânea, ligando-se como por si mesmas às já existentes. Eis que aí se apresentará ao discípulo, por meio da força do mundo espiritual – uma vez havendo ele aí penetrado – e mediante a prática dos correspondentes exercícios, uma crescente ampliação da consciência do sono profundo. Cada vez mais sobressairão vivências da inconsciência, e lapsos cada vez menores da vida de sono serão inconscientes. Dessa mesma forma, as vivências de sono isoladas se associarão cada vez mais por si, sem que essa verdadeira associação seja perturbada por quaisquer combinações e conclusões, provenientes de um intelecto habituado ao mundo sensorial. Mas, quanto menos dos hábitos mentais oriundos desse mundo sensorial for indevidamente mesclado às vivências superiores, tanto , melhor será. Conduzindo-se assim mais e mais, o discípulo se estará aproximando daquele grau, no caminho rumo ao conhecimento superior, no qual os estados que antes só existiam inconscientemente na vida de sono se converterão em inteiramente conscientes. Vive-se então, enquanto o corpo repousa, numa realidade tal qual ocorre no estado de vigília. Escusado se torna dizer que, no decurso do sono propriamente dito, de início se lida com uma realidade diferente do ambiente sensorial em que o corpo se encontra. Aprende-se e deve-se aprender – a fim de se permanecer firme sobre o chão do mundo sensorial e não vir a ser fantasista – a ligar as vivências superiores do sono ao meio ambiente sensorial. Mas inicialmente o mundo vivenciado no sono é, de facto, uma revelação inteiramente nova. Na ciência esotérica denomina-se o importante grau caracterizado pela consciência da vida do sono como a continuidade (ininterrupção) da consciência. [1]

Num indivíduo que tenha alcançado esse grau, o vivenciar e experimentar não cessam nos espaços de tempo durante os quais o corpo físico descansa e nenhuma impressão é levada à alma por meio dos instrumentos sensoriais.

[1] O que aqui é referido constitui uma espécie de "ideal" para um determinado grau da evolução, situado ao término de um longo caminho. O quê o discípulo conhece inicialmente são dois estados: consciência numa condição anímica em que anteriormente só lhe eram possíveis sonhos desordenados, e numa outra em que só o sono inconsciente, sem sonhos, era possível.

A CISÃO DA PERSONALIDADE DURANTE A DISCIPLINA ESPIRITUAL

Durante o sono, a alma humana não recebe as comunicações de parte dos instrumentos sensoriais físicos. As percepções do mundo exterior não lhe afluem neste estado. Na verdade ela se encontra, de certa forma, fora daquela parte da entidade humana – do assim chamado corpo físico – que, no estado de vigília, intermédia as percepções sensoriais e o pensar. Então está apenas em ligação com seus corpos mais subtis (com o corpo etérico e com o corpo astral), que se subtraem à observação dos

sentidos físicos. Mas a actividade desses corpos mais subtis não cessa, de modo algum, no sono. Assim como o corpo físico está em ligação com as coisas e seres do mundo físico, captando efeitos destes e actuando sobre os mesmos, assim a alma vive num mundo superior. E essa vida continua sono adentro. Com efeito, a alma encontra-se em plena actividade durante o sono. Apenas o ser humano não consegue saber dessa sua própria actividade enquanto não dispõe de órgãos de percepção espiritual, por meio dos quais, no decurso do sono, possa observar tão bem o que se passa ao seu redor e o que ele mesmo faz, tal como está apto a fazer com seus sentidos comuns na vida quotidiana em relação ao seu meio ambiente físico. A disciplina do oculto consiste (como exposto nos capítulos precedentes) no desenvolvimento de tais instrumentos espirituais dos sentidos.

Ao transformar-se a vida de sono do indivíduo, por meio da disciplina no sentido descrito no capitulo precedente, será possível ao discípulo observar conscientemente tudo o que, nesse estado, se passa à sua volta; ele é capaz de, arbitrariamente, orientar-se em seu mundo circundante, tal como ocorre com suas vivências no decurso da vida quotidiana de vigília, por meio dos sentidos comuns. Contudo, deve-se atentar para o facto de que a percepção do ambiente sensorial habitual já pressupõe um grau mais elevado de clarividência (como, aliás, já apontamos no capítulo anterior). No inicio do desenvolvimento, o discípulo só percebe coisas pertencentes a um outro mundo, sem contudo ser capaz de notar a relação das mesmas com os objectos de seu meio ambiente sensorial quotidiano.

O que se torna visível em exemplos tão caracterizados da vida dos sonhos e do sono ocorre constantemente com o ser humano. A alma vive ininterruptamente em mundos superiores e, dentro destes, está activa. Haure desses mundos mais elevados os estímulos por meio dos quais atua continuamente sobre o corpo físico. Só que, para os seres humanos, essa sua vida mais elevada permanece *inconsciente. O* discípulo, porém, traz a mesma à consciência. Desse modo, sua vida vem a ser absolutamente outra. Enquanto a alma não for *vidente,* no sentido mais elevado, será guiada por seres cósmicos superiores. E assim como a vida de um cego que recuperou a visão por meio de uma cirurgia torna-se diferente da anterior, quando estava à mercê de ser guiado, assim se transforma a vida do indivíduo por meio da disciplina do oculto. Ele se emancipará do guia e terá, a partir de então, de assumir a direcção por si mesmo. Tão logo isto sucede, obviamente ele está sujeito a incorrer em erros dos quais a consciência comum não tem noção. Ele atua, agora, a partir de um mundo de onde, anteriormente, poderes superiores dos quais ele era inconsciente o influenciavam. Esses poderes superiores são ordenados por meio da harmonia cósmica universal. Dessa harmonia cósmica o discípulo sai, cabendo-lhe, a partir de então, fazer por si próprio coisas que anteriormente eram realizadas para ele, sem sua intervenção.

Por tudo isto ocorrer de facto, os textos que tratam destes assuntos fazem tantas alusões aos projectos ligados à ascensão aos mundos superiores. As descrições que às vezes são feitas de tais perigos são, certamente, apropriadas para fazer com que pessoas medrosas só encarem essa vida superior com arrepios. Convém salientar, porém, que esses perigos só existirão se as necessárias precauções forem negligenciadas. Se, no entanto, for realmente observado tudo o que a verdadeira disciplina do oculto aconselha, a ascensão ocorrerá por meio de vivências cujo poder e grandeza sobrepujam a mais ousada fantasia do homem sensorial; mas de for-ma alguma se pode falar de um prejuízo para a saúde e para a vida. O homem chega a conhecer horripilantes poderes que ameaçam a vida em todos os cantos e confins. Ser-lhe-á possível servir-se, ele próprio, de certas forças e seres que estão subtraídos à percepção sensorial. E grande é a

tentação de apoderar-se dessas forças em prol de um interesse próprio, ilícito, ou do uso enganoso de tais forças em virtude de falta de conhecimento dos mundos superiores. Algumas de tais vivências particularmente significativas (por exemplo, o encontro com o "guardião do limiar") ainda serão abordadas neste capítulo. Todavia, é preciso reflectir sobre o facto de que os poderes hostis à vida também existem, mesmo que não os conheçamos. É verdade que, neste caso, sua relação com o ser humano é determinada por forças superiores, e que essa relação também se modifica quando o indivíduo penetra conscientemente nesse mundo que antes lhe era oculto. Mas, em compensação, também será valorizada sua própria existência; seu círculo de vida será enriquecido por um campo imenso. Só há verdadeiro perigo se o discípulo, por impaciência e imodéstia, atribui-se uma certa independência, não sabendo aguardar até que realmente lhe caiba suficiente discernimento para as leis supra-sensoriais. Neste plano, humildade e modéstia são palavras muito menos vazias do que na vida comum. Porém, se o discípulo as assumir no melhor sentido, poderá estar certo de que sua ascensão à vida superior se consumará sem perigos com relação a tudo que geralmente se costuma denominar saúde e vida. Antes de mais nada, nenhuma desarmonia pode surgir entre as vivências superiores e os acontecimentos e exigências da vida quotidiana. A missão do ser humano deve ser inteiramente buscada nesta Terra. E quem pretende subtrair-se às tarefas nesta Terra, fugindo para um outro mundo, pode ter a certeza de que não alcançará seu objectivo. Mas o que os sentidos percebem é só uma parte do mundo. E no âmbito espiritual residem as entidades que se expressam nos factos do mundo sensorial. Devemos participar do espírito, para que possamos trazer suas revelações ao mundo sensorial. O ser humano remodela a Terra ao implantar nela o que explora no país dos espíritos. É nisso que consiste sua missão. Somente por depender a Terra sensorial do mundo espiritual, por realmente só ser possível actuar na Terra participando-se dos mundos onde estão ocultas as potências criadoras, é que se deve querer ascender a eles. Se nos acercarmos da disciplina do oculto com esta disposição, sem nos desviarmos em momento algum da direcção assim traçada, não teremos o menor perigo a temer. Ninguém deveria deixar-se deter na disciplina do oculto pela perspectiva de perigos; essa perspectiva, pelo contrário, deveria constituir para cada um uma severa exortação no sentido de assimilar as qualidades que os verdadeiros discípulos devem possuir.

Após essas premissas, que certamente afastam tudo o que seja assustador, passaremos à descrição de alguns dos assim chamados "perigos". Grandes transformações ocorrem nos corpos mais subtis, acima referidos, do discípulo. Tais transformações estão relacionadas com certos processos evolutivos das três forças fundamentais da alma: *querer, sentir* e *pensar*. Essas três forças encontram-se, anteriormente à disciplina oculta da pessoa, numa ligação totalmente determinada e regulamentada por leis cósmicas superiores. O indivíduo não *quer, sente* ou *pensa* de maneira arbitrária. Se, por exemplo, aflora uma determinada representação mental na consciência, liga-se a ela um certo sentimento, conforme leis naturais, ou se lhe segue uma decisão volitiva que lhe está regulamentadamente relacionada. Entra-se num quarto, sente-se o ar abafado e abre-se a janela. Ouve-se o próprio nome ser pronunciado e atende-se à chamada. Ouvem-se perguntas e responde-se. Vê-se uma coisa malcheirosa e ganha-se um sentimento de repugnância. Estas são associações simples entre o pensar, o sentir e o querer. Ao se analisar, porém, a vida humana, constatar-se-á que tudo nessa vida é edificado sobre tais associações. Classifica-se a vida de um indivíduo como "normal" somente quando nela se nota tal associação entre pensar, sentir e querer fundamentada nas leis da natureza humana. Considerar-se-ia contraditório a essas leis se um indivíduo, por exemplo, experimentasse um sentimento

de prazer ante a visão de um objecto malcheiroso, ou se não respondesse a perguntas. Os êxitos que se esperam de uma educação correcta ou de um ensino adequado baseiam-se no facto de se pressupor ser possível estabelecer no aluno uma ligação entre o pensar, o sentir e o querer correspondente à natureza humana. Ao ensinar-lhe certas ideias, fazemo-lo supondo que, mais tarde, estas possam entrar em regular ligação com seus sentimentos e decisões volitivas.

Tudo isto provém do facto de que, nos corpos anímicos mais subtis do ser humano, os pontos centrais das três forças – pensar, sentir e querer – estão ligados entre si de forma regular. E essa ligação no organismo anímico mais subtil tem também sua réplica no rústico corpo físico. Também neste, os órgãos do querer estão numa certa ligação regular com os do pensar e do sentir. Por isso, um determinado pensamento provoca regularmente um sentimento ou uma actividade volitiva.

Na evolução superior do indivíduo são interrompidos os fios que ligam entre si essas três forças fundamentais. Primeiramente, essa interrupção se dá somente no caracterizado organismo anímico mais subtil; numa ascensão mais elevada, no entanto, essa cisão se estenderá também ao corpo físico. (No desenvolvimento espiritual mais elevado do indivíduo, por exemplo, seu cérebro desintegra-se, de facto, em três partes separadas entre si. Esta ruptura é do tipo que permanece imperceptível à contemplação sensorial comum, não podendo ser comprovada nem mesmo por meio dos mais apurados instrumentos sensoriais. Contudo, ela ocorre e o clarividente dispõe de meios para observá-la. O cérebro do clarividente mais elevado divide-se em três entidades independentemente actuantes: o cérebro do pensar, o do sentir e o do querer.)

Dessa forma os órgãos do pensar, do sentir e do querer ficam inteiramente livres por si. E sua ligação, doravante, não é mais produzida por leis implantadas neles mesmos, mas tem de ser administrada por meio da própria consciência superior, do indivíduo. Eis a transformação que o discípulo nota em si próprio: não se estabelece relação alguma entre uma representação mental e um sentimento, ou entre um sentimento e uma decisão volitiva e assim por diante, se ele próprio não a cria. Nenhum impulso o levará de um pensamento a uma acção se ele próprio não provocar livremente esse impulso em si mesmo. Doravante ele é capaz de permanecer inteiramente insensível diante de um facto que, antes de sua disciplina, inspirava-lhe amor ardente ou ódio irrefreável; é capaz de permanecer inactivo face a um pensamento que antes o incitava, como que por si, a uma acção. E pode executar actos a partir de decisões volitivas para as quais não haveria qualquer motivo aparente para as pessoas que não passaram pela disciplina do oculto. A grande conquista outorgada ao discípulo é o perfeito domínio alcançado sobre a actuação conjunta das três forças anímicas; mas, em compensação, essa actuação conjunta também ficará integralmente colocada sob sua própria responsabilidade.

Só por meio dessa transformação de seu ser o indivíduo estará em condições de entrar em ligação consciente com certas forças e entidades supra-sensoriais. Ora, suas próprias forças anímicas possuem uma correspondente afinidade com determinados poderes fundamentais do Universo. A força, por exemplo, que jaz na vontade é capaz de actuar sobre determinadas coisas e entidades do mundo superior, podendo também percebê-las. Mas só será capaz de fazê-lo quando se tiver libertado de sua ligação com o sentir e o pensar no interior da alma. Assim que essa ligação for dissolvida, a actuação da vontade se evidenciará. E assim também ocorre com as forças do pensar e do sentir. Se uma pessoa me envia um sentimento de ódio, este é visível ao clarividente qual uma subtil nuvem luminosa de determinada coloração. E tal clarividente é capaz de rechaçar esse sentimento de ódio, tal como o homem sensorial repele a pancada física dirigida

contra ele. O ódio se torna, no mundo supra-sensorial, um fenómeno visível. Mas o clarividente só pode perceber esse ódio por ser capaz de expedir a força contida em seu sentimento, tal como o homem sensorial dirige para fora a sensibilidade de seu olho. E tal como sucede com o ódio ocorre com factos muito mais importantes do mundo sensorial. O indivíduo é capaz de entrar em comunicação consciente com eles por meio da libertação das forças fundamentais de sua alma.

Mediante a descrita separação das forças do pensar, do sentir e do querer, é possível incorrer-se num tríplice desvio no caminho evolutivo do indivíduo, caso se negligenciem as instruções da ciência do oculto. Um deles pode ocorrer se os ramais de ligação são destruídos antes que a consciência superior, com seu conhecimento, esteja em condições de conduzir convenientemente as rédeas que uma actuação livre e harmoniosa das forças separadas produz. É que, via de regra, as três forças fundamentais do ser humano não se encontram, num determinado período da vida, em idêntico grau de sua evolução. Em certa pessoa, o pensar ultrapassou o sentir e o querer; numa segunda, uma outra força adquiriu a primazia sobre as demais. Ora, enquanto for mantida a relação das forças, estabelecidas pelas leis cósmicas superiores, o facto de uma outra salientar-se em maior grau não pode, em sentido mais elevado, fazer surgir nenhuma irregularidade perturbadora. Numa pessoa voluntariosa, por exemplo, o pensar e o sentir ainda assim actuam, através daquelas leis, de maneira equilibradora, impedindo que a vontade preponderante caia em degeneração. Mas se tal pessoa voluntariosa ingressa na disciplina do oculto, cessa completamente a influência regular de sentimento e pensamento sobre a vontade permanentemente impelida a enormes esforços. Se o indivíduo não tiver alcançado total domínio da consciência superior, sendo capaz de, por si mesmo, provocar a harmonia vontade seguirá seus próprios caminhos desenfreados – subjugará continuamente seu portador. Sentimento e pensamento sucumbirão à mercê de uma absoluta impotência; o indivíduo será açoitado pelo poder dominante da vontade que o escraviza. Acaba de nascer uma *natureza despótica,* que passa de uma acção desenfreada para outra.

Um segundo desvio surgirá se o sentimento se libertar, de forma desmedida, das rédeas reguladoras. Uma pessoa inclinada à veneração de outras pode, então, entregar-se em ilimitada dependência, podendo até perder qualquer vontade ou pensamentos próprios. Ao invés da aquisição do conhecimento superior, a sorte de tal personalidade será, então, a mais lastimável anulação e debilidade. Ou, no caso de uma tal predominante vida dos sentimentos, uma natureza inclinada à devoção e à exaltação religiosa pode incorrer num arrebatador excesso religioso.

O terceiro mal forma-se quando o pensar predomina. Surge então uma contemplação hostil à vida, introvertida. Para tais pessoas, o mundo deixa de ter outra importância senão a de fornecer-lhes objectos para satisfazer sua ilimitada avidez por saber. Nenhum pensamento é capaz de incitá-las a uma acção ou a um sentimento. Em toda parte aparecem como naturezas apáticas e frias. A cada contacto com coisas da realidade quotidiana fogem como que de algo que lhes provoca aversão ou que, ao menos, perdeu para elas todo o sentido.

São estes os três descaminhos em que o discípulo pode cair: na natureza despótica, no sentimentalismo e na fria e insensível ânsia pelo saber. Para a observação exterior – mesmo para a materialista, da medicina clássica –, o quadro de tais pessoas desviadas do caminho, especialmente quanto ao grau, não difere muito daquele de um louco, ou, ao menos, de uma pessoa gravemente "neurótica". A essas pessoas o discípulo, obviamente, não deve igualar-se. É preciso, em seu caso, que as três forças fundamentais da alma – o pensar, o sentir e o querer – tenham passado por um

desenvolvimento harmonioso antes de poderem ser desligadas de sua conexão inerente e subordinadas à consciência superior desperta. Pois uma vez ocorrido o erro, havendo caído uma força fundamental em desenfreamento, a alma superior aflorará, inicialmente, como um aborto. A força indomada preenche toda a personalidade do indivíduo; e, por longo tempo, não se podem alimentar esperanças de que tudo possa retornar ao equilíbrio. O que parece ser uma inofensiva disposição de carácter, enquanto o indivíduo vive sem a disciplina esotérica – isto é, se ele é de natureza volitiva, sensível ou mental –, intensifica-se em tal grau no discípulo do oculto que diante disso se perde totalmente o elemento geral, necessário à vida. Contudo, isso só se torna um perigo realmente sério no momento em que o discípulo alcança a capacidade de ter, no estado de vigília, vivências como as que tem na consciência de sono. Enquanto ele permanecer na mera iluminação dos intervalos de sono, sempre voltará a actuar, durante o estado de vigília, a vida sensorial regulamentada pelas leis cósmicas universais no sentido de compensar o equilíbrio perturbado da alma. Eis por que é tão necessário que a vida desperta do discípulo seja, em todos os sentidos, regular e sadia. Quanto mais ele corresponder às exigências que o mundo exterior fizer para uma estruturação sadia e vigorosa de corpo, alma e espírito, tanto melhor será para ele. Em compensação, sua situação poderá tornar-se grave se a vida desperta quotidiana exercer uma acção excitante ou extenuante sobre ele – se, portanto, às grandes transformações que ocorrem em seu interior, se juntarem quaisquer influências destrutivas ou inibidoras. Ele deverá procurar tudo o que corresponda às suas forças e que lhe traga uma convivência serena e harmoniosa com seu meio ambiente. E deverá evitar tudo o que prejudique essa harmonia, que traga agitação e precipitação em sua vida. Trata-se não tanto de livrar-se dessa agitação e precipitação num sentido exterior, mas, muito mais, de cuidar para que a disposição de alma, as intenções, os pensamentos e a saúde corpórea não estejam expostos a constantes oscilações. Nada disso parecerá ao indivíduo, no decurso de sua disciplina do oculto, tão fácil como antes. Pois as vivências superiores que a partir de então intervêm em sua vida actuarão ininterruptamente em toda a sua existência. Se, dentre essas vivências mais elevadas, algo não estiver em ordem, a irregularidade estará à espreita e será capaz de desviá-lo, na primeira oportunidade, da trilha correcta. Por isso, o discípulo não deverá desleixar-se em nada que lhe assegure o domínio constante sobre todo o seu ser. Jamais lhe deveria faltar presença de espírito ou uma tranquila visão para todas as situações da vida que entrassem em consideração. Todavia, uma autêntica disciplina gera, no fundo, todas essas qualidades por si própria. E aprende-se a conhecer os perigos somente à medida que se alcança concomitantemente, no momento certo, todo o poder para derrotá-los.

O GUARDIÃO DO LIMIAR

Os encontros com o "guardião do limiar" constituem importantes vivências na ascensão aos mundos superiores. Não existe só um "guardião do limiar" mas, em verdade, dois: um "menor" e um "maior". Com o primeiro, o indivíduo se depara quando os fios de ligação entre o querer, o pensar e o sentir, dentro dos corpos mais subtis (corpo astral e etérico), começam a soltar-se, conforme descrito no capitulo precedente. Com o "guardião maior do limiar", o indivíduo se defronta quando a

dissolução das ligações se estende também às partes físicas do corpo (de facto, primeiramente ao cérebro).

O "guardião menor do limiar" é um ser autónomo. Inexiste para o ser humano enquanto este não alcançou o grau adequado do desenvolvimento. Só algumas das características mais essenciais do mesmo poderão ser traçadas aqui.

Primeiramente tentaremos apresentar, sob forma de narração, o encontro do discípulo com o guardião do limiar. Somente por meio desse encontro o discípulo se aperceberá de que nele o pensar, o sentir e o querer se dissociaram de sua ligação inerente.

Na verdade, um ser horripilante e fantasmagórico se posta diante do discípulo. Este necessita de toda a presença de espírito e de toda a confiança na segurança de seu caminho cognitivo, as quais, no decurso de sua disciplina do oculto, no entanto, ele teve ampla oportunidade de adquirir.

O "guardião" expressa seu significado mais ou menos nas seguintes palavras:

"Sobre ti reinavam, até agora, poderes para ti invisíveis. Eles fizeram com que, durante o curso de tuas vidas anteriores, cada uma de tuas boas acções recebesse sua recompensa e cada uma de tuas más acções tivesse suas más consequências. Sob sua influência edificou-se o teu carácter, por meio de tuas experiências de vida e de teus pensamentos. Elas ocasionaram o teu destino. Determinaram a medida de prazer e dor proporcionada numa de tuas encarnações, de conformidade com tua conduta em existências precedentes. Reinaram sobre ti sob forma da lei do carma, que tudo abrange. Esses poderes, agora, soltarão em parte suas rédeas. E uma parte do trabalho que fizeram em ti, tu mesmo terás agora de fazer. Vários golpes duros do destino te atingiram até agora. Não soubeste por quê? Foi a consequência de uma acção prejudicial num de teus anteriores cursos de vida. Tu encontraste felicidade e alegria, e as acolheste. Também elas foram efeitos de actos anteriores. Tu tens em teu carácter vários ângulos belos, várias manchas feias. Tu mesmo causaste ambos por meio de vivências e pensamentos anteriores. Até agora, não conheceste estes últimos; só os efeitos se te evidenciaram. Os poderes cármicos, porém, viam todas as tuas acções de vidas passadas, teus pensamentos e sentimentos mais secretos. E, de acordo com isso, determinaram a maneira como agora és e como agora vives.

"Agora, todos os bons e maus aspectos de tuas vidas passadas deverão ser revelados a ti. Até agora estavam entretecidos à tua própria entidade, estavam em ti e não podias vê-los, tal como fisicamente não podes enxergar teu próprio cérebro. Agora, porém, eles se soltam de ti; destacam-se de tua personalidade. Assumem uma forma autónoma, que serás capaz de ver, tal como vês as pedras e plantas do mundo exterior. E sou eu mesmo a entidade que edificou para si um corpo a partir de teus actos nobres e maus. Minha figura fantasmagórica foi tecida com o livro contábil de tua própria vida. Tu me carregaste invisivelmente, até agora, em ti próprio. Mas foi benéfico para ti que tenha sido assim. Pois por isso a sabedoria de teu destino, a ti oculto, trabalhou até agora em ti, na eliminação das manchas feias em minha figura. Agora que saí de ti, essa sabedoria oculta também se retirou de ti. Doravante não mais se ocupará de ti. Colocará, então, o trabalho exclusivamente em tuas mãos. Eu devo tornar-me uma entidade em si perfeita e maravilhosa, se não tiver de sucumbir à corrupção. E se isto ocorresse, eu também te arrastaria, a ti próprio, para dentro desse escuro mundo corrupto. Tua própria sabedoria deverá, para evitar isso, ser grande o suficiente para poder assumir a tarefa daquela sabedoria oculta que se retirou de ti. Quando tiveres transposto o meu limiar, não mais me afastarei de teu lado, um instante sequer, como figura visível a ti. Doravante, quando agires ou pensares de forma incorrecta, perceberás de imediato tua

culpa qual uma repugnante desfiguração demoníaca de minha figura. Somente quando houveres compensado todo o teu passado incorrecto e te houveres purificado a ponto de te ser totalmente impossível cometer novos males é que meu ser se terá transformado em luminosa beleza. E, então, para o bem de tua futura actuação, poderei unir-me novamente a ti, num único ser.

"Meu limiar é constituído de cada um dos sentimentos de temor que ainda residem em ti, e de cada um dos receios perante a força de assumir pessoalmente a plena responsabilidade por todos os teus actos e pensamentos. Enquanto tiveres qualquer receio de assumir, tu mesmo, a direcção de teu destino, não será incorporado a este limiar tudo o que deve sustentá-lo. E enquanto lhe faltar um único elemento de construção, terás de ficar como que preso junto a esse limiar, ou terás de tropeçar. Não tentes cruzar este limiar antes de sentir-te totalmente livre de medo e pronto a assumir a mais alta responsabilidade.

"Até agora, eu apenas saía de tua própria personalidade quando a morte te exonerava de um de teus cursos de vida terrena. Mas também aí minha figura permanecia velada para ti. Somente os poderes do destino, que reinavam sobre ti, viam-me e podiam, segundo minha aparência nos intervalos entre a morte e um novo nascimento, desenvolver em ti força e capacidade para que, numa nova existência terrestre, tu pudesses trabalhar no embelezamento de minha figura para o bem de teu progresso. Também era eu mesmo quem, por minha imperfeição, sempre forçava os poderes do destino a reconduzir-te a uma nova encarnação na Terra. Quando morrias, lá estava eu; e, por minha causa, os guias do carma determinavam teu renascimento. Somente quando tu, através de vidas sempre renovadas, inconscientemente me tivesses transformado inteiramente em perfeição, não mais sucumbirias aos poderes da morte, mas te tornarias uno comigo e, em união comigo, passarias à imortalidade.

"Assim, hoje estou visível diante de ti, tal como sempre estive invisível a teu lado na hora da morte. E quando tiveres transposto meu limiar, entrarás nos reinos em que normalmente penetraste após a morte física. Neles penetrarás com pleno conhecimento e, doravante, quando caminhares de modo exteriormente visível na Terra, caminharás concomitantemente no reino da morte, isto é, no reino da vida eterna. Eu também sou, de facto, o anjo da morte. Mas, ao mesmo tempo, sou portador de uma vida superior inesgotável. No corpo vivo morrerás por meu intermédio, a fim de vivenciares o renascimento para uma existência indestrutível.

"O reino em que a partir de agora penetras far-te-á conhecer seres de natureza supra-sensorial. A bem-aventurança será teu quinhão nesse reino. Mas o primeiro que conhecerás nesse mundo terei de ser eu mesmo, por eu ser tua própria criatura. Anteriormente, eu vivia de tua própria vida; mas, agora, despertei por ti para uma existência própria e estou diante de ti qual um padrão de medida de tuas acções futuras ou, talvez, qual tua perpétua censura. Pudeste criar-me; mas concomitantemente, assumiste também o dever de transformar-me."

O que aqui acaba de ser exposto sob forma de narrativa não deve ser imaginado como algo simbólico, mas como uma verdadeira vivência do discípulo no mais alto grau do sentido. [1]

O guardião deverá adverti-lo para que de forma alguma prossiga se não sentir em si a força para corresponder às exigências contidas na fala acima. Por mais terrível que seja, a figura do guardião é apenas o efeito da própria vida passada do discípulo, é apenas seu próprio carácter, despertado para uma vida autónoma fora dele. E esse despertar se dá por meio da dissociação entre o querer, o pensar e o sentir. Já é uma vivência de natureza profundamente significativa alguém sentir, pela primeira vez,

haver dado pessoalmente origem a um ser espiritual. A preparação do discípulo do oculto deverá visar a que ele suporte, em qualquer receio, aquela horrível visão; e a que, no instante do encontro, sinta sua força realmente desenvolvida a ponto de poder encarregar-se, com pleno saber, do embelezamento do
"guardião".

Uma consequência do encontro bem-sucedido com o "guardião do limiar" é a de a próxima morte física vir a ser, para o discípulo, um acontecimento totalmente diferente das mortes anteriores. Ele vivenciará conscientemente o morrer, ao despojar-se do corpo físico, como costuma desfazer-se de uma roupa gasta pelo uso ou talvez inutilizada por um súbito rasgo. Essa sua morte física será, então, por assim dizer, um acto relevante apenas para os outros que com ele convivem e que, com suas percepções, ainda estão totalmente limitados ao mundo sensorial. Para eles, o discípulo "morre". Para ele, nada de relevante importância se altera em todo o seu mundo circundante. Todo o mundo supra-sensorial, no qual acaba de ingressar, já se encontrava adequadamente diante dele antes da morte, estando também à sua frente depois dela. Contudo, agora o "guardião do limiar" está relacionado a outra coisa. O ser humano pertence a uma família, a um povo, a uma raça; sua actuação neste mundo depende de sua filiação a tal conjunto. Também seu carácter particular está relacionado com isso. E o consciente actuar de cada indivíduo não é, de forma alguma, com o que se deve contar numa família, numa tribo, povo ou raça. Existe um destino de família, raça (e assim por diante), assim como existe um carácter de família, de raça etc. Para o indivíduo limitado aos seus sentidos, essas coisas permanecem como *conceitos gerais,* e o pensador materialista, com seus preconceitos, olhará com desdém para o pesquisador do oculto ao ouvir que, para este último, do carácter da família ou do povo, do destino da tribo ou da raça fazem parte seres reais, da mesma maneira como do carácter e do destino de cada ser humano faz parte uma personalidade real. O estudioso do oculto aprende a conhecer mundos superiores dos quais as personalidades individuais são membros, tanto quanto braços, pernas e cabeça são membros do ser humano. E na vida de uma família, de um povo ou de uma raça também actuam, além das pessoas individuais, as autênticas almas das famílias, almas dos povos, espíritos das raças. Sim, em certo sentido as pessoas individuais são apenas órgãos executores dessas almas de famílias, espíritos de raças e assim por diante. Pode-se dizer em plena verdade, por exemplo, que uma alma de povo se serve de um indivíduo pertencente a seu povo a fim de levar a cabo certos trabalhos. A alma do povo não desce até à realidade sensorial. Ela caminha em mundos superiores. E para actuar no mundo físico sensorial serve-se dos órgãos físicos do ser humano individual. Num sentido superior, é exactamente como se o arquitecto se servisse dos pedreiros para a execução dos detalhes da obra. Cada pessoa recebe, no mais verdadeiro sentido da palavra, seu trabalho distribuído pelas almas familiares, de povo ou raciais. Ora, o homem sensorial não é, de forma alguma, iniciado no plano superior de seu trabalho. Ele colabora *inconscientemente* nas metas das almas dos povos, raças, etc. A partir do momento em que sucede o encontro com o guardião do limiar, o discípulo não tem apenas de conhecer suas próprias tarefas como personalidade, mas deve *intencionalmente* colaborar nas de seu povo, de sua raça. Cada ampliação do horizonte lhe coloca também, incondicionalmente, deveres ampliados. Na verdade, o que ocorre é que o discípulo agrega, a seu corpo anímico mais subtil, um corpo novo. Ele coloca uma veste a mais. Até então, caminhava pelo mundo com envoltórios que vestiam sua personalidade. E o que ele tinha de fazer para sua comunidade, para seu povo, sua raça, etc., por isto zelavam os espíritos superiores, que se serviam de sua personalidade. Uma outra revelação que lhe faz o "guardião do limiar" é a de que, a partir de então, esses

espíritos se distanciarão dele. Ele terá de sair inteiramente da comunidade. E, como individualidade isolada, se endureceria completamente, iria de encontro à corrupção se não adquirisse, por si mesmo, as forças próprias dos espíritos dos povos e de raças. Com efeito, muitas pessoas dirão: "Libertei-me inteiramente de todas as relações de linguagem ou raça; quero ser apenas 'homem' e 'nada mais que homem'." A esses deverá ser respondido: "Quem te levou a essa liberdade? Não foi tua família que te situou no mundo da maneira como agora te encontras? Não foi tua linhagem, teu povo, tua raça, que fizeram de ti o que és agora? Eles te educaram; e se agora és superior a todos os preconceitos, se és uma luz e benfeitor de tua linhagem, e até mesmo de tua raça, tu o deves a seu ensino. Ora, mesmo que digas não seres 'mais do que homem', o facto de teres chegado a ser assim, tudo o deves aos espíritos de tuas comunidades." Só o discípulo do oculto sabe o que significa estar inteiramente abandonado pelo espírito de povo, de linhagem e de raça. Somente ele experimentará em si mesmo a desimportância, para a vida que agora o aguarda, de toda essa educação. Pois tudo o que nele foi induzido educacionalmente dissolver-se-á completamente pelo rompimento dos fios entre o querer, o pensar e o sentir. Ele olha para trás, para os resultados de toda a educação recebida até agora, como olharia para uma casa desmoronando até à separação de seus tijolos e que, agora, tivesse de ser reconstruída sob nova forma. Trata-se, novamente, de algo mais do que um mero símbolo quando alguém diz que após o "guardião do limiar" se haver pronunciado sobre suas primeiras exigências, no lugar onde ele se encontra levanta-se um turbilhão, vindo a apagar todas as luzes espirituais que até então se haviam iluminado no caminho da vida. E uma completa treva se desfraldará diante do discípulo, sendo apenas entrecortada pela luminosidade que o próprio "guardião do limiar" irradia. E, a partir das trevas, ressoarão suas advertências seguintes: "Não cruzes meu limiar enquanto não tiveres em mente que tu mesmo terás de iluminar as trevas diante de ti; não dês um só passo adiante enquanto não tiveres certeza de ter suficiente óleo em teu próprio candeeiro. Os candeeiros dos guias que até agora tiveste faltar-te-ão no futuro." Após essas palavras, o discípulo terá de voltar-se e olhar para trás. O "guardião do limiar" descerrará um véu que até então terá ocultado profundos mistérios da vida. Os espíritos de linhagem, de povo e de raça revelar-se-ão em todo o seu vigor; e o discípulo verá, com a mesma exactidão com que até aí houver sido dirigido, que a partir desse momento não mais terá aquela orientação. Esta é uma segunda advertência que o indivíduo vivencia por meio de seu guardião no limiar.

Despreparado, de facto, ninguém seria capaz de suportar a mencionada visão; mas a disciplina superior, que principalmente capacita o indivíduo a avançar até o limiar, confere-lhe também a condição de, no momento oportuno, encontrar a força necessária. Com efeito, essa disciplina pode vir a ser tão harmoniosa que à entrada na vida nova seja retirado qualquer carácter excitante ou tumultuoso. A vivência no limiar será então, para o discípulo, acompanhada por um pressentimento de tamanha bem-aventurança que esta constituirá a tónica de sua nova vida recém-desperta. O sentimento de nova liberdade predominará sobre todos os outros sentimentos; e, com esse sentimento, os novos poderes e a nova responsabilidade parecer-lhe-ão como algo que o ser humano, em determinado grau da vida, deve assumir.

[1] Fica claro, pelo exposto acima, que o "guardião do limiar" descrito é uma figura (astral) que se manifesta à despontante vidência superior do discípulo. E é para esse encontro supra-sensorial que conduz a ciência do oculto. É uma prática de magias inferiores tornar o "guardião do limiar" visível também

sensorialmente. Trata-se, aí, da preparação de uma nuvem de subtil substância, de uma produção de fumaça preparada a partir de determinada combinação de uma série de substâncias. O poder desenvolvido do mágico é capaz, então, de actuar na nuvem de fumaça de forma plasmadora e vivificá-la com o carma desequilibrado da pessoa. Quem está suficientemente preparado para a vidência superior não necessita mais de semelhante visão sensorial; e quem se defrontasse, sem o suficiente preparo, com seu carma ainda desequilibrado, como ser sensorial vivo, correria o perigo de incorrer em graves desvios. Não deveria, portanto, ansiar por isso. Em *Zanoni,* de Bulwer, é feita de forma romanesca uma descrição desse "guardião do limiar".

VIDA E MORTE

O grande guardião do limiar

Acaba de ser narrado quão importante é, para o indivíduo, o encontro com o assim chamado guardião menor do "limiar", porque neste ele perceberá um ser supra-sensorial que, de certa forma, ele próprio engendrou. O corpo desse ser é composto pelos efeitos de seus próprios actos, sentimentos e pensamentos, dantes invisíveis para ele. Porém, essas forças invisíveis convertem-se nas causas de seu destino e de carácter. A partir de então, o indivíduo dá-se conta de como, no passado, ele próprio criou as bases para sua existência actual. Assim, sua essência se lhe revela até certo grau. Nela residem, por exemplo, certas inclinações e hábitos. Agora ele é capaz de compreender os motivos de tê-los. Certos golpes do destino o atingiram; agora ele reconhece de onde provêm. Ele *descobre* por que ama este e odeia aquele, por que através disso ou daquilo é feliz ou infeliz. A vida visível se lhe torna, por meio das causas invisíveis, compreensível. Também os factos essenciais da vida, tais como doença e saúde, morte e nascimento, desvendam-se diante de seu olhar. Ele percebe que antes de seu nascimento teceu as causas que necessariamente tiveram de reconduzi-lo de volta à vida. A partir de agora, conhece a entidade dentro de si que, neste mundo invisível, está edificada de maneira perfeita, e que também *somente* neste mesmo mundo visível poderá ser levada à sua perfeição. Pois em nenhum outro mundo existe a possibilidade de trabalhar no acabamento dessa entidade. E ele compreenderá, outrossim, que a morte não pode separá-lo para sempre deste mundo. Pois terá de dizer a si mesmo: "Vim um dia a este mundo pela primeira vez porque era, naquele tempo, um ser que necessitava da vida deste mundo, a fim de adquirir para mim qualidades que não poderia adquirir em nenhum outro mundo. E terei de estar ligado a este mundo até haver desenvolvido em mim tudo quanto nele possa ser conquistado. Somente poderei, um dia, vir a ser um colaborador útil num outro mundo se, no sensorial visível, adquirir todas as qualidades necessárias para tanto." Em verdade, faz parte das vivências mais relevantes do iniciado conhecer e avaliar melhor a natureza sensorial visível, em seu verdadeiro valor, do que lhe era possível antes de sua disciplina espiritual. Esse conhecimento deve-se, precisamente, à sua visão do mundo supra-sensorial. Quem não teve essa visão, assumindo, talvez, apenas a suspeita de que os planos supra-sensoriais são os infinitamente mais valiosos, é capaz de subestimar o mundo sensorial. Quem, no entanto, teve essa visão sabe que, sem essas vivências na realidade visível, estaria totalmente impotente na invisível. Se pretende *viver* nesta última, deve possuir faculdades e instrumentos para esta vida. Mas só poderá adquiri-los na visível. Terá de ser capaz de *enxergar* espiritualmente, se quiser que o mundo invisível se lhe torne consciente. Mas essa capacidade vidente em relação a um mundo "superior" é

gradualmente desenvolvida através das vivências no "inferior". Não se pode nascer para o mundo espiritual com olhos espirituais não os tendo plasmado no sensorial, assim como a criança não poderia vir à luz com olhos físicos se estes não tivessem sido plasmados no ventre materno.

Partindo desse ponto de vista, compreender-se-á também por que o "limiar" do mundo supra-sensorial é vigiado por um "guardião". É que de forma alguma deve ser permitida ao ser humano uma verdadeira visão daquelas regiões sem haver ele, antes, adquirido as faculdades necessárias para isso. Decorre dai o seguinte: sempre que o indivíduo, ainda incapacitado ao trabalho num outro mundo, penetra nele ao morrer, um véu se estende diante de suas vivências. Ele só deverá contemplá-las quando se houver tornado plenamente maduro para isso.

Ao penetrar o discípulo no mundo supra-sensorial, a vida adquire, para ele, um sentido totalmente novo. Ele vê, no mundo sensorial, um solo germinativo para um mundo superior. E, num certo sentido, sem o "inferior" esse "superior" lhe parecerá deficiente. Duas perspectivas se lhe descortinam: uma rumo ao passado, outra ao futuro. Ele perscruta um passado no qual este mundo sensorial ainda não existia. Pois há muito tempo ele superou o preconceito de que o mundo supra-sensorial se desenvolveu a partir do sensorial. Ele sabe que primeiro existia o supra-sensorial e que a partir dele se desenvolveu todo o sensorial. Vê que ele próprio, *antes* de vir pela primeira vez a este mundo sensorial, pertenceu a um mundo supra-sensorial. Mas esse mundo supra-sensorial de outrora *precisava* da passagem pelo sensorial. Seu desenvolvimento ulterior não teria sido possível sem essa passagem. Somente quando, dentro dos reinos sensoriais, se houverem desenvolvido seres com faculdades adequadas, poderá o supra-sensorial retomar seu progresso. E essas entidades são os seres humanos. Portanto, estes nasceram, na forma como agora vivem, de um grau , imperfeito na existência espiritual, e dentro da mesma serão conduzidos àquela perfeição por cujo intermédio se tornarão aptos a continuar o trabalho no mundo superior. E aqui se acrescenta a perspectiva para o futuro. Ela aponta para um grau superior do mundo supra-sensorial. Neste se encontrarão os frutos que são desenvolvidos no mundo sensorial. Este último, como tal, será superado; seus resultados, no entanto, serão incorporados a um superior.

Com isso é dada a compreensão para o que seja doença e morte no mundo sensorial. A morte, portanto, nada mais é senão a expressão do facto de o mundo supra-sensorial de outrora haver chegado a um ponto a partir do qual não podia avançar por si próprio. Uma morte geral lhe teria sido necessária, não houvesse ele recebido um novo impacto de vida. E, assim, esta nova vida veio a tornar-se uma luta contra a morte geral. A partir dos remanescentes em todo um mundo em perecimento e em auto-enducimento, desabrocharam os germes para um novo. É por isso que existe o morrer e o viver no mundo. E, aos poucos, as coisas vão-se encaixando. As partes em perecimento do mundo antigo aderem aos novos germes de vida que delas saíram. Isto encontra sua expressão mais clara no próprio ser humano. Ele carrega em si, como seu envoltório, o que remanesceu daquele mundo antigo; dentro desse envoltório, forma-se o germe daquele ser que viverá futuramente. Portanto, ele é um ser de dupla natureza: uma mortal e uma imortal. O elemento mortal está em seu estado final; o imortal, em seu estado inicial. Mas só *dentro* desse mundo duplo, que encontra sua expressão no elemento sensorial físico, ele se apropria das faculdades para conduzir o mundo da imortalidade. Sua missão consiste em buscar, por si próprio, no elemento mortal, os frutos para o imortal. Ao contemplar, pois, como ele mesmo edificou seu próprio ser no passado, terá de dizer-se: eu contenho os elementos de um mundo em perecimento. Eles trabalham dentro de mim, e só pouco a pouco serei capaz de quebrar o poder dos

mesmos por meio dos elementos imortais revitalizados." Assim segue o caminho do ser humano, da morte à vida. Se, na hora da morte, lhe fosse possível falar plenamente cônscio si mesmo, teria de dizer-se: "O que ora morre foi meu mestre. O facto de eu morrer é um efeito de todo o passado ao qual estou entretecido. Mas o âmbito mortal me amadureceu os germes para o imortal. Estes, eu os levo comigo para fora, para um outro mundo. Se dependesse apenas do passado, jamais eu poderia ter vindo ao mundo. A vida do passado está concluída com o nascimento. A vida no mundo sensorial é arrancada da morte geral por meio do novo germe vital. O tempo entre nascimento e morte é só a expressão do quanto a nova vida conseguiu arrancar do passado moribundo. E a doença nada mais é senão a continuação do actuar das partes agonizantes desse passado."

A partir de tudo isso, encontra sua resposta a seguinte pergunta: por que só gradualmente o ser humano consegue triunfar sobre os desvios e imperfeições rumo à verdade e ao bem? Seus actos, sentimentos e pensamentos encontram-se primeiramente sob o domínio do definhar e do morrer. E a partir destes formaram-se seus órgãos físico-sensoriais. Por isso esses órgãos e tudo o que de início os estimula estão, eles próprios, dedicados ao perecer. Os instintos, impulsos e paixões, etc., bem como os órgãos a eles pertencentes, não constituem um elemento imortal; só será imortal aquilo que aparecer como obra desses órgãos. Somente quando o ser humano tiver extraído do transitório tudo o que deve extrair é que será capaz de desfazer-se da base da qual nasceu e que encontra sua expressão no mundo físico-sensorial.

Assim, o primeiro "guardião do limiar" representa o retrato do ser humano em sua natureza dupla, mesclado pelos elementos transitórios e imortais. E nele se mostra claramente o que ainda falta para o alcance da sublime figura luminosa, capaz de habitar novamente o mundo puramente espiritual.

O grau de enredamento com a natureza físico-sensorial se torna visível ao indivíduo por meio do "guardião do limiar". Esse enredamento expressa-se primeiro na existência dos instintos, impulsos, apetites, desejos egoístas, em todas as formas do interesse pessoal e assim por diante. Depois, vem à expressão na filiação a uma raça, a um povo, etc. Pois os povos e raças são apenas os diversos graus de evolução rumo à pura Humanidade. Uma raça, um povo, estará num nível tanto mais elevado quanto mais perfeitamente seus filiados expressarem o puro tipo humano ideal, quanto mais se tiverem aprimorado do âmbito físico transitório para o supra-sensorial imortal. A evolução do ser humano através das encarnações rumo às formas cada vez mais elevadas de povos e raças é, por isso, um processo de libertação. Por fim, o ser humano terá de aparecer em sua perfeição harmoniosa. De maneira semelhante, a transição através de concepções morais e religiosas cada vez mais puras constitui um aprimoramento. Pois cada grau moral encerra ainda em si a ânsia pelo transitório ao lado dos germes idealistas do futuro.

Ora, no "guardião do limiar" descrito só aparece o resultado do tempo passado. E dos germes do futuro há aí somente aquilo que foi entretecido a esse tempo passado. Mas o ser humano terá de levar para o futuro mundo supra-sensorial tudo o que pode extrair do mundo sensorial. Se quisesse limitar-se a levar consigo apenas o que está entretecido à sua contra-imagem meramente pelo passado, cumpriria só parcialmente sua missão terrena. Portanto, após algum tempo, ao "guardião menor do limiar" junta-se o maior. Novamente deve ser exposto sob forma de narrativa o que ocorre no encontro com esse segundo "guardião do limiar".

Após o indivíduo haver sabido do quê se libertar, surge diante dele uma sublime figura luminosa, cuja beleza é difícil de descrever nas palavras de nossa linguagem. Esse

encontro ocorrerá quando os órgãos do pensar, sentir e querer se tiverem desligado um do outro também quanto ao corpo físico, a ponto de suas relações recíprocas não mais serem reguladas por eles próprios, mas dirigidas por meio da consciência superior, que nesta altura se separou totalmente das condições físicas. Os órgãos do pensar, sentir e querer tornaram-se, então, instrumentos em poder da alma humana, que exerce seu governo sobre eles a partir de regiões supra-sensoriais. Com esta alma, libertada assim de todos os laços sensoriais, defrontar-se-á o segundo "guardião do limiar", dizendo mais ou menos o seguinte:

"Tu te desligaste do mundo sensorial. Conquistaste tua cidadania no mundo espiritual. A partir daqui, poderás doravante actuar. Não mais necessitas de tua corporalidade física na forma actual. Se quisesses meramente adquirir a faculdade de residir neste mundo supra-sensorial, não mais terias a necessidade de regressar ao sensorial. Mas, agora, olha para mim. Vê como estou infinitamente elevado acima de tudo o que até hoje já fizeste a partir de ti. Chegaste ao actual grau de tua perfeição por meio das faculdades que pudeste desenvolver no mundo sensorial, enquanto ainda dependias dele. Agora, porém, terá de começar para ti um tempo no qual tuas forças libertadas terão de prosseguir trabalhando nesse mundo sensorial. Até agora liberaste apenas a ti mesmo; agora, como alguém livre, poderás libertar todos os teus semelhantes no mundo sensorial. Até hoje, te esforçaste como indivíduo; agora, incorpora-te ao todo, para não trazeres apenas a ti mesmo ao mundo supra-sensorial, mas também tudo o mais que existe no mundo sensorial. Um dia, poderás unir-te à minha figura, mas não alcançarei a bem-aventurança enquanto ainda existirem desgraçados! Como ser individual liberto, desejas, ainda assim, penetrar já hoje no reino do supra-sensorial. Depois, porém, terias de baixar teu olhar sobre os seres do mundo sensorial ainda não libertos. E terias separado teu destino do deles. Mas sois todos ligados entre si. Todos vós tivestes de descer ao mundo sensorial, a fim de buscar nele as forças para um mundo superior. Se tu te desligasses deles, abusarias das forças que somente em comunidade com eles pudeste desenvolver. Se eles não tivessem descido, tampouco tu poderias ter descido; sem eles, faltar-te-iam as forças para tua existência supra-sensorial. Estas forças que *com* eles conquistaste, também terás de com eles dividir. Por isso, barrar-te-ei a entrada às regiões mais elevadas do mundo supra-sensorial enquanto não houveres empregado *todas* as tuas forças adquiridas em prol da redenção de teus contemporâneos. Podes estar, com o já alcançado, nas regiões inferiores do mundo supra-sensorial; porém, diante do portal para o superior, posto-me eu 'como um querubim com a espada flamejante diante do Paraíso', detendo-te à entrada enquanto ainda tiveres forças não empregadas no mundo sensorial. E se não quiseres empregar as tuas, virão outros que hão de empregá-las; então, um elevado mundo supra-sensorial há de acolher todos os frutos provenientes do sensorial; a ti, porém, será retirado o solo ao qual estiveste unido. O mundo purificado se desenvolverá para além de ti. Tu serás excluído dele. Assim, tua senda será *negra,* ao passo que aqueles de quem te separaste seguirão a senda *branca."*

Assim se faz anunciar o "grande guardião", logo após haver ocorrido o encontro com o primeiro guardião. No entanto, o iniciado sabe muito bem o que o aguarda, caso se deixe seduzir pelas tentações de uma estada prematura no mundo supra-sensorial. Um esplendor indescritível irradia do segundo guardião do limiar; a união com ele coloca-se diante da alma vidente qual um alvo longínquo. Contudo, está aí também a certeza de que essa união só se tornará possível quando o iniciado houver empregado todas as forças que lhe afluíram deste mundo também a serviço da libertação e da redenção deste mesmo mundo. Caso se decida por atender às exigências da sublime figura luminosa,

ele será capaz de contribuir para a libertação do género humano. Depositará suas dádivas no altar sacrifical da Humanidade. Se preferir sua própria elevação prematura ao mundo supra-sensorial, a corrente da Humanidade passará por cima dele. Após sua libertação do mundo sensorial, não mais poderá adquirir novas forças para si próprio. Se, mesmo assim, colocar seu trabalho à disposição, isto ocorrerá com a renúncia a ainda buscar algo para si próprio, do campo de sua actividade ulterior. Não se pode agora dizer que seria lógico o indivíduo escolher a senda branca ao ser, dessa forma, colocado diante da decisão. Em verdade, isso depende inteiramente de, nessa ocasião, ele já se ter purificado o suficiente para nem um mínimo traço de egoísmo lhe tornar apetecíveis as seduções da bem-aventurança. Pois essas seduções são as maiores imagináveis. E, em verdade, do outro lado existem seduções especiais. Aqui, nada fala ao egoísmo. O que o indivíduo obterá, nas regiões superiores do supra-sensorial, não é algo que lhe aflui, mas simplesmente algo que dele irradia: o amor por seus contemporâneos. Nada do que o egoísmo exige faltará, de forma alguma, na senda negra. Pelo contrário: os frutos dessa senda levarão precisamente à mais completa satisfação do egoísmo. E se alguém quiser a bem-aventurança só para si, com toda certeza seguirá a senda negra, posto ser essa a que lhe convém. Que ninguém espere, pois, dos ocultistas da senda branca receber um instrução para o desenvolvimento do próprio eu egoísta. Eles não têm o mínimo interesse pela bem-aventurança individual. Que cada um a alcance por si. A missão dos ocultistas brancos não consiste em acelerá-la. Estes se preocupam simplesmente com o desenvolvimento e a libertação de todos os seres humanos e dos que lhe estão associados. Por isso, só dão instrução sobre como podemos desenvolver as próprias forças para colaborar nessa obra. Portanto, colocam a dedicação e a abnegação desinteressadas acima de todas as outras qualidades. Eles não rejeitam directamente pessoa alguma, posto que a pessoa mais egoísta também é capaz de purificar-se. Porém, quem procura algo somente para si, enquanto o fizer não encontrará absolutamente nada de parte dos ocultistas. Mesmo que estes não o privem de sua ajuda, ele, aquele que busca, priva-se dos frutos da ajuda. Quem, pois, realmente seguir as instruções dos bons mestres do oculto entenderá, após haver cruzado o limiar, as exigências do grande guardião; quem, no entanto, deixar de seguir essas instruções não poderá esperar jamais chegar até o limiar por seu intermédio. Suas instruções ou o conduzirão ao bem ou, então, a absolutamente nada. Pois uma direcção para a bem-aventurança egoísta ou para um mero viver no mundo supra-sensorial extravasa os limites de sua missão. Esta, de antemão, está disposta de modo a manter o discípulo distante do mundo supraterreno até que este o penetre com a vontade de colaborar com abnegação.

POSFÁCIO À ÚLTIMA EDIÇÃO DO AUTOR

A senda da cognição supra-sensorial, caracterizada nesta obra, leva a uma vivência anímica frente à qual é de especial importância que o aspirante não se abandone a ilusão alguma e a nenhum mal-entendido a respeito. E o indivíduo facilmente incorre em ilusão sobre aquilo de que aqui se trata. Uma dentre essas ilusões – especialmente grave – surge quando se desloca todo o âmbito da experiência anímica, ao qual se alude na verdadeira Ciência Espiritual, de forma a alinhá-lo nas imediações de superstição, sonhos visionários, mediunismo e outras tantas degenerações da aspiração humana.

Muitas vezes esse deslocamento provém do facto de as pessoas que desejam buscar um caminho para a realidade supra-sensorial de forma alheia à autêntica aspiração cognitiva – e, com isso, incorrendo nas citadas degenerações – serem confundidas com as que querem trilhar o caminho traçado neste livro. Aquilo que é vivenciado pela alma humana no caminho aqui aludido decorre inteiramente no campo de puras experiências anímico-espirituais. Só é possível vivenciar algo assim pelo facto de o ser humano ser capaz, também com relação a outras experiências interiores, de tornar-se tão livre e independente da vida corpórea quanto só na vivência da consciência comum o é, ao efectuar *pensamentos* acerca de percepções exteriores ou daquilo que interiormente é desejado, sentido e querido, não derivados do percebido, sentido e querido propriamente ditos. Há pessoas que não crêem, de modo algum, na existência de tais pensamentos. Opinam que o ser humano não é capaz de pensar coisa alguma senão o que extrai da percepção ou da vida interior condicionada corporeamente. E que todos os pensamentos, de certo modo, não passam de imagens projectadas de percepções ou de vivências interiores. Quem afirma isso apenas o está fazendo por jamais ter alcançado a faculdade de vivenciar, com sua alma, a pura e autónoma vida de pensamentos. Quem, porém, a vivenciou chegou a saber que, sempre que na vida anímica reina o *pensar,* na medida em que esse *pensar* permear outras funções anímicas o ser humano estará envolvido numa actividade em cuja realização seu corpo *não participa.* Na vida anímica comum, o pensar está quase sempre mesclado a outras funções anímicas, tais como: o perceber, o sentir, o querer e assim por diante. Essas outras funções são realizadas pelo corpo. Mas nelas interfere o pensar. E, na medida em que interfere, ocorre no ser humano – e através dele – algo no qual o corpo não participa. As pessoas que contestam isto não são capazes de transcender a ilusão originada pelo facto de sempre observarem a actividade mental conjugada a outras funções. Mas na vivência interior é possível alguém recobrar-se ao ponto de vivenciar a parte pensante da vida interior por si, também separada de tudo o mais. É possível dissociar da esfera da vida anímica algo que somente consiste em pensamentos *puros* – em pensamentos autónomos, dos quais foi desligado tudo o que se origine de percepção ou de vida interior corporeamente condicionada. *Tais* pensamentos se revelam por si próprios, pelo que são, como uma essência espiritual, supra-sensorial. E a alma que se une com tais pensamentos ao excluir, durante essa união, tudo o que sejam percepções, tudo o que sejam recordações, todo o restante da vida interior, saber-se-á, juntamente com o próprio pensar, numa região supra-sensorial e vivenciar-se-á fora do corpo. Para quem compreende plenamente esse estado de coisas, deixará de existir a pergunta: existe uma vivência da alma num elemento supra-sensorial exteriormente ao corpo? Pois para ele isto significa contestar o que sabe por experiência. Para ele só existe a pergunta: o que impede as pessoas de reconhecerem tal facto seguro? E a essa pergunta ele encontra a resposta no sentido de que o facto em questão é do tipo que não se revelará se o indivíduo não se transpuser a uma disposição anímica que o torne apto a receber a revelação. Ora, as pessoas tornam-se, de início, desconfiadas quando têm primeiramente de realizar, elas mesmas, algo anímico a fim de que um elemento independente delas próprias se lhes revele. Elas crêem então que, por terem de preparar-se para receber a revelação, também efectuam o conteúdo da revelação. Querem experiências para as quais o ser humano nada faz e perante as quais permanece inteiramente passivo. Se tais pessoas, além disso, ainda desconhecem as mais elementares exigências para a compreensão científica de um estado de coisas, verão nos conteúdos anímicos ou produtos da alma, nos quais a alma é pressionada abaixo do grau da actividade própria consciente existente nas percepções dos sentidos e no actuar voluntário, uma revelação objectiva de uma essencialidade *não*-sensorial. Tais

conteúdos anímicos são as vivências visionárias, as revelações mediúnicas. O que, porém, vem à luz através de tais revelações não é um mundo supra-sensorial, mas sim *infra*-sensorial. A vida desperta consciente do ser humano não transcorre integralmente dentro do *corpo:* transcorre, especialmente a parte consciente desta vida, no limite entre o corpo e mundo físico exterior; tal como a vida da percepção junto ao que ocorre nos órgãos dos sentidos, da mesma forma a influência de um acontecimento extracorpóreo no corpo é como um penetrar desse fenómeno a partir do corpo; e assim como a vida volitiva, que se baseia numa integração do ser humano à essência cósmica, o que ocorre no ser humano por meio de sua vontade é, ao mesmo tempo, um elo do acontecimento cósmico. Nesse vivenciar anímico que transcorre nos limites do corpo, o ser humano é dependente, em alto grau, de sua organização corpórea; mas também a actividade pensante interfere nesse vivenciar e, sendo esse o caso, o ser humano se faz independente do corpo quanto a percepções sensoriais e ao querer. Na vivência visionária e nas manifestações mediúnicas, o indivíduo entra em completa dependência do corpo. Ele exclui de sua vida anímica aquilo que na percepção e no querer o torna independente do corpo. E, através disso, conteúdos e manifestações da alma tornam-se meras revelações da vida corpórea. Vivência visionária e manifestação mediúnica são os resultados da circunstância de o indivíduo, no decurso desse vivenciar e manifestar, encontrar-se com sua alma menos independente do corpo que nas vidas perceptiva e volitiva normais. Na vivência do supra-sensorial referida neste livro, a evolução da vivência anímica segue justamente a direcção oposta à da visionária ou da mediúnica. A alma se torna progressivamente menos dependente do corpo do que é o caso nas vidas da percepção e da vontade. Ela alcança aquela emancipação compreendida na vivência de puros pensamentos, para uma actividade anímica muito mais ampla.

Para a actividade anímica supra-sensorial aqui aludida, é de importância extraordinária compreender o vivenciar do pensar puro em plena lucidez. Pois no fundo esse vivenciar, por si, já é uma actividade supra-sensorial da alma – apenas de um tipo por cujo intermédio ainda não se vê nada de supra-sensorial. Vive-se, com o pensar puro, no elemento supra-sensorial; mas supra-sensorialmente vivencia-se apenas *isso;* ainda não se vivencia nada mais nesse âmbito. E a vivência supra-sensorial tem de ser uma continuação daquele vivenciar anímico que já pode ser alcançado na união com o pensar puro. Por isso é tão importante poder experimentar essa união de maneira correcta. Ora, da compreensão dessa união emanará a luz capaz de também proporcionar um correcto *insight* na essência da cognição supra-sensorial. Tão logo o vivenciar anímico descesse abaixo da clareza de consciência que vive no pensar, este estaria, para a verdadeira cognição do mundo supra-sensorial, num caminho erróneo. Seria apanhado pelas funções corpóreas; o que viesse a vivenciar e apresentar não seria revelação do supra-sensorial por seu intermédio, mas revelação corpórea no âmbito do mundo infra-sensorial.

* * *

Tão logo a alma penetre com suas vivências no campo do supra-sensorial, essas vivências serão de um tipo que não será tão fácil abranger pela expressão linguística, como as vivências no âmbito do mundo sensorial. Nas descrições de vivências supra-sensoriais temos, muitas vezes, de conscientizar-nos de que de certa forma a distância entre a expressão linguística e o verdadeiro facto expressado é, aqui, maior que na vivência física. Deve-se adquirir uma compreensão para o facto de muitas expressões estarem apenas aludindo, com uma ténue ilustração, àquilo a que se refere. Assim, foi

escrito anteriormente: “Originalmente, todas as regras e ensinamentos da Ciência Espiritual são dados numa linguagem simbólica de signos.” Falou-se também de um “determinado sistema de escrita”. Assim, facilmente alguém poderá pretender aprender tal escrita de maneira semelhante àquela como se costuma aprender os signos dos fonemas e as junções dos mesmos para a escrita de uma linguagem física comum. Contudo, convém ressaltar: existiram e continuam existindo escolas e associações científico-espirituais sob cuja propriedade se encontram signos simbólicos, por meio dos quais expressam factos supra-sensoriais. E quem for iniciado no significado dessas imagens simbólicas adquirirá, por esse intermédio, um meio de dirigir suas vivências anímicas às realidades supra-sensoriais em questão. Mas, para o vivenciar supra-sensorial, considera-se muito mais que, no decurso desse vivenciar, a alma adquira a revelação de tal escrita através da contemplação do supra-sensorial, por experiência própria, tal como pode ser alcançada pela alma por meio da realização do conteúdo deste livro. O supra-sensorial diz à alma algo que esta terá de traduzir em signos ilustrativos, a fim de poder observá-lo com plena consciência. Pode-se dizer o seguinte: o que vem sendo comunicado neste livro *pode* ser realizado por cada alma. E no decorrer da realização, que pode ser determinada pela própria alma de acordo com as instruções dadas, os resultados apresentar-se-ão conforme descrito. Que se considere, pois, um livro como este tal qual um diálogo do autor com o leitor. Ao se dizer que o discípulo necessita de instrução pessoal, considere-se isso de forma que o próprio livro seja tal instrução. Em tempos passados havia motivos para se reservarem tais instruções pessoais ao ensino oral do oculto; no entanto, chegamos actualmente a um grau evolutivo da Humanidade no qual o conhecimento científico-espiritual deve experimentar uma divulgação muito mais ampla que anteriormente. Este deve estar acessível a todos de uma maneira completamente diferente de em tempos passados. Assim, o livro ocupa o lugar da antiga instrução oral. É apenas parcialmente correcto afirmar que, além do que está dito neste livro, se necessitaria de instrução pessoal. Um ou outro pode, obviamente, precisar de uma ajuda, e uma tal ajuda pode ser-lhe muito importante. Todavia, seria errado imaginar que existam assuntos essenciais não contidos neste livro. Esses assuntos serão encontrados, desde que se leia o livro correcta e, sobretudo, *integralmente.*

* * *

As descrições deste livro podem parecer tratar-se de instruções visando à completa transformação do indivíduo todo. Contudo, quem as ler correctamente verificará que nada pretendem transmitir além da disposição anímica interior que um indivíduo deve apresentar naqueles momentos de sua vida em que deseja defrontar-se com o mundo supra-sensorial. Essa disposição da alma é por ele desenvolvida como uma segunda entidade dentro dele; a outra entidade sadia continua seu curso como até então. Ele saberá manter separadas essas duas entidades em plena consciência; saberá colocá-las em reciprocidade mútua, de forma correcta. Não se tornará, através disso, inútil ou inapto para a vida, perdendo o interesse e a habilidade para com a mesma ou tornando-se “o dia inteiro um pesquisador espiritual”. Aliás, é preciso dizer que as vivências no mundo supra-sensorial irradiarão sua luz sobre todo o ser do indivíduo: mas isto não ocorrerá de maneira a desviá-lo da vida e, sim, de modo a torná-lo mais capaz, mais realizador para essa vida. A necessidade de, ainda assim, a descrição ser dada na presente forma provém do facto de cada processo cognitivo voltado ao supra-sensorial exigir o indivíduo por inteiro, sendo que no momento em que estiver entregue a tal

processo ele deverá fazê-lo com todo o seu ser. Tal como o processo da percepção da cor só ocupa a particularidade do olho com seu prolongamento nervoso, um processo cognitivo supra-sensorial exige o indivíduo todo. Este torna-se "todo olhos" ou "todo ouvidos". Por ser assim é que poderá parecer que se esteja falando, ao se informar sobre a formação de processos cognitivos supra-sensoriais, de uma transformação do indivíduo, como se nada houvesse de bom no ser humano comum e ele tivesse de tornar-se algo inteiramente diferente.

* * *

Ao que foi dito no capítulo: "Sobre alguns efeitos da iniciação", desejo ainda acrescentar algo que – com certas alterações – será válido para outras explanações deste livro. Alguém, certamente, poderia chegar a pensar: para quê tal descrição sobre configurações metafóricas de vivências supra-sensoriais? Não seria possível descrever esse vivenciar em ideias, sem tal simbolização? A isso deve-se replicar: para a vivência da realidade supra-sensorial, é essencial que o indivíduo saiba considerar-se, por si, um ser supra-sensorial no plano supra-sensorial. Sem olhar para sua própria entidade supra-sensorial, cuja realidade na descrição aqui dada das "flores de loto" e do "corpo etérico" é plenamente revelada quanto à sua espécie, o indivíduo vivenciar-se-ia no plano supra-sensorial como se estivesse no sensorial apenas de modo a se lhe revelarem as coisas e fenómenos em seu meio circundante, mas nada sabendo ele de seu próprio corpo. O que ele, no "corpo anímico" e "corpo etérico", contempla como sua configuração supra-sensorial, faz com ele se situe consciente de si próprio no plano supra-sensorial – assim como, por meio da percepção de seu corpo sensório, situa-se autoconscientemente no mundo sensorial.